



A IMPRENSA ALTERNATIVA, CLANDESTINA E NO EXÍLIO, NO PERÍODO 1964-1979 (DO GOLPE À ANISTIA)



as capas desta história



BNDES

U

D

C

G

M

e

J

U



G



as capas
desta
história

organização

RICARDO CARVALHO
coordenador
JOSÉ LUIZ DEL ROIO
VLADIMIR SACCHETTA
JOSÉ MAURÍCIO DE OLIVEIRA



V



F

D

b

P

a

APRESENTAÇÃO 6

- IVO E CLARICE HERZOG 7
PRECURSORES DESTA HISTÓRIA 9
IMPRENSA ALTERNATIVA 35
IMPRENSA CLANDESTINA 101
IMPRENSA NO EXÍLIO 133
IDAS E VINDAS DO ACERVO 170
TEXTOS EM INGLÊS 172
BIBLIOGRAFIA 186

O projeto "Resistir é Preciso..." - jornais que fizeram história - é uma iniciativa de resgate de um importante período da história brasileira. Entre 1964 e 1979, o país viveu o momento mais crítico de restrição à liberdade e ao acesso à informação. Ao impedir a livre difusão de notícias e opiniões, a censura oficial procurava impor uma determinada visão da realidade política e social do Brasil e dificultar o acesso a pontos de vista divergentes. Aqueles que tiveram a coragem de expor fatos e opiniões que o regime autoritário tentava ocultar cumpriram uma missão heroica, fundamental para a redemocratização do país. A imprensa alternativa contribuiu para o retorno da liberdade ao oferecer outras perspectivas sobre a realidade brasileira, lutando com as armas mais poderosas contra a arbitrariedade: as ideias e as palavras.

A liberdade de expressão e o amplo acesso à informação são elementos essenciais à democracia. Se hoje a imprensa não precisa mais se submeter à censura e o debate de ideias não apenas é aceito, mas exigido, isso se deve em grande parte ao pioneirismo desses veículos. Nesse sentido, os jornais alternativos mantiveram acesa a chama democrática durante as décadas de 1960 e 1970. Ao dar destaque a tais iniciativas, este livro não apenas exalta sua relevância, mas estimula o debate sobre o papel dos veículos alternativos na vida política brasileira e sobre a importância da liberdade de imprensa nos regimes democráticos.

Ao patrocinar esta publicação, o BNDES enfatiza a importância da imprensa livre e reafirma seu compromisso com a memória nacional, o desenvolvimento social do Brasil e a promoção dos direitos humanos, elementos fundamentais para o aprimoramento do regime democrático.

 BNDES o banco nacional
do desenvolvimento

Da ideia inicial de elaborar um livro diferenciado e pioneiro até o envio para a gráfica foram 90 dias de trabalho incansável de uma equipe que se comportou como se estivesse numa alegre e saudável linha de montagem, tal o entrosamento entre a pesquisa, as possibilidades do texto, a direção de arte e os cuidados de cada escolha para o encaixe perfeito, nas páginas duplas, das 340 ilustrações escolhidas com base em dois critérios aparentemente contraditórios: o rigor histórico e a liberdade jornalística.

Participaram diretamente desta aventura de final feliz: o editor de contexto, José Luiz Del Roio, o editor de pesquisa, Vladimir Sacchetta, o editor de texto José Mauricio de Oliveira e o jornalista Carlos Azevedo, como consultor, Kiko Farkas e sua sofisticada direção de arte, junto com Mateus Valadars, a historiadora Juliana Sartori, a jovem jornalista Paula Sacchetta e o pesquisador Luis Zimbarg, sob a coordenação da minha eterna curiosidade.

São quatro capítulos que obedecem a uma linha editorial muito clara. É dado o justo destaque a uma publicação historicamente importante e, na página espelhada, encaixamos as capas dos jornais ou revistas que ajudam a compor um quadro que é fundamental para entender a história recente do Brasil, sem os filtros da análise mais tradicional.

Temos até a ousadia de dizer que está todo mundo aqui, como joias raras que finalmente ganham o palco e o reconhecimento. Uma delas é o jornal *do Subíroff*, editado em 1920 por um filho dileto da burguesia paulista, que surpreende em todos os quesitos: criatividade, atrevimento e humor.

Ô gosto abrir o capítulo Imprensa Alternativa com o *PifPaf*, ousadia de Millor Fernandes,

que colocou nas bancas a sua revista semanas depois

do golpe de 64 e deu no que deu.

O capítulo sobre a imprensa clandestina deixa claro, pelos fac-similés apresentados, a enorme dificuldade de fazer e distribuir publicações que, em muitos casos, eram o único oxigênio possível para o contato entre militantes de organizações extraoficiais pela ditadura.

No capítulo Imprensa no Exílio estão as publicações que, feitas por brasileiros exilados, correram mundo denunciando os desmandos do golpe militar. Este material foi reunido em 34 anos de paciente trabalho de José Luiz Del Roio e é, pela primeira vez, mostrado.

E mais. A cada início de capítulo, você terá o prazer de ler uma introdução que o coloca dentro das várias histórias.

Portanto, aguace o olhar, prepare o espírito, porque chegou a hora de ter um grande prazer intelectual.

Ricardo Carvalho
Editor

São muitos os prazeres da vida para quem mergulha no resgate dos fragmentos da história recente do país. Nós, do Instituto Vladimir Herzog, temos, além do prazer, a exata sensação do dever cumprido ao lançar esta publicação pioneira: As capas desta história. São 188 páginas de muita pesquisa, muita descoberta, muita emoção a partir desse olhar diferenciado que percebe a história embutida em milhares de páginas da imprensa alternativa, clandestina e no exílio que souberam resistir, com inteligência e coragem, aos desmandos da ditadura militar no período 1964-1979, do golpe à Anistia. Ampliamos o período da pesquisa e fomos buscar inspiração nos Precursors desta História, título do primeiro capítulo, que revela, a partir de 1808, as diferentes formas dessa mania nacional de fazer jornais de oposição e resistência ao poder. Seja ele qual for.

No primeiro produto do projeto "Resistir é Preciso..." - Os Protagonistas desta História - patrocinado pela Petrobras, entregue ao público em 27 de junho de 2011 - as nossas equipes de pesquisadores e jornalistas levantaram 60 nomes de "fazedores de jornais" e com eles gravaram 106 horas em vídeo HD.

Neste segundo produto - As capas desta história - foram necessárias semanas e semanas de pesquisa, uma consulta permanente a centros de memória importantes, como o Cedem, da Unesp, o Acervo Iconographia, reunido pelo jornalista Vladimir Sacchetta desde o fim dos anos 70, e o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Chegamos assim a mais de 300 capas das publicações que fazem parte desta história e, a partir de agora, deste livro. Originalmente uma capa com a ilustração ao lado, um desenho do Vlado feito por Elifas Andreato para o jornal Movimento. Aliás, esse número do jornal foi censurado.

O livro também teve a coragem de assumir a sua "porção ilustrações" ao dar total prioridade a capas, desenhos, caricaturas e buscar, com textos curtos, contextualizar o casamento das várias publicações, dispostas em páginas duplas.

Aos apoiadores - BNDES, Camargo Correa e Souza Cruz - nosso reconhecimento e nosso agradecimento, além da certeza de que eles também tiveram sua cota de prazer ao tornar possível este livro e suas revelações.

Finalmente, o Instituto já está trabalhando para dar continuidade ao projeto "Resistir é Preciso..." com os seguintes produtos: 10 documentários, já incentivados pela Ancine e com exibição garantida na TV Cultura (SP) e TV Brasil; dois livros, Os cartões desta história e As crônicas desta história; além da exposição em quatro capitais.

Ivo e Clarice Herzog



D S

G G

PRECURSORES DESTA HISTÓRIA

Ricardo Carvalho

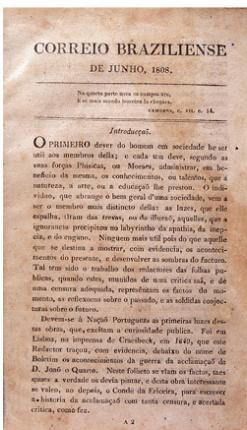
Este primeiro capítulo, *Precursors desta História*, não estava originalmente previsto no livro. Mas, como contar uma história, mesmo sem os rigores do método, deixando de lado jornais e jornalistas que construiram uma trajetória de resistência ao poder instituído, expressa desde o primeiro jornal brasileiro, *Correio Braziliense*, editado em 1808, em Londres, por Hipólito José da Costa. Resistência que seguiu pela história, deixando uma espécie de herança malditamente coragem, força e desapego. Desapego, como de Cipriano Barata, de 1823, preso a cada edição do seu *Sentinel da Liberdade*.

Força, como a imprensa anarquista do começo do século XX e seus jornais feitos em línguas estrangeiras para chegar mais perto das colônias italiana, espanhola e alemã. Coragem, como do jornal *Binômio*, de Minas Gerais. Seu editor, o jornalista José Maria Rabélo, trocou socos e rolou no chão com um general que tinha ido à redação reclamar de uma reportagem.

Sem contar o Barão de Itararé, que de barão só tinha uma fina ironia, que se tornou o guru das publicações de sátira e humor, inspirando um enorme séquito de herdeiros e admiradores.



Hipólito José da Costa
Pintor: Portale de Andrade
Ano: 1802



CORREIO BRAZILIENSE *

DE JUNHO, 1808.

Ninguém pertence ao sapato seu,
e o sapato pertence ao sapateiro.
Caxias, 6. 18.

Introdução.

O PRIMEIRO dever do homem em sociedade é auxiliar aos membros della, e cada um deve, segundo as suas forças físicas, ou mentais, adotar, em benefício dos outros, aquela conduta que lhe seja mais agradável, a arte, ou a educação que preste. O homem, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o que mais distingue dellas as outras, que elle esquiva; (uma vez que o homem é o que mais tem e ignora) e precipita no labirinto da prudéia, da ingênuica, e descrença. Ninguém mató till poi de que aquelle que é de fato, a alma, com evidéncias, os acontecimentos do presente, e descreveu o futuro, e o passado.

Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas publicadas nesse país, embalados de suas críticas, e de suas censuras amedrontadas, representando os fatos da mesma, as reflexões sobre o passado, e as solícitudes conjecturais sobre o futuro.

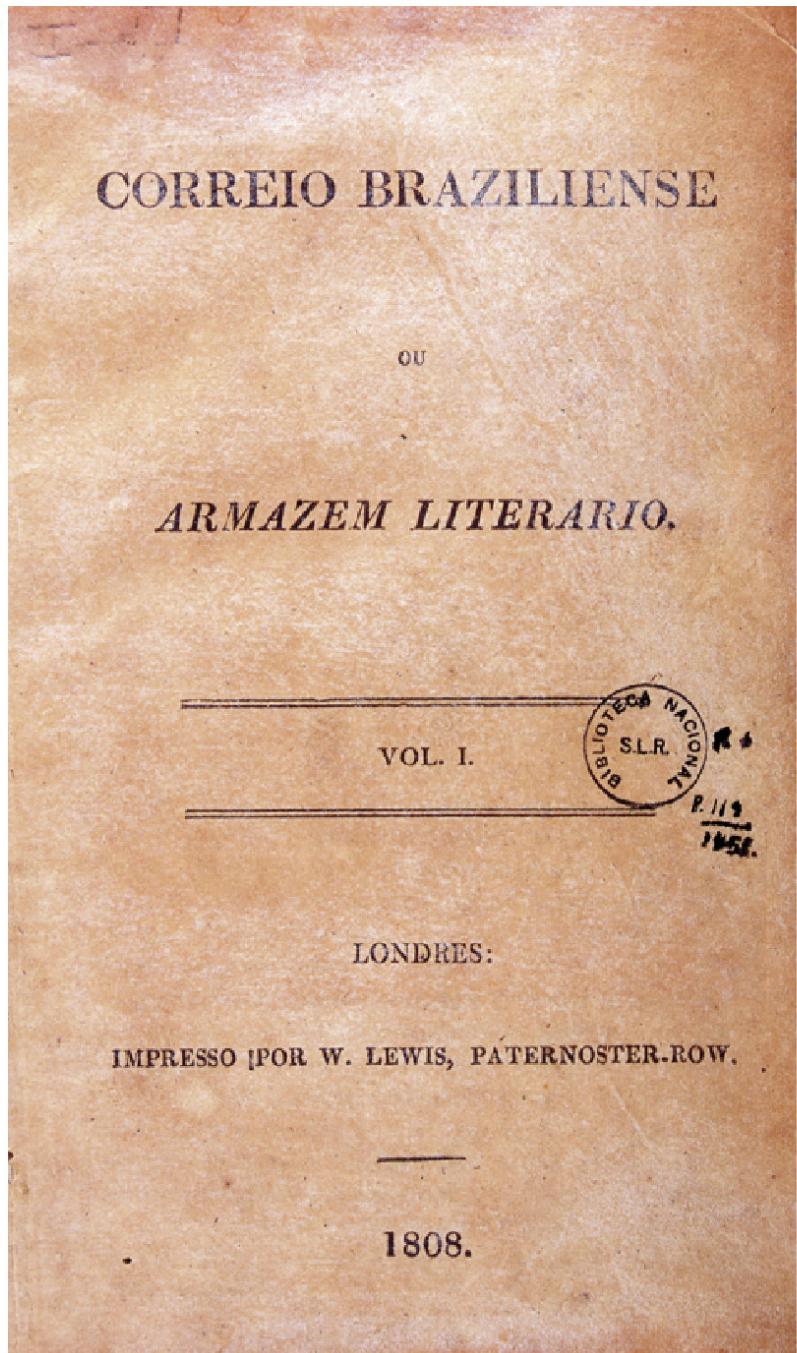
Escrevi, na Noite Protagonista, o primeiro número desse almanaque, na véspera da sua publicação. Foi em Lisboa, na impressão de Crocker, em 1849, que esse Redator trouxe, com evidéncias, debaixo do nome de Bobino, a demonstração da guerra da reclamação de D. José e o General. Ninguém, entretanto, quis querer a verdade ou deixa pistas, e destas obscuras tenebras se velou, no depois, o Conde da Ericeira, para exercer a faculdade da reclamação com tanta censura, e acelera critica, como fez.

Não é à toa que o Correio Braziliense, fundado em 1808, inaugura a primeira página desse primeiro capítulo. Além de ser considerado o primeiro jornal da imprensa brasileira, o Correio também se relaciona a dois dos três capítulos do livro: exílio, porque era feito em Londres, onde vivia seu editor, Hipólito José da Costa; clandestino, porque assim era distribuído no Brasil para escapar da censura da Corte.

1. Hipólito José da Costa iniciou-se nas letras em Porto Alegre, foi para Portugal estudar Ciências Jurídicas e Filosofia na Universidade de Coimbra. Por ser maçom, foi preso em Portugal. Como maçom, recebeu proteção na Inglaterra e ganhou cidadanía inglesa. De lá, infernizou a vida da Corte Portuguesa no Brasil, lutando pela Independência. Nunca voltou à terra natal.

2. Formato brochura, mensal, as edições variavam entre 96 e 150 páginas. Trazia notícias internacionais ao lado de temas de interesse da incipiente sociedade brasileira. Deixou de circular em dezembro de 1822, logo após a Independência. Com ela, o jornal havia cumprido seu papel.

3



1808.



4



5



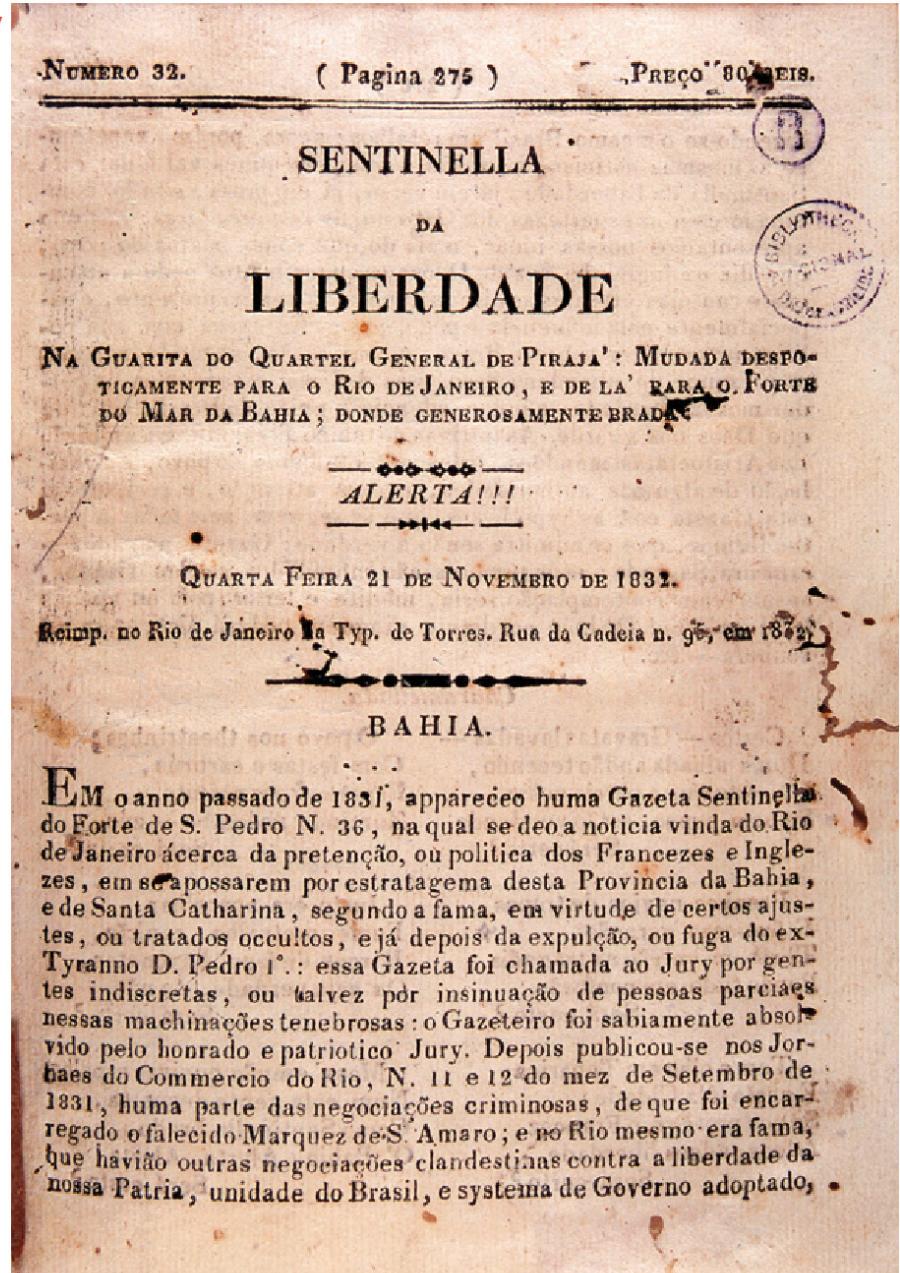
6

O jornal *Sentinela da Liberdade*, de 1823, foi implacavelmente perseguido pela Coroa. Por conta dos artigos libertários, seu editor Cyriano Barata ficou sete anos preso em Recife. Ao sair da cadeia, lançou em 1831, na Bahia, um *Sentinela* no mesmo estilo libertário. Encarcerado em seguida, passa a incorporar no título do jornal os locais onde ficou preso ao longo da vida. Só o título do *Sentinela à direita tem 31 palavras!* Nasceu, nessa época, o jornalismo de oposição, marca registrada da nossa cultura.

4. En Portugal, Cyriano Barata estudou Filosofia e conheceu as ideias da Revolução Francesa. No Brasil colocou tudo isso em prática em seu jornal, e defendeu, inclusive, melhores condições para os presos políticos.

5. Frei Caneca nasceu em Recife em 1779. Dedicou a vida à luta contra o governo central português. Fundou o jornal *Típhis Pernambucano*, tentou fundar uma república separatista e acabou fuzilado em 1825.

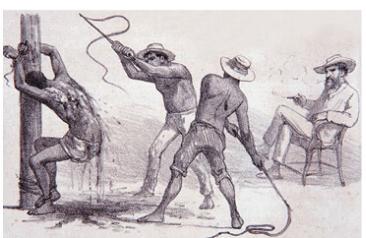
6. O jornalista Libero Badaró chegou da Itália em 1826, fundou seu jornal três anos depois e criticava duramente o imperador. Durante uma passeata em 1830 levou um tiro, posto pela História na conta de dom Pedro I.



8



9



10



11

Quando a Revista Ilustrada foi criada em 1876 pelo italiano Angelo Agostini, reinava absoluta a Semana Ilustrada, do alemão Henrique Fleuiss, considerado o primeiro grande cartunista de nossa imprensa. A Revista era abolicionista, republicana e calou no gosto popular pela sátira e crítica aos desmandos da Corte. A Semana, mais contida, não fazia críticas, por exemplo, a don Pedro II. Resultado: as duas publicações viviam às turmas, como comprovam as ilustrações da página da esquerda.

8. Angelo Agostini, em autocaricatura publicada na Revista Ilustrada, estudou Belas Artes em Paris. Em 1864 lançou, com o líder abolicionista Luis Gama, o Diabo Coxo, que circulou dois anos em São Paulo.

9. No Cabido de 1867 Agostini investe contra a corrupção e Pedro II que, no fundo à direita, observa impassível o movimento no balcão do Ministério. Suas críticas provocaram a devassa do jornal pela polícia.

10. Ilustração da série "Cenas da escravidão patrocinadas pelo Partido da Ordem sob o glorioso reinado de D. Pedro II, o grande", publicada em 1886 na Revista Ilustrada, considerada por Joaquim Nabuco a "Bíblia da Abolição".

11. Em sentido oposto ao engajamento da Revista Ilustrada, Henrique Fleuiss, autocaricaturizado como Dr. Semana na charge, traz para as páginas da sua Semana Ilustrada uma visão cordial das relações entre brancos e negros.

12



Fundado em 1917 por Edgar Leuenroth, A Plebe se tornou, seguramente, o mais importante jornal anarcossindicalista do período. Chegou a ter circulação diária em 1919, quando foi empastelado por alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. A Plebe tinha ampla rede de distribuição e de colaboradores importantes, como Astrojildo Pereira. Mesmo duramente perseguido por levantar a bandeira do anarquismo e do sindicalismo contra a opressão do Estado, o jornal conseguiu sobreviver até o começo dos anos 50.

13. Com um traço marcante da época, O Parafuso denuncia, na capa, o empastelamento do jornal A Plebe. Una revista progressista, democrática e nem sempre de oposição, O Parafuso circulou entre 1917 e 1920.



14. A partir de 1893, o jornalista Edgar Leuenroth passou a vida trabalhando e fundando jornais anarquistas e operários. Tanto fez por essa imprensa que o acervo sobre o tema na Unicamp tem seu nome.

15. Mesmo em 1933, A Lanterna conseguia ser um jornal anticlerical. Pregava a educação leiga e a liberdade de costumes. De quebra, fazia referências ao movimento operário da época, paixão de seu editor Edgar Leuenroth.

16. Flagrante da greve de 1917, em São Paulo, que Leuenroth ajudou a organizar. Foto semelhante foi publicada na primeira página de A Plebe.

Em 6/5/6

A PLEBE

ASSINATURAS
Ação... R\$500 — Sêmenio... R\$500
PAGAMENTO ADIANTADO

Tocha a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO (Brasil)

ANNO I — NUM. 6
21 de Julho de 1917
PUBLICADA ANOS SABADOS

Os anúncios na 4a página são inseridos a razón de R\$00 réis
por centímetro de coluna

PRENUNCIO DE UMA ERA NOVA

O proletariado em revolta affirma o seu direito á vida

Colossal movimento de protesto — A imponente greve geral paralisou toda a vida da cidade — A plebe faminta praticou a expropriação — Os cerberos dos ladrões do povo deram largas à sua fúria vandalica — Assassinos, esfacelamentos, assaltos a associações e a domicílios — estiveram na ordem do dia — Os obreiros, apesar de tudo, conseguiram a sua primeira vitória — E' preciso, porém, estar diâtra, para não serem victimas de uma torpe traição.

Promido por uns situações de torturas morais e de dureza, outras, por um sentimento de misericórdia, os cidadãos das mais liberais ampararam a fruteira existência — A humilhação, a fome, o desespero, perdes e ganhas, ultimato e audas, sótão dão vida!

Foi um belo, um impetuoso momento de protesto que se iniciou contra a vergonha operária.

A liberdade delle pode não resgatar os direitos que foram perdidos.

Tentar por uns corpos de tecelões, entorpecer-se rapidamente e, em quanto dia, parar a vida, é uma伟ura de desespero, no capital, evidente a todos os que vivem rodeados de opressão.

Todas as classes laborantes exprimiam-se ou arrestando pelo protesto, ou lutando.

A solidariedade dos operários destrói a incerteza latente e salva para a vida os feridos.

Naquela tarde, quando o povo contagiado por Martínez. Foi dia depois, muitos trabalhadores, já cansados de lutar, se voltaram ao lar do operário.

Qu tremendo luto! Se cada dia de protesto é um dia de dor, cada hora perdida, offere um dia de morte.

A liberdade, porém, é de outra espécie que a morte organizada e desorganizada.

União Sagrada

O imponente movimento que acreditamos ser a maior evidência da crescente solidariedade entre os grandes burgueses e os patrões que, em sua extrema justiça, e, portanto, em sua ignorância, os levaram, ontem, às forças da reação — governo e partidos — e os levaram a um dia de protesto das revindicações proletárias que essa cidade já via.

Solidariedade, que é de fato, entre os patrões e os operários explorados nos quartéis. Os burgueses, em nome de haver dado o que podiam, e que queriam prever para levantar a classe operária, que procuravam assegurar o próprio direito à vida, reclamam não para os homens libres e justos para todos.

Eles acham que interviram os patrões, com quem o Comitê entrou em relações.

Explodidas terá?

Não denunciou o vosso foto todos os patrões, nem os operários, das fábricas, dos transportes, dos serviços, que queriam prever para levantar a classe operária, que é uma verdade para elas que fizeram tudo, e, um martírio para os que viveram, transformaram em alguma das vossas formas de miséria e de sofriente.

Quando abriu fogo nos quartéis, que é a morte, que é a vida?

As armas de fogo e a lei, emanadas da força e da vontade das classes dominadoras, que é sagrado e inviolável o direito de propriedade.

Há um unico direito inviolável, que é o direito a viver, a ser paido por aqueles que acreditam à justiça social, que é o direito a viver, a ser paido por aqueles que acreditam à justiça social.

Os códigos e a lei, emanadas da força e da vontade das classes dominadoras, que é sagrado e inviolável o direito de propriedade.

É um direito inviolável, que é a morte, que é a vida?

Os atos de morte de fome e privação de morte combatendo.

A Plebe

Apesar do prouresso moderno, ser delicado á greve, não compõem todo a matéria, que sozinha nos numeros subsequentes.



18



19



20



21

Esta página espelhada é uma homenagem ao jornalista Astrolildo Pereira, por um motivo muito simples: foi no acervo que ele montou ao longo da vida que encontramos publicações raras para fechar as capas desta história, como este O Debate, lançado no Rio de Janeiro em 1917, onde ele escreveu artigo histórico sobre a gênese da Revolução Russa. Anarquista, depois comunista, Astrolildo cultivou a paixão pela leitura de tudo o que diz respeito ao movimento operário, independentemente da tendência e da facção.

18. O jornalismo foi outra paixão de Astrolildo. Trabalhou na Classe Operária, no Diário de Notícias, na revista Diretrizes e publicou também o volume Interpretações sobre literatura, com destaque para Machado de Assis.

19. Crônica Subversiva, de 1918, mostra a capacidade de trabalho de Astrolildo: ele escrevia tudo sozinho, criava pseudônimos para ele mesmo, num jornal semanal, que durou meses. O acervo está guardado no Ceden, Centro de Documentação e Memória da Unesp, em São Paulo.

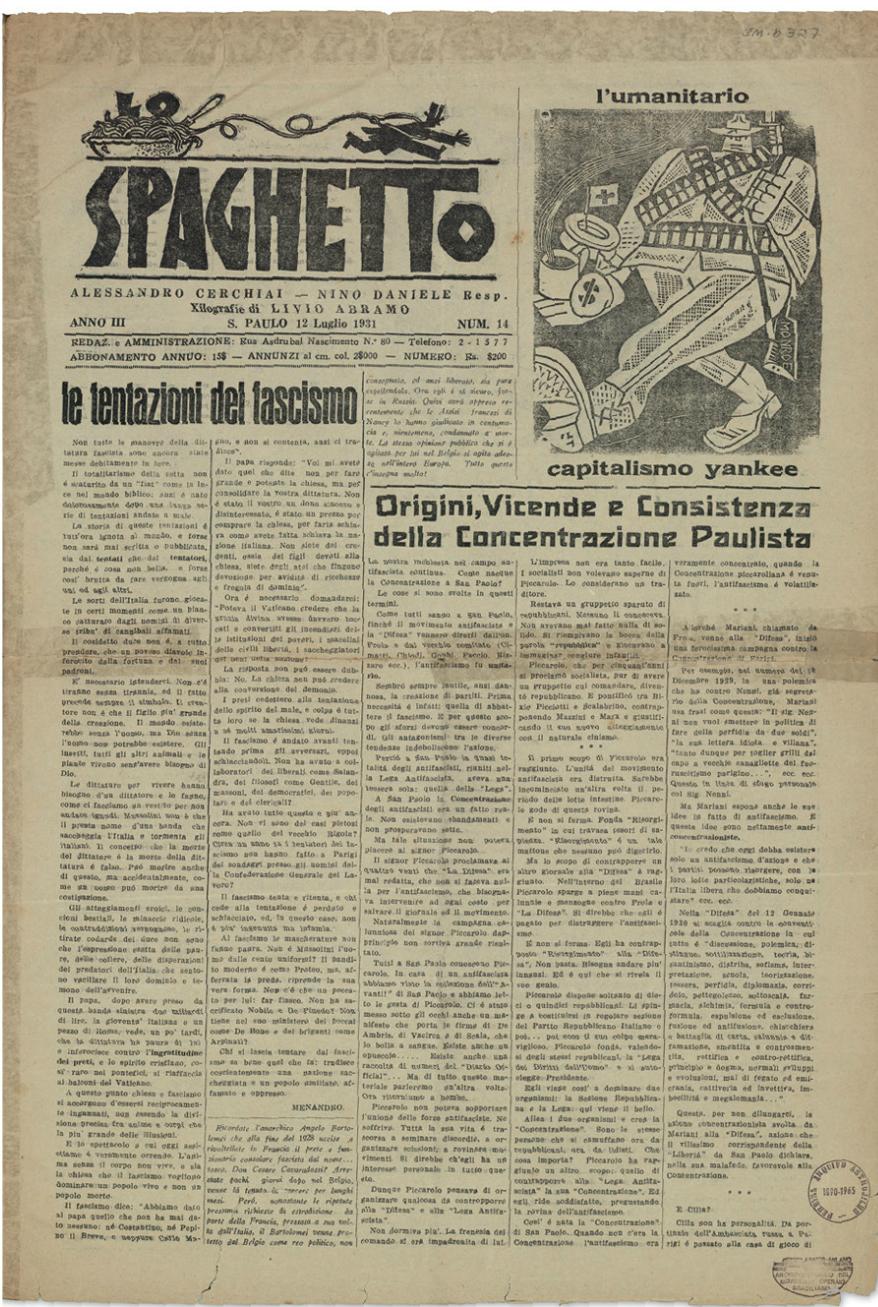
20/21. Spartacus, publicado no Rio de Janeiro entre 1919 e 1920. O jornal reuniu a primeira vez Astrolildo Pereira, Octávio Brandão e Antônio Bernardo Caneillas, que teriam papel importante na ruptura com o anarquismo e na formação do núcleo comunista dos anos 20. Spartacus conviveu com a perseguição policial durante todo o período em que foi publicado, como na foto em que o jornal é apreendido.



A imigração italiana e alemã trouxe ao Brasil uma nova força de trabalho e um novo modo de fazer política. O jornal Spaghetto é um bom exemplo dessa vontade italiana de participar da festa. Editado em 1931, escrito obviamente em italiano, Spaghetto exibe na capa a crítica ao capitalismo norte-americano com uma xilogravura de Livio Abramo — uma família que povoou redações paulistas — e marca forte posição contra o fascismo instalado na Itália desde 1922.

23. Alba Rossa — Alvorecer Vermelho — de 1931, também escrito em italiano, retrata a posição que os anarcossindicalistas de São Paulo adotaram, inicialmente, em apoio à Revolução Soviética. Em seguida, iriam se escandalizar com a repressão do governo soviético aos anarquistas russos.

24. Martello e Foice, de 1924, gaúcho, é a porção alemã do jornalismo praticado na época com tradução simultânea para o português. E não é difícil imaginar a tendência comunista pelo próprio nome do jornal, não é verdade?



Uma capa rebuscada, cheia de simbolismos, *O Trabalhador Gráfico*, de 1920, representava a categoria profissional de todos os "fazedores de jornais", de gráficos a jornalistas, e, por conta disso, era uma associação muito influente. O jornal sobreviveu até 1928 e foi um dos principais porta-vozes das lutas operárias no período. Contra a maioria dos sindicatos da época, tinha a Revolução Russa como farol e espejo.

26. *O Cosmopolita*, de 1918, representava uma das maiores categorias profissionais da época: os empregados de hotéis, restaurantes, cafés e bares. Como nesse período a classe operária nas fábricas ainda era incipiente, a união dos trabalhadores do setor terciário formava a vanguarda do movimento. Colaboravam no jornal, entre outros, Astrogildo Pereira e Octávio Brandão.

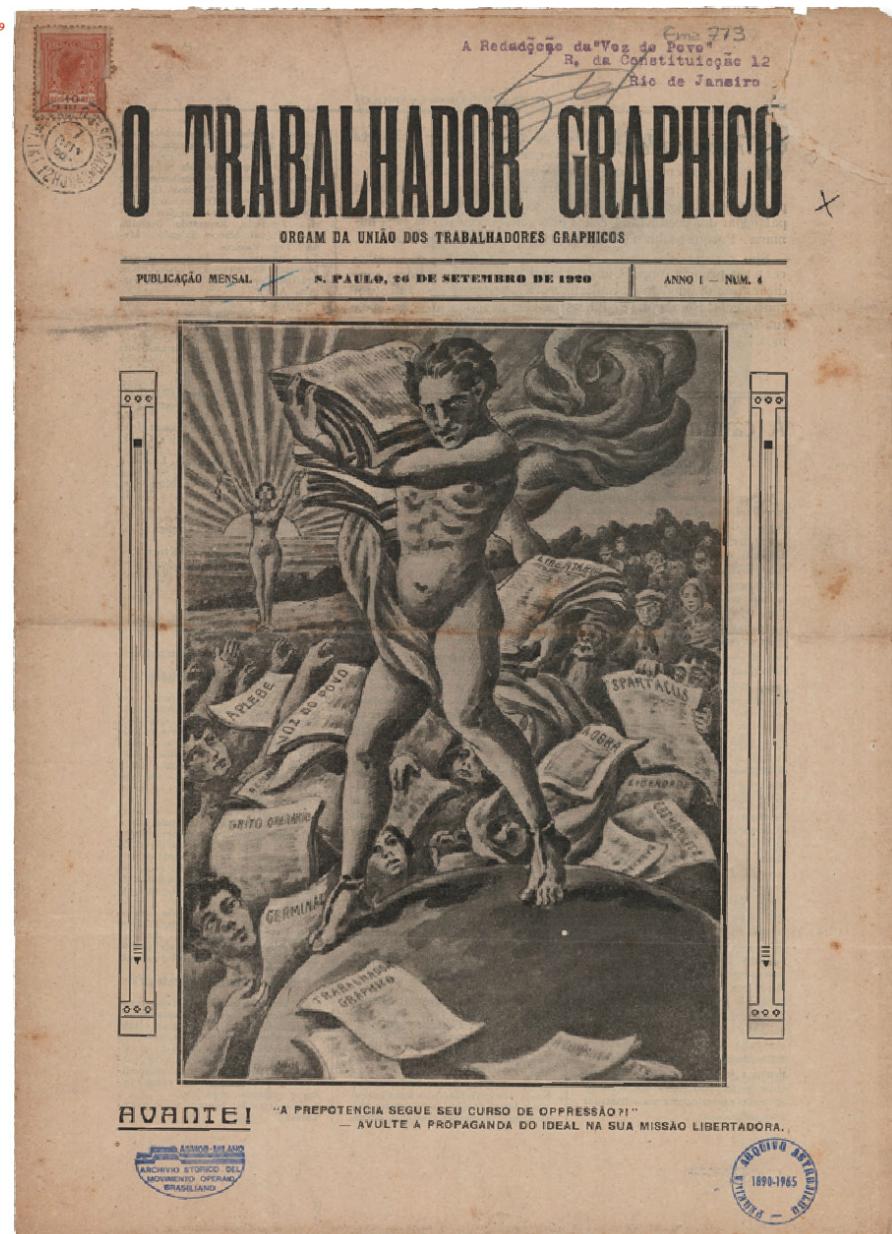
27. *O Despertar* (1921). Os sindicatos, nesse momento, eram sempre chamados de "órgãos", "alianças" ou "agrupamentos", já que foram proibidos por lei. O 1º de Maio, Dia do Trabalhador, era sempre muito festejado e as publicações feitas com cuidado especial, em edições mais bonitas, mais caprichadas e a tiragem e a distribuição aumentava muito nessa época.

A batalha pela jornada de 8 horas diárias era a maior reivindicação desses grupos. Era, na verdade, a luta comun de todos os sindicatos.

28. *A Voz do Sapateiro*, de 1921, é um ótimo retrato dos jornais e das categorias profissionais em suas passagens do anarcossindicalismo para o sindicalismo revolucionário, defensor da Revolução Russa.



29



A Hora Social surgiu entre 1919 e 1920 em Recife. De tendência sindical revolucionária, propunha a formação de uma frente única proletária. O jornal era muito benfeito e pretendia, a partir da capital pernambucana, irradiar as ideias básicas do sindicalismo, do socialismo e da própria Revolução Russa para o Nordeste, uma região onde o debate sobre a questão social, por conta de uma classe operária ainda incipiente, estava em seus estágios iniciais.

30. Editado em Porto Alegre de 1909 a 1918, A Luta era a publicação oficial da União Operária Internacional. Apesar das naturais dificuldades de comunicação na época, havia no país uma surpreendente rede de divulgação e distribuição de jornais dessa natureza, que permitia a circulação, pelo território nacional, dessa imprensa regional.

31. Editado na Amazônia, em 1919, mais precisamente em Belém do Pará, O Semeador era um jornal claramente revolucionário, embora eclético ao nescalar, por exemplo, posições socialistas e positivistas.

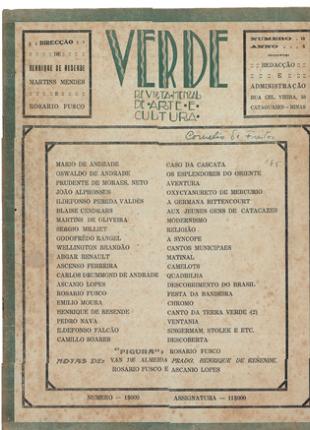


O Jornal do Subiroff é uma das joias raras desta coleção pela ideia original e o mistério criado. Em 1920, Nereu Rangel Pestana, filho de Nestor Pestana, diretor de redação de O Estado de S. Paulo, aproveitou a boataria sobre a Revolução Russa de 1917, inventou um personagem - Ivan Subiroff - criou o jornal e deixou a polícia e a burguesia aterrorizadas com a presença em solo brasileiro de tal delegado russo. Filho da burguesia, Nereu conseguiu a proeza de fazer um jornal com artigos sérios, e cujo personagem principal simplesmente não existia.

33. "Não temos generais nem profetas. Somos a opinião livre mas bem informada". Assim começava o primeiro editorial de O Homem do Povo, de 1931, que durou apenas 18 dias e oito números. Sobreviveu a duas tentativas de empastelamento pelos estudantes da Faculdade de Direito e acabou fechado pela polícia.

34. Oswald de Andrade, editor do jornal, era uma espécie de enfant terrible da época. Filho da burguesia (como Subiroff), sempre à frente de seu tempo, uma aguda sensibilidade social, ele atacava duramente o imperialismo norte-americano e louvava, abertamente, a União Soviética.

35. Patricia Galvão, a Pagu, cofundadora do jornal, assinava a coluna A Mulher do Povo. Ativista política, foi presa diversas vezes e sempre defendeu a maior participação da mulher na vida do país.

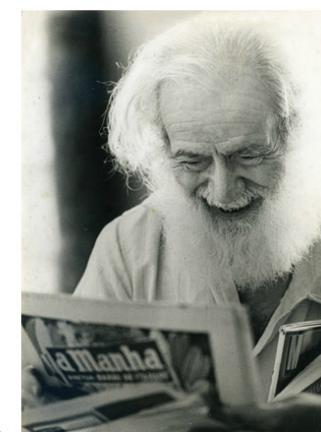


A revista tinha uma capa e um nome - Klaxon - inusitados, uma redação cheia de intelectuais e representava o sentimento da Semana de Arte Moderna de 22. Nasceu, com esses atributos, a primeira revista modernista brasileira. Revista, não. Um mensão como definiram seus criadores: "Klaxon cogita principalmente de arte. Mas quer representar a época de 1920 em diante. Por isso é polimorfo, onipresente, inquieto, cômico, irritante, contraditório, invejado, insultado, feliz". Ah, sim, Klaxon é buzina, em francês.

37. Revista de Antropofagia. Antropofagia, porque propunha que a cultura estrangeira fosse engolida pela cultura nacional para acabar com a dependência brasileira do vinho de fora. Fundada por Oswald de Andrade em 1928.

38. A revista Verde, criada em 1927, é de Minas, teve Carlos Drummond de Andrade como colaborador, tratava de arte e cultura e sobreviveu até 1929.

39. O Maracajá é do Recife, com redação na rua da Imperatriz, 179, e tinha em seu cardápio política, crítica e literatura.



Será que todo mundo sabe de onde o jornalista Aparício Torelly tirou a ideia de ser o Barão de Itararé? Tirou do nome de uma batalha que não houve, na Revolução de 1930, a de Itararé, cidade na divisa de São Paulo com o Paraná. Esse tipo de coisa é a cara dele: irreverente, destenido, insistente e muito, mas muito criativo. Trabalhou, por exemplo, no jornal *A Manha* e, quando saiu, fundou seu próprio jornal, *A Manha*, que fechou e abriu cinco vezes, por conta da perseguição policial e porque, às vezes, não sobrava dinheiro para editá-lo. O último fechamento foi em 1952.

41. *A Manha* foi fundado em 1926. Sempre bem-humorado, o jornal, em 1929, também circulou por quatro meses como encarte do *Diário da Noite*, que dobrou sua tiragem na primeira semana e chegou a vender 125 mil exemplares.

42. O Barão de Itararé queria, com certeza, provar de tudo. Foi jornalista, deputado federal, vereador do Partido em 1947. Passou a colaborar no *Jornal do Povo*, cuja manchete de 1934 já devia ser de sua lavra: "Um integralista não corre: vôlea..."

43. Esse sorriso aberto do Barão de Itararé talvez sintetize o que ele mais fez por aqui em seus 76 anos de vida: se divertir - ou com seu humor sofisticado, ou com sua eterna impaciência com o autoritarismo.

44. Em 1949, depois de *A Manha* ter sido fechado quatro vezes, o Barão de Itararé lançou o *Almanaque*, uma publicação de formato entre revista e um livro e que manteve a linha das críticas às elites e aos governos autoritários.

a manha

ANNO I — N. 48

— Director: APPARELTY —

RIO, 19 - 0 - 1950

E' gravissima a situação do paiz

Como repercutiu no estrangeiro a notícia do ultimatum que o nosso querido director enviou ao presidente da República

Causou profunda emoção em todo o mundo a circulação, impulsionada vibrantemente, da alarma neoscotiana a nota de última hora, publicada em nosso número passado e pela qual o paiz teve conhecimento do energico ultimatum que o nosso querido director — chefe civil da Revolução Brasileira — enviou na madrugada de 5 de corrente, ao dr. Vaz Antônio Luís, dando-lhe o prazo impagável de 70 dias para abandonar a presidência da República.

A REPERCUSÃO NO PAIZ E NO ESTRANGEIRO

Essa alvitrejada notícia, além do justo julgo cívico que despertou nas camadas populares já que compreendiam desse modo a possibilidade de surgir, neste momento, no meio de tantas indignidades, um homem de energia, deve ainda uma profunda repercussão no estrangeiro, ecossendo favoravelmente nas praias de Londres e Nova York.

A hipótese de vir o nosso querido director dum instante para outro, a assumir o governo do paiz, restabeleceu a confiança nos meios financeiros do exterior, determinando, por isso, uma sensível melhora cambial.

O DR. VAZ ANTÔNIO SOFFRE GRANDE ABALO MORAL

Impressionadíssimo com o ultimatum que recebeu para abandonar o governo dentro de 70 dias (hoje faltam apenas 63) o dr. Vaz Antônio Luis dormiu pouco e comido pouco, estando ainda com a barba crescida, polêmica que teve conhecimento da emergência. O presidente não mais se escondeu, como era de seu costume diário.

Um dos nossos fotógrafos conseguiu agarrar um flagrante do chefe da Nação, de barba crescida, forçando um



O dr. Vaz Antônio Luís, de barba crescida e visivelmente desfigurado, depois que recebeu o ultimatum
(Photo: MANHA)

da cara do homem, que está visivelmente desfigurado, poder bem avistar a tragédia que, nesta hora, o assombrava. OS FACTOS SE SUCCEDEM COM EXTRAORDINARIA RAPIDEZ

Como na Argentina e em toda a parte do mundo, os fa-

sorriso, para disfarçar a gravidade da situação.

O leitor inteligente, porém, através dos silêncios profundos

entre nós vão se sucedendo com extrema rapidez. Mas esse é um direito que o público não pode desrespeitar e imediatamente confiança.

O INTERESSE DOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Ca correspondentes dos jornais estrangeiros, nossa capital, estão acompanhando vivamente os acontecimentos, procurando entrevistar a cada momento o bravo pamphletário que dirige esta folha, o qual, entretanto, para deslizar, mantém absoluta reserva, fechando-se em copas.

Interrogado, ainda hoje de manhã, pelo correspondente da "La Prensa" de Buenos Aires, que descia saber se o nosso chefe mantinha correspondência cifrada com o general Uruburu, afim de não levantar suspeitas, o nosso querido director nada quis informar, limitando-se a sorrir significativamente.

ULTIMAS NOTAS

Como se vê, a coisa está por pouco.

O nosso chefe, cercado sempre de seus numerosos auxiliares, em virtude da insolvel crise que atravessamos, encontra-se em rigorosa prisão, tendo até determinado a suspensão de todos os pressionamentos folhas de dia.

Para se avistar o instante de euforia e alegria política que estamos vivendo, basta dizer que o nosso chefe, há 5 dias que não dorme, só dorme de noite.

PRISÃO E VENDE? MINORATIVAS

Apesar de deprimidos pelo povo, o sr. Antônio Luciano mandou abrir todos os seus cinemas. É um homem que não pode ver nada fechado.

BINÔMIO
REVISTA E ÁLGUA FRESCA

ANO I — NÚMERO 17 — 17 DE FEVEREIRO DE 1952 — PAG. 1

TAMBÉM SOMOS DA QUEBRADEIRA

Duzentas e sessenta e nove páginas ao leitor

Quando há falta de dinheiro, o povo se desespera. Mas esse é um direito que o público não pode desrespeitar.

ISSO É Belo Horizonte:

Esquarte a população, já que, evidentemente, os Belo Horizontinos não querem que os preços paguem aumentos absurdos. Mas, é preciso que o povo respeite os direitos de quem produz.

Também o governo tem o seu binômio

ENERGIA E TRANSPORTE

Aqui de evitar possíveis conflitos, o governo manteve o equilíbrio entre os interesses de quem produz e quem consome.

Correspondentes do BINÔMIO em Rio, São Paulo e Brasília revelam

BRASIL JÁ EM MARCHA BATIDA PARA O GOLPE

JORNAL BINÔMIO DA SEMANA

CLUBES EM MARCHA PAGAR AS DIVIDAS

GOLPE ERRADO

Bancos da Lavoura

47

CRÔNICAS E ESTAMPA DO JORNAL BINÔMIO DIA 24 MARÇO DE 1952

POR Cr\$ 4 MIL, "BINÔMIO" COMpra CASAL DE NORDESTINOS NO MERCADO DE ESCRAVOS DE MONTES CLAROS!

Operação é completa. Reportagem completa ATÉ RODÍZIO

Binômio

Janio "Man Ribeiro (Ja) Para a Pernambuco"

Confidencial. Repercussão da compra do casal de nordestinos é grande. Ainda assim, o Binômio não consegue vender a qualquer custo.

As manchetes de o Binômio não deixam dúvidas: a teimosia em dizer o que nenhum outro dizia fez a história de resistência do jornal que nasceu em 1952 da vontade de dois jovens jornalistas mineiros: José Maria Rabélo e Euro Arantes. De oposição, um humor político cástico, o jornal não perdoava o então governador de Minas, Juscelino Kubitschek, que tinha como Plano de Metas um binômio: energia e transporte. Immediatamente o jornal se presenteou com um binômio: sombra e água fresca.

46. Logo no primeiro número de 17 de fevereiro de 1952, a manchete e a charge da primeira página deixavam bem claro a linha editorial do jornal.

47. Dez anos depois, o jornal mantinha sua independência com uma manchete definitiva, fotos de adversários políticos e na legenda do Almirante Silvio Heck, a denúncia: o mais ostensivo líder golpista.

48. A reportagem foi o caminho correto para a conquista da credibilidade.

**DEPREDAÇÃO DE "BINÔMIO"
NA IMPRENSA MUNDIAL**

REAÇÃO EM CADEIA PARA MANTER CLIMA DE PROVOCAÇÃO

Cérco de ameaças contra BINÔMIO

1) José Maria se dirige ao comandante da ID-4, pedindo providências.

2) Apontados ao general Guedes nomes dos provocadores: grupo excitado promete vingança.

3) Convidado pela AMI e o Sindicato de Jornalistas, o prof. Caio Mário da Silva Pereira patrocina causa do diretor de BINÔMIO.

(Leia notícierio e artigo — "Resíduos da Violência" — na página 2)

**JORNAL
Binômio DA
SEMANA**

ANO XI - BELO HORIZONTE, 8-1-1962 - N° 351

DRAMA DO CRAQUE

CAMINHOS DE TERESINHA — Sociedade da Fazenda (que pertence ao ex-ministro das Relações Exteriores, Dr. José Maria), deflagrou, das referidas bases de que o Belo Horizonte, Teresinha Delibata, embaixada, milha de encantos, é a casa mais bonita da capital, um campanhão de ameaças contra o diretor de BINÔMIO. A política à literatura, do amor à vida quotidiana, da cultura ao esporte, tudo é ameaçado. E quando o presidente da Fazenda, Dr. José Maria, cedente 2, faz o retorno da elegante Teresinha.

**GOVERNO DA
CRS 7 BILHÕES
A AVIOES
QUE CAEM**

Mais ligando as conclusões da CPI ao escândalo da aeronave que explodiu, a imprensa brasileira, prestigiada pelas empóreas de aviação comercial, a minoria das autoridades, que votaram, o Conselho de Ministros votou, como medida para aumentar a economia do aeroporto civil brasileiro, um auxílio mensal de Cr\$ 600 milhõe para as empresas aéreas, ou seja, Cr\$ 7 bilhões e 2 milhõe por ano. Repete-se, assim, a história de que os aviões que voam no Brasil, em vez de anunciar matheusando ou enganando as suas qualidades, só lhe atraem desastres. Têm vindo, então, essas CRS 7 bilhões. Leda, na pág. 6 do 1º caderno, a seguir reportamos, em uma série, que, em vez de serem de repatriagem, os panos m's à que fizeram com as companhias, que fizeram com o comitê que defendeu.

**ESPECULAÇÃO
DARA FOME**

Urgido pelas ofertas da Banda de São Paulo, os agentes da polícia federal, que, na noite anterior, haviam apreendido, cerca de 150 kg de maconha, na rodovia Presidente Dutra, não só fortes, os cheiros altamente intensos, mas, também, pela primeira vez, BINÔMIO veio a público alegar que os agentes estavam detida, de forma premeditada.

BANCO DA LAVOURA

Um amigo em Nôdo porto

DE MINAS GERAIS, S.A.

A small photograph of a newspaper clipping showing several columns of text and two small portraits at the bottom.

TIME*
Afirmando que BINÔMIO nunca evitou briga, o "Time", de Nova York, em sua última edição, sob a epígrafe "Who's a Fascist?" (Quem é fascista?), narra o caso de José Maria. A nota, de mais de 1.000 palavras, transcreve vários trechos do reportagem, que é a seguinte: "A violenta reação do general, e conta como, em 50 minutos, 200 soldados, chefiados por 3 coronéis, sob a cobertura das armas, empastelaram a redação do jornal. A violência contra BINÔMIO vem aliciando representado mundial, com notícias publicadas nos mais diferentes países. — (Pág. 2)"

Albuquerque JOURNAL — Também o "Albuquerque Journal" da pacata cidade minas-grossense de Albuquerque, que é o maior jornal do norte do país, publicou um artigo comentando o empastelamento da redação do BINÔMIO-JORNAL DA SEMANA.

**Retorno de
Jânio abala
o país: Sul
a Norte
nome na rua**

(Página 8 — Caderno 1)

"LE MONDE" — O "Le Monde", o mais praticado dos jornais de Paris, em sua edição de 27 de dezembro, com sua crônica incomum, "O que é que o Brasil tem?", para vingar seu general despedida, que é o que o Brasil tem? Da causa de seu declínio estão apontadas no reportagem de Hélio Figueira na pág. 2 do caderno 2.

A

M

B

e

P

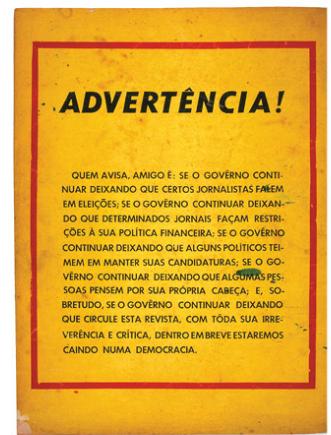
M a

IMPRENSA ALTERNATIVA

Vladimir Sacchetta

Chamados de *nônicos* em contraponto à grande imprensa, os periódicos alternativos que circularam entre 1964 e 1979 têm sua origem no começo do século XIX. Fazendo humor, trazendo denúncias e atacando com linguagem virulenta a Corte e o próprio imperador, os *pasquins* narcaram o surgimento de um novo jornalismo. Ao contrário dos tempos de placidez de dom Pedro II, a imprensa não atravessaria incólume as trevas que se seguiriam à tomada do poder pelos generais em 1º de abril de 1964. Mas os *nônicos* não hesitaram em criticar a violência, os abusos e o conservadorismo impostos pela ditadura. Lado a lado com a política, a irreverência tornou-se uma arma e o *PifPaf*, lançado apenas dois meses depois do golpe, foi o pioneiro. Alguns padeceram do "mal dos sete números", outros, mais robustos

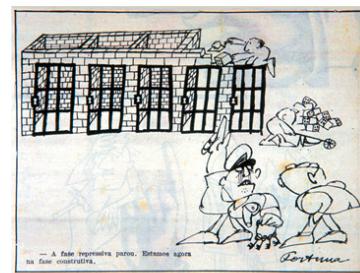
como *Movimento e Opinião*, sobreviveram por centenas de edições. O *Pasquim* foi o mais longevo, batendo recordes de tiragem. Criada por jornalistas, muitas vezes agrupados em cooperativas, com estrutura enxuta e à margem do esquema industrial, a imprensa alternativa pós-64 ousou e desenvolveu um informalismo criativo. A prática do jornalismo opinativo, uma de suas facetas mais marcantes, seria a principal fonte dos problemas com os militares. Resistindo valentemente ao cerco da censura, não poucas vezes sem baixas, deu vida a títulos que foram do humor à política, passando pela cultura acadêmica e pela contracultura, pelos costumes e pelos movimentos sociais, entre outros segmentos. Este capítulo é uma amostra dessa diversidade e de seu vigor.



ADVERTÊNCIA!

QUEM AVISA, AMIGO É: SE O GOVERNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CERTOS JORNALISTAS FAZEM EM ELEIÇÕES; SE O GOVERNO CONTINUAR DEIXANDO QUE DETERMINADOS JORNALISMO FAZEM RESTRIÇÕES À SUA POLÍTICA FINANCEIRA; SE O GOVERNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUNS POLÍTICOS TÊM EM MANTER SUAS CANDIDATURAS; SE O GOVERNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUMAS PESSOAS PENSEM POR SUA PRÓPRIA CABEÇA; E, SOBRETUDO, SE O GOVERNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CIRCULE ESTA REVISTA, COM TÔDA SUA IRREVERENCIA E CRÍTICA, DENTRO EMBREVE ESTAREMOS CAINDO NUMA DEMOCRACIA.

50



51



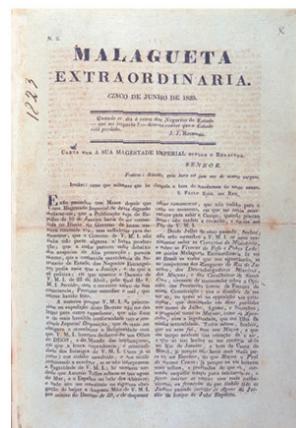
PifPaf inaugurou o ciclo da imprensa alternativa que combatia a ditadura militar nas bancas de jornal. A revista foi lançada por Millôr Fernandes no Rio de Janeiro, em maio de 1964, poucas semanas depois do golpe. Entre os colaboradores estavam Jaguar, Cláudius, Ziraldo, Fortuna e Sérgio Porto. O humor corrosivo vertido em cada página serviu como aviso aos novos donos do poder: não teriam vida fácil. A reação foi dura - pressões, ameaças, prisões. *PifPaf* resistiu por quatro meses.

50. Na última página da edição 8, Millôr advertiu: "Se o governo continuar deixando que circule esta revista (...), dentro e breve cairemos numa democracia". Foi apreendida nas bancas e não voltou a circular.

51. Quem conheceu de perto a "fase construtiva" da ditadura, ilustrada por Fortuna na quarta edição de *PifPaf*, foi outro colaborador da revista: Cláudius, preso pelos militares por causa de uma charge.

52. Pif-Paf era o nome original da seção escrita por Millôr na revista *O Cruzeiro*. Em 1945, homenageia o Barão de Itararé e ironiza Getúlio Vargas: "O ditador está ficando chato".

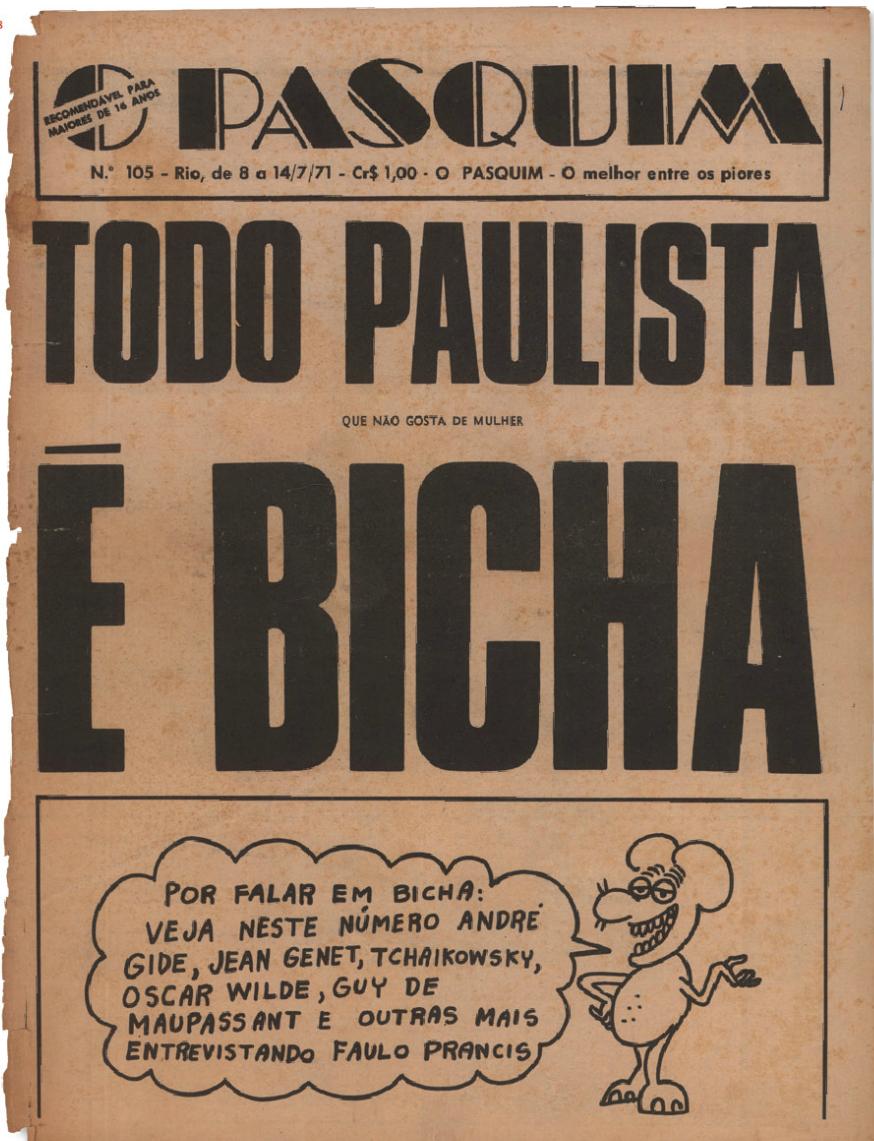
52



O Pasquin, criado em 1969, reuniu de novo o time de PifPaf. A ideia de Jaguar era fazer um jornal de bairro em Ipanema. Ganhou o reforço de uma nova geração de cartunistas, agregou jornalistas como Tarso de Castro, Paulo Francis, Luis Carlos Maciel. E o jornal explodiu nas bancas de todo o Brasil, com grandes tiragens. "TODO PAULISTA É BICHA" vendeu 100 mil exemplares só em São Paulo. O Pasquin desnudou a caretice conservadora que legitimava a ditadura, expondo-a ao deboche.

54. A Carapuça, tabloide editado em 1968 por Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que batizou o golpe militar de "A Redentora" e criou o Febeapá (Festival de Besteiras que Assola o País).

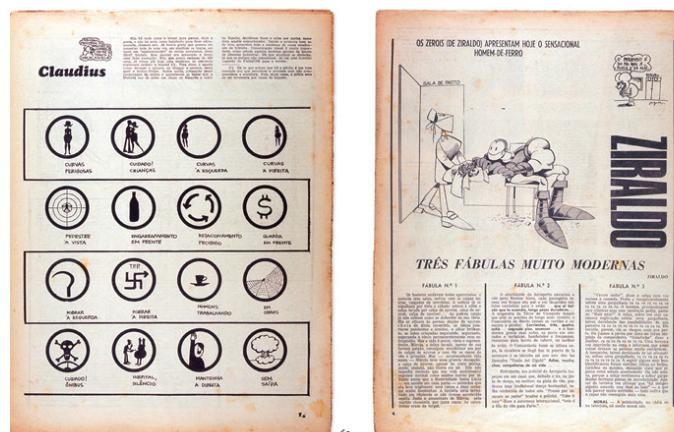
55/56/57. Pasquins do século XIX incondonando o império: A Mutuca Picante, O Mequetrefe e o pionheiro Malagueta, publicado pelo militar e jornalista Luís Augusto May. O terno pasquin, geralmente pejorativo, designa um tipo de jornalismo difamador, calunioso, de má qualidade. Jaguar conta que o sugeriu de propósito para batizar o jornal, antecipando-se às críticas que esperava receber: "Terão de inventar outros nomes para nos xingar".



59



60



61

62

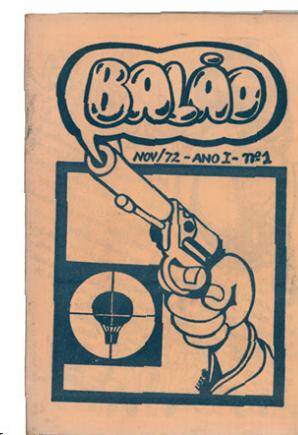
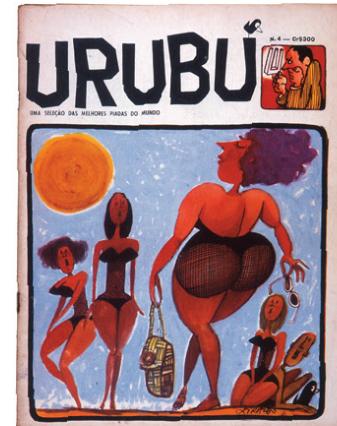
O Pasquim "inteiramente autônomo". Em novembro de 1970, agentes do DOI-CODI invadiram a redação e prenderam a equipe em pleno fechamento. A edição saiu assim mesmo, com a ajuda de jornalistas, escritores e artistas. Na confusão, a data acabou saindo errada no cabeçalho. Durante oito semanas, a mobilização para manter o jornal nas bancas afirmou-se como um ato de resistência. Teve vida longa. Sobreviveu à censura prévia e à desordem administrativa. Permaneceu em circulação até 1991.

59. De óculos escuros "pra não dar bandeira", os jornalistas presos saem na capa do Pasquim em janeiro de 1971, logo após a libertação. No título, a irreverência característica do jornal.

60. O ratinho Sigmund, mascote e mestre de cerimônias do Pasquim. Alterego de Jaguar, seu criador, Sig interferia em praticamente todas as matérias do jornal, além de desfilar nas tirinhas em que era protagonista as oscilações de seu humor extremamente variável, algo bem característico da época.

61. Além de fundador do Pasquim, Cláudius foi um de seus editores até 1971, quando deixou o Brasil para trabalhar com Paulo Freire em projetos de alfabetização na África. Mas continuou colaborando com o jornal.

62. Ziraldo costuma destacar um traço comum ao grupo que sustentou o Pasquim nos anos mais duros do regime militar: a coragem inerente ao ofício de cartunista, que tem por natureza "passar o riso em volta do tirano".



Na esteira do *Pasquim*, seus cartunistas conquistam espaço nas bancas. Na revista *Fradin*, os personagens de Henfil ganham vida própria. Lançada em 1973 pela Codecri, a editora criada por Jaguar e seus colegas, chega a vender mais que o próprio jornal. *O Bicho*, editada por Fortuna, aparece dois anos depois. Na equipe, uma nova geração dá as caras - Luis Fernando Veríssimo, Laerte, Luís Gé, Paulo Caruso e Miguel Paiva, entre outros. Ruptura e inovação na linguagem são as marcas da revista.

64. A nova safra de revistas da Codecri honra a tradição de suas predecessoras cariocas, como *Urubu*, publicada por Zélio em 1966, com a colaboração de Ziraldo e Jaguar.

65. O sucesso de *o Grilo* (1971), publicada por Sérgio de Souza e equipe, já prenunciava a explosão dos quadrinhos. O humor em tiras de cartunistas como Crumb e Wolinski só não agradou a polícia, que a colocou sob censura.

66. A revista *Balão* foi criada em 1972 por estudantes da USP. Rapidamente se transformou num hit dos quadrinhos underground. Neia, debutaram Laerte, Luís Gé, Angeli e os irmãos Paulo e Chico Caruso.

67. *Boca*, outro clássico das HQs estudantis, feita na FAAP por Dagonir Marquezi e cartunistas como Marcatti, para provar que era possível produzir "nos países dominados por Patópolis ou se libertando de Gotham City".



70

"O Sol nas bancas de revista..."
Caetano Veloso não confirma nem nega que se inspirou no jornal para versos de sua música "Alegria, Alegria". Mas motivos não faltavam para homenagear Reynaldo Jardim e os jornalistas que fizeram do suplemento encartado no Jornal dos Sports, em 1967, uma das publicações mais cultuadas do ciclo alternativo.
As inovações gráficas e o tom combativo das reportagens expressavam as inquietações libertárias da equipe: "Metade das pessoas queria fazer guerrilha, a outra metade era hippie", conta Ana Arruda Callado, editora-chefe do jornal.

70. A grande sacada de Reynaldo Jardim: dividir as páginas de *O Sol* em quatro partes, para o leitor pudesse ler com conforto no ônibus. Inovações como essa eram a marca do jornalista e poeta.



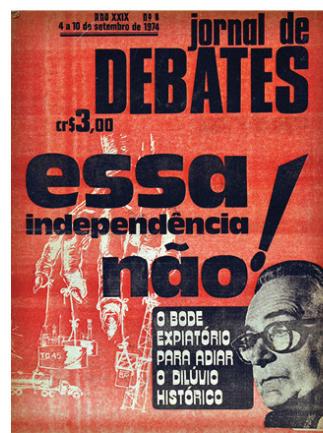
71



72

71. Poder_Jovem reuniu novamente a equipe de *O Sol*, que deixou de ser encartado no Jornal dos Sports no fim de 1967 e saiu de circulação após um breve período de autonomia.

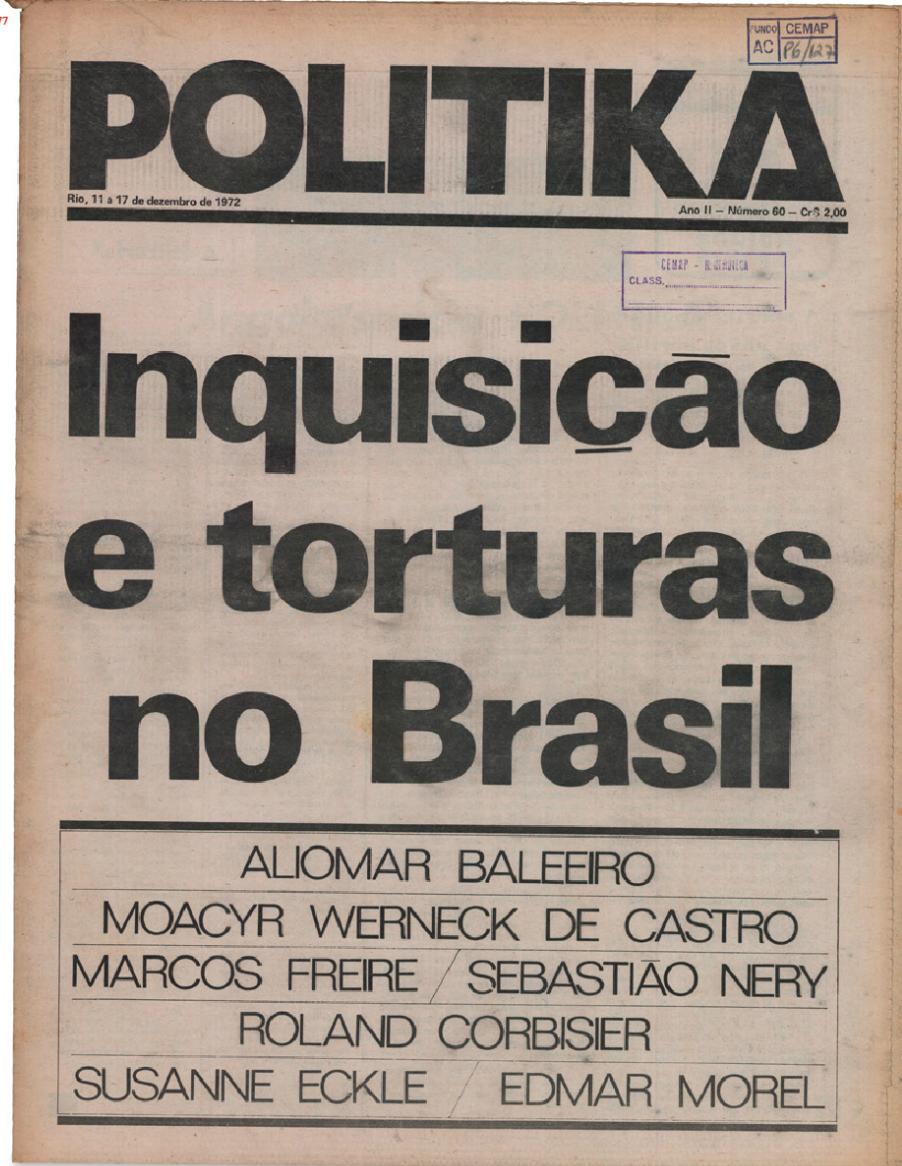
72. Com Folhetim, a Folha de São Paulo contrata o jornalista Tarso de Castro para produzir um suplemento que emprestasse ao jornal o charme inovador dos alternativos.



Em 1971, a esquerda nacionalista voltou às bancas com *Polítika*. O jornal, publicado no Rio de Janeiro por Sebastião Nery, retomou as ideias de Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola, opondo-se à subordinação da economia brasileira aos interesses dos centros hegemônicos do capitalismo. *Polítika* bateu de frente com a ditadura, chegou a tiragens de 38 mil exemplares e sobreviveu nas bancas por mais de dois anos, apesar da censura prévia e da forte pressão econômica exercida pelos militares.

75. Com o fim de *Polítika*, outro jornal ocupou seu espaço: *Crítica*, que reuniu oposicionistas cariocas de várias tendências. Um ano depois, a edição 56 foi apreendida nas bancas e o jornal deixou de circular.

76. A oposição nacionalista expressou-se também pelo *Jornal de Debates*, relançado em 1973 por Lineira Tejo, detentor do título da publicação que se destacou, nos anos 50, pela defesa do monopólio estatal do petróleo.

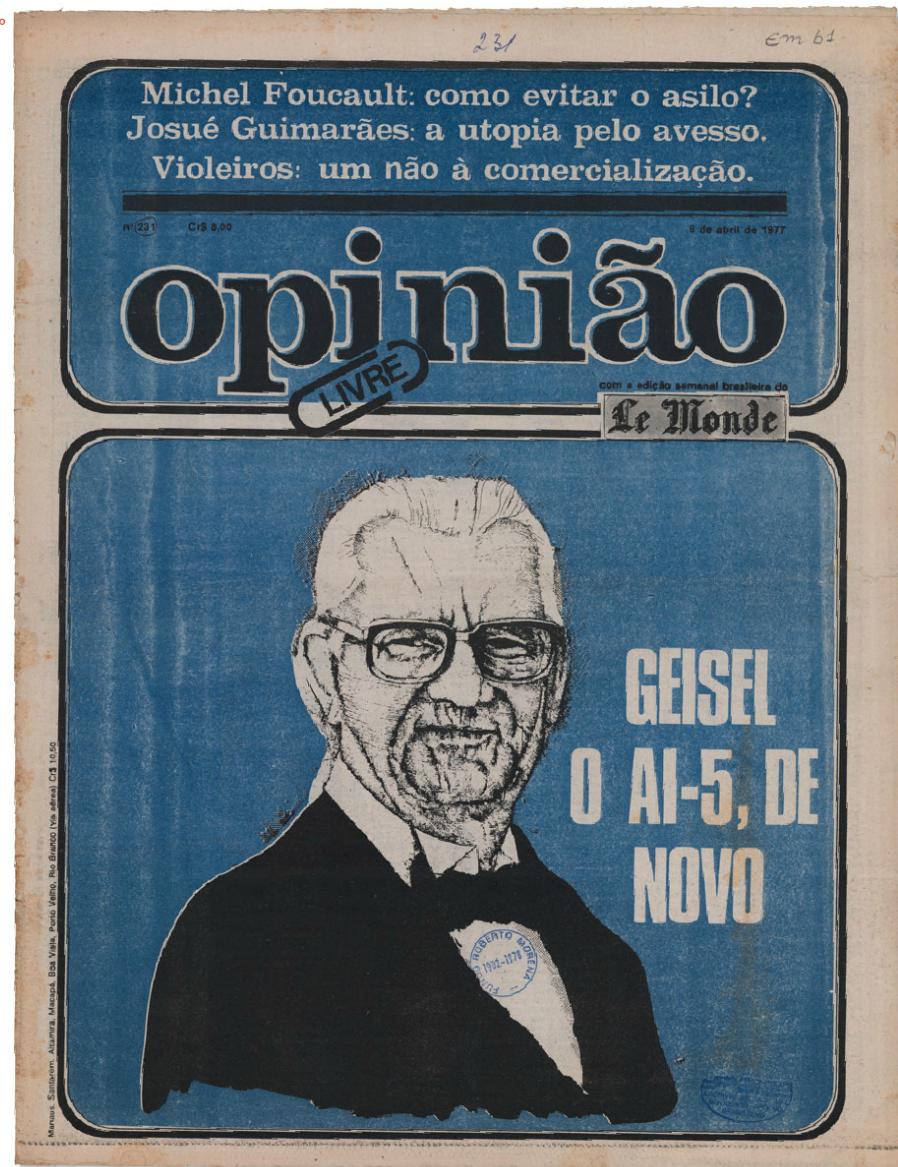


79

Opinião foi criado pelo empresário Fernando Gasparian, que decidiu fazer um jornal para combater a ditadura. Em 1971, entrou em contato com um grupo de jornalistas de São Paulo, liderado por Raimundo Pereira. No ano seguinte, nascia o semanário. Mesmo sob forte censura, **Opinião** deu voz a uma ampla frente de oposição. Sofreu um abalo com a saída de Raimundo Pereira e sua equipe, em 1975. Continuou sua trajetória até 1977, quando, debilitado pela censura implacável e pelo boicote financeiro, deixou de circular.

78. O diferencial de **Opinião** era sua rede de colaboradores no Brasil e no exterior. Publicava um caderno com artigos do jornal *Le Monde*. Reunia intelectuais de prestígio, lideranças do MDB e de outros setores da oposição.

79. Fernando Gasparian era um empresário nacionalista. Sua indústria têxtil foi arruinada pela ditadura. Militou no PSB. Dirigiu a editora Paz e Terra e criou outras publicações além de **Opinião**. Foi deputado constituinte em 1988.



231

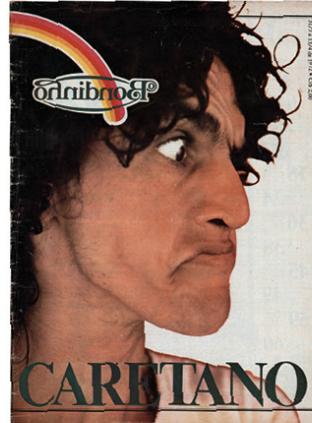
Em 61



Movimento nasceu em 1975. Ao sair de Opinião, a equipe liderada por Rainundo Pereira decidiu produzir um jornal sem patrão empresário. Inovou por ter um programa explícito em defesa de uma frente de oposição à ditadura e de uma Assembleia Constituinte. Cobriu o movimento popular, as greves, o surgimento da liderança de Lula. Sobreveiu a divergências políticas e à precariedade financeira.

81. Após a reorganização partidária de 1980, Movimento perdeu sustentação política. Atentados a bancas de jornais agravaram sua crise. Deixou de circular em novembro de 1981.

82/83. Amanhã e Em Tempo resultaram de uma cisão que abalou o Movimento em 1977. Descontentes com a direção política do jornal, que apontavam como fruto da influência do PC do B, alguns jornalistas, intelectuais trotskistas e socialistas decidiram fazer um novo jornal. Mas também se dividiram. Um grupo criou Amanhã, que durou apenas um número. Outro lançou Em Tempo, cujo primeiro editor-chefe foi Bernardo Kucinski. Diante de novas divergências e da saída do editor-chefe, a organização trotskista Democracia Socialista, que se transformaria numa tendência do PT, se tornou hegemônica. Em Tempo continuou como órgão da Democracia Socialista (DS) por 30 anos.



Ex, lançado em 1973, é criação de Sérgio de Souza e Narciso Kalili, com a colaboração de Paulo Patarra, Hamilton de Almeida Filho (Haf), Mylon Severiano da Silva, Dácio Nitriini e outros. Sérgio e Narciso conheceram-se na revista *Realidade*, militaram juntos na AP (Ação Popular) e ligaram-se ao psicanalista Roberto Freire. O jornal trazia todos os meses 40 páginas de reportagens contundentes e críticas. Em 1975, os 50 mil exemplares da edição sobre o assassinato de Vladimir Herzog esgotaram-se. A segunda tiragem foi apreendida pela polícia.

85. Bondinho foi uma das primeiras revistas criadas pela turma do Serjão de Souza, em 1971, para uma rede de supermercados. Um ano depois, ganhou autonomia e foi para as bancas.

86/87. Com o confisco da edição que estampava Vladimir Herzog na capa, veio também a censura prévia. Para driblá-la, a equipe lançou Extra, com o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, na capa e uma seleção de matérias publicadas por Ex. Também foi recolhido pela polícia. A Última tentativa foi Mais Um, apreendido antes de chegar às bancas.

88. Capa da publicação especial que apresenta os fac-similes de todas as edições de Ex, lançada em 2010 pelo Instituto Vladimir Herzog, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

**SIF
EXCLUSIVO:
ESTABO
QUASE ESMAGA O
EX-16**

**2ª EDIÇÃO
20.000 EXEMPLARES**

ex-16
40 páginas
\$ 6
novembro
1975

**LIBERDADE
LIBERDADE
ABRE AS ASAS
SOBRE NÓS**

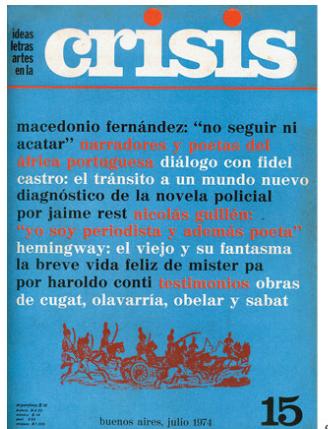
LEIA EDITORIAL NA PÁGINA 5

**A MORTE
DO
JORNALISTA
VLADIMIR
HERZOG**
páginas 33 a 40

NÃO PERCA:

Piroli, o escritor fedido de Minas (página 30)
O bispo de São Félix (página 12)
Jornalista joga sangue no ventilador (página 29)
Mulher boa, para um nazista, é a mãe (página 10)

LACERDA ATACA TV-GLOBO E PEDE ASILO A CUBA
Páginas 11 e 23



90



91



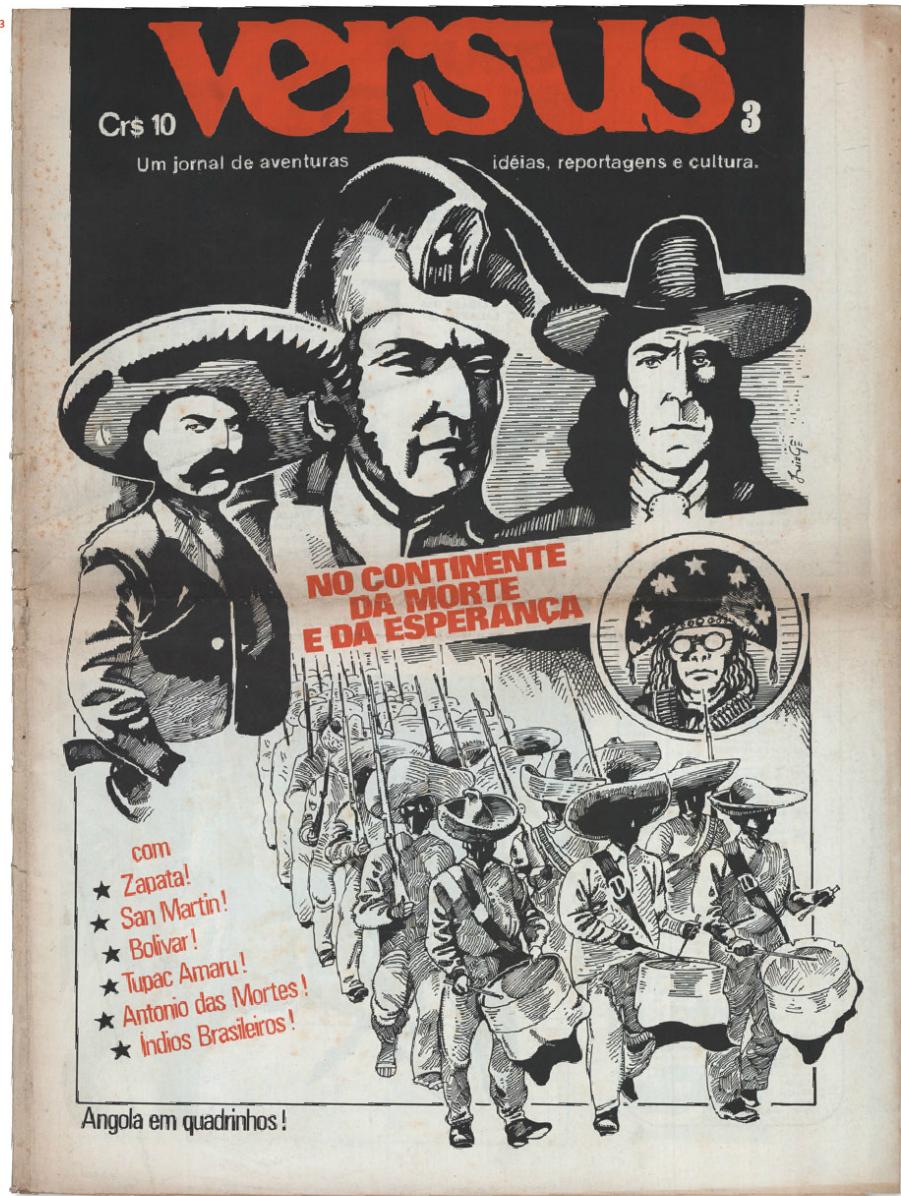
92

Versus, de 1976, é o resultado de uma constatação do jornalista gaúcho Marcos Faerman: a esquerda brasileira não podia mais viver de costas para a América Latina. Jornalismo, literatura, fotografia, quadrinhos, empacotados num projeto gráfico requintado - todos os tipos de narrativa entram em cena para esquadrihar a mitologia e a cultura de resistência nascidas da luta contra a exploração e a violência. Circulou até 1979.

90. A revista argentina Crisis (1973-1976), dirigida pelo escritor e jornalista Eduardo Galeano, foi uma das grandes fontes de inspiração para o projeto de Marcos Faerman.

91. Singular & Plural nasce de uma ruptura. Em 1978, Marcos Faerman desentende-se com a Convergência Socialista, deixa a redação de Versus, onde o agrupamento predominava, e lança a revista. Dura seis edições.

92. A afinidade temática une Versus aos Cadernos do Terceiro Mundo, revista publicada no exílio por Neiva Moreira e Beatriz Bisso. Após a Anistia, a redação veio para o Brasil e manteve-se na ativa até 2005.



94

Com Lampião da Esquina, de 1978, o movimento homossexual sai do armário e chega às bancas. Inspirada no jornal americano Gay Sunshine, a iniciativa partiu de um grupo formado no Rio de Janeiro por João Antônio Mascarenhas, Darcy Penteado, Peter Fry e outros ativistas. O jornalista e dramaturgo Aguiinaldo Silva, editor-chefe do jornal, conta que o nome escolhido referia-se aos pontos onde os parceiros costumavam se encontrar. E a menção involuntária a Lampião, o "rei do cangaço", ícone do machismo, rendeu boas risadas.

94/95. No número 1 de Lampião, a menção à Galeria Alaska, palco lendário da cultura gay no Rio de Janeiro nas décadas de 60 e 70. Nos bares e boates, o deboche e a ironia davam o tom para musicais históricos como "Les Girls", de Rogéria, e os shows encenados por grupos como os Dzi Croquettos, criado pelo bailarino norte-americano Lennie Dale.



96

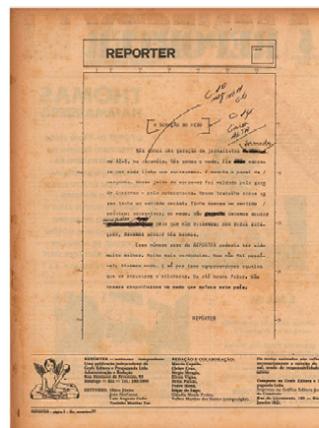
96. O jornal ChanaComChana, lançado pelo Grupo de Ação Lésbica Feminista, rompe de modo radical com a noção hegemônica na esquerda de submeter as questões de gênero às lutas sociais mais amplas.



EMB 80



98



99



100

Repórter surge em 1977 com uma missão específica: levar o tema dos direitos humanos aos trabalhadores da Baixada Fluminense. Na busca pela linguagem das ruas, o jornal agride, provoca, resvala no sensacionalismo e na escatologia. Narra um cotidiano de violência e miséria. No auge, chega a vender 100 mil exemplares. Acuado pelo regime, perseguido pela polícia e pela extrema direita, o jornal dirigido por Luiz Alberto Bettencourt e Alex Solnik muda a linha e é expulso do rumo.

98. Na origem do Repórter, está uma entrevista que o presidente da Anistia Internacional, Thomas Hammarberg, deu a Bettencourt e dois colegas. Sem ter onde publicá-la, decidiram lançar o jornal.

99. "Nós somos uma geração de jornalistas formados no AI-5, na paranoia. Nós somos o medo. Ele escorre por cada linha que escrevemos. E mancha o papel de vergonha." O primeiro editorial já dizia a que veio o Repórter.

100. A linguagem agressiva rendeu ao Repórter a apreensão de várias edições e processos judiciais em série. Descapitalizado, o jornal não resistiu à onda de atentados contra bancas de jornal no início dos anos 80.

REPORTER

Rio, fevereiro de 1979 — ano II — Número 14 — Cr\$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

**Preconceito
sufoca pobres e ricas**

LÉSBICAS METEM O PAU NA REPRESSÃO

Figueiredo é a nossa rainha

VALENTÃO TRUCIDADO PELO PADEIRO QUE LHE NEGOU AMOR

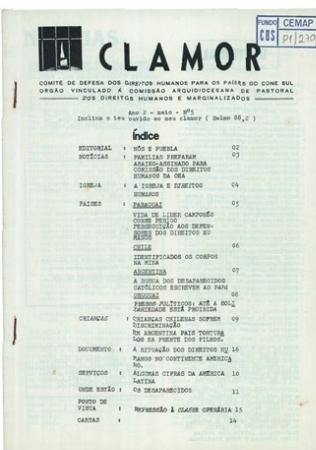
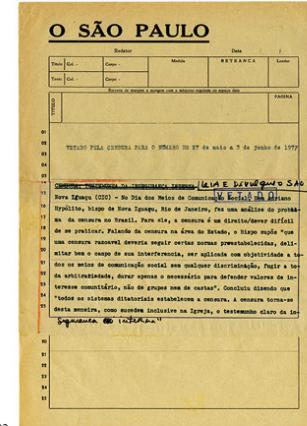
—
P



10



1



1



1

O São Paulo, jornal da Cúria Metropolitana da capital paulista, testemunha o forte engajamento dos chamados "setores progressistas" da Igreja Católica na luta contra a ditadura militar no Brasil, na década de 1970.

As edições, com textos curtos e linguagem simples, chegavam a milhares de comunidades de base, onde eram lidas e debatidas por trabalhadores e sua família. Desenpenharam um papel importante na retomada das lutas populares por melhores condições de vida e pela redemocratização do país.

102. Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, destacou-se pela coragem com que enfrentou as iniquidades da ditadura. Sua tenacidade na defesa dos direitos humanos foi decisiva para a resistência.

103/104. O temor que a capacidade de mobilização da Igreja Católica despertasava nos militares fez que o São Paulo tivesse de se submeter a uma rigorosa censura prévia, que persistiu até 1978. Nos espaços vazios, o resultado da ação da censura. Ao lado, uma lauda censurada do jornal.

105. Clamor, da Pastoral de Direitos Humanos e Marginalizados, ampliava para a América Latina a solidariedade e o apoio aos que lutavam contra a opressão e a violência.

106. Boletim da Comissão Pastoral da Terra, criada por dom Pedro Casaldáliga, outro expoente da resistência ao regime militar entre os católicos, por liderar a luta contra a violência e a exploração no campo.



São Paulo, 29 de novembro a 5 de dezembro de 1975 Ano XIX N.º 1021

SEMANARIO - Assinatura Cr\$ 90,00 Número avulso Cr\$ 1,50

O SÃO PAULO

A ANISTIA JAMAIS DEIXOU DE PRODUZIR RESULTADOS ALTAMENTE BENÉFICOS PARA A ORDEM SOCIAL

O professor Dalmo de Abreu Dallari, professor da Faculdade de Direito da USP, nos apresenta neste número um importante artigo sobre a anistia, afirmando que, em termos jurídicos, a anistia é a expressão máxima da atitude conciliatória.

Nantes, de 12 de abril de 1538, como dos mais significativos conjugando boa vontade e conveniência política, e que foi proclamado por Henrique IV, fundador da dinastia dos Bourbon. Outras figuras como Lincoln são citadas hem como o que diz a Constituição Brasileira sobre o assunto e uma frase de Pio XII sobre a "quebra de barreiras de ódio separador para oferecer um abraço sincero". Este artigo se encontra na pág. 3.

NORMAS PARA A ELEIÇÃO DO SUMO PONTIFICE

ONU CONDENNA TORTURAS

A Comissão Social da Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma declaração condenando a tortura e os tratamentos cruéis, desumanos e degradantes.

"Os Estados não podem praticar ou tolerar tratamentos ou castigos cruel, desumanos e degradantes", diz o documento, que considera as torturas como justificativa para a tortura. A declaração pede que os países "se assegurem de que todos os casos de tortura significam crime de seu direito penal".

Definido, num de seus artigos, a tortura como "todo ato pelo qual se inflige dor, ou sofrimento intencionalmente, a um indivíduo com o propósito de obter destas ou de uma pessoa, ou de impor medo ou desespero por um ato que tenha cometido ou que seja suspeita".

Na mesma declaração, a ONU defende a Declaração dos Direitos do Homem.

Nos debates que antecederam a aprovação da resolução, o Brasil votou contra a proposta da Assembleia, a representante da União Soviética, Tairia Talirova, havia votado em favor da proposta, mas havia votado contra os direitos humanos. O representante chinês, Deng Xiaoping, havia votado em favor da proposta de direitos humanos de permanecer em seu campo de prisioneiros. O Chile apresentou um projeto de resolução que criticava a crise sistemática de investigação das denúncias dos direitos do homem.

OS CARDEAIS ENTAMOS SOS NO CONCLAVE

As relações diplomáticas entre os países da América Latina e o Vaticano estavam tensas e ameaçadoras.

OS CARDEAIS ENTAMOS SOS NA REPÚBLICA

O problema está em hora boa demanda o "Cardeal de Campinas" ou será imbatível? E se a edifício responde pelo nome de Fábio Brálio seria preciso desmentir a tese de Fábio Brálio.

Esquente a discussão! Até apimentada.

Partindo antigas sínteses da tradição cana de escravo, compreendendo que o Brasil é um país de escravos.

Bento de Lima Teles e Décio Tondi também estavam envolvidos no caso, mas não se sabe quem é que tem o maior problema.

De fato, é de São Paulo que é que tem o maior problema.

Em 1964, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta de Emenda à Constituição de 1964 era aprovada.

Então, o Cardeal de Campinas entendeu que a Proposta

111

ANO III — Nº 26 — C\$ 10,00

cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

MARÇO DE 1978

**200 mil
brasileiros
no Paraguai**

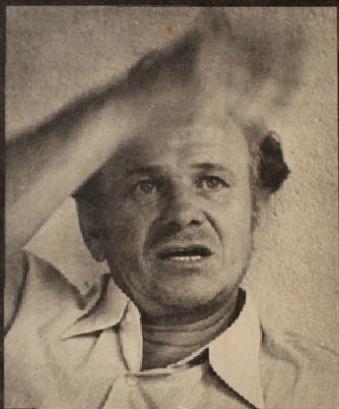


ESPECIAL
**A política
nuclear
da Alemanha**

**João Dêntice:
"Minha geração
fracassou"**

Como era o
plano para
eliminar
comunistas

DEPOIMENTO



**EX-MILITAR CONTA
COMO SE TORNOU
LÍDER TERRORISTA**

O CASO PARA-SAR

63

Varadouro

RIO BRANCO, ACRE 02 • 10 • MARÇO 1978 • C\$ 15,00

**ESTÁ
AUMENTANDO
NO ACRE**

112

**O
vereador
seringueiro**

"Por achar que a tribuna da Câmara não dá solução para os trabalhadores e por achar que o político que se compromete com a luta dos trabalhadores deve estar ao lado deles, decidi, então, ir quebrar castanha para estar ao lado dos seringueiros".

Varadouro 24 — Março 1978

113

BANDEIRA 3

Moscou, no risco e a estratégia

114

RESISTÊNCIA

LULA ACUSA:
"Jarbas
Passarinho
age como
um nazista"

Na maior entrevista já concedida à imprensa nacional, o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Partido dos Trabalhadores, fala sobre dezenas de assuntos. Constante, Reforma Agrária, Poder, Diladora, etc.

**Posseiros acham GETAT
pior do que o INCRA!**

Jinkings reafirma:
Levy é
policial

Companhia
Hidrelétrica
de 1 bilhão
de reais
Federal
Reitor
costuma professor
também

Imprensa alternativa
Contra o terror, matem os ricos

115

Elson Martins, editor-chefe do *Varadouro*, lembra que lidar com a censura era o de menos. Ser alternativo no Acre era correr o risco de cruzar nas ruas com capangas e hatadores. O jornal, lançado em 1977, sobreviveu a isso e a muito mais. Em suas 24 edições, *Varadouro* deu voz aos seringueiros da Amazônia, ajudando-os a organizar um forte movimento social que integrou, pela primeira vez, a luta por melhores condições de vida e a defesa da floresta contra a ganância predatória de madeireiros e pecuaristas.

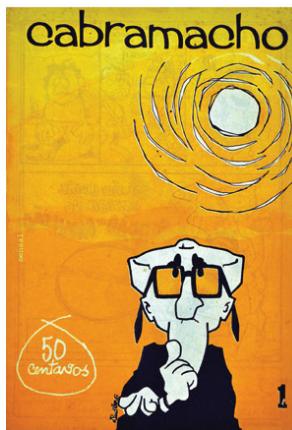
112/113. *Varadouro* foi o primeiro a publicar uma entrevista com Chico Mendes, feita pela antropóloga Mary Allegretti. Depois, o líder seringueiro assassinado em 1988 passou a colaborar regularmente com o jornal.

114. *Bandeira 3*, criado em Belém do Pará, por Lúcio Flávio Pinto em 1975, durou apenas sete edições. O jornalista mantém até hoje a pega alternativa, com seu jornal *Pessoal*, que edita desde 1987.

115. Também em Belém do Pará, o jornalista Luiz Maklouf Carvalho lançou em 1978 o jornal *Resistência*. Ligado à Sociedade Paraense dos Direitos Humanos e influenciado pelo PC do B, circulou até 1983.



Brasília, São Paulo, Rio e demais Estados: Cr\$ 10,00

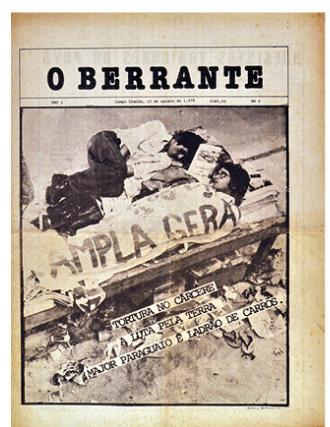
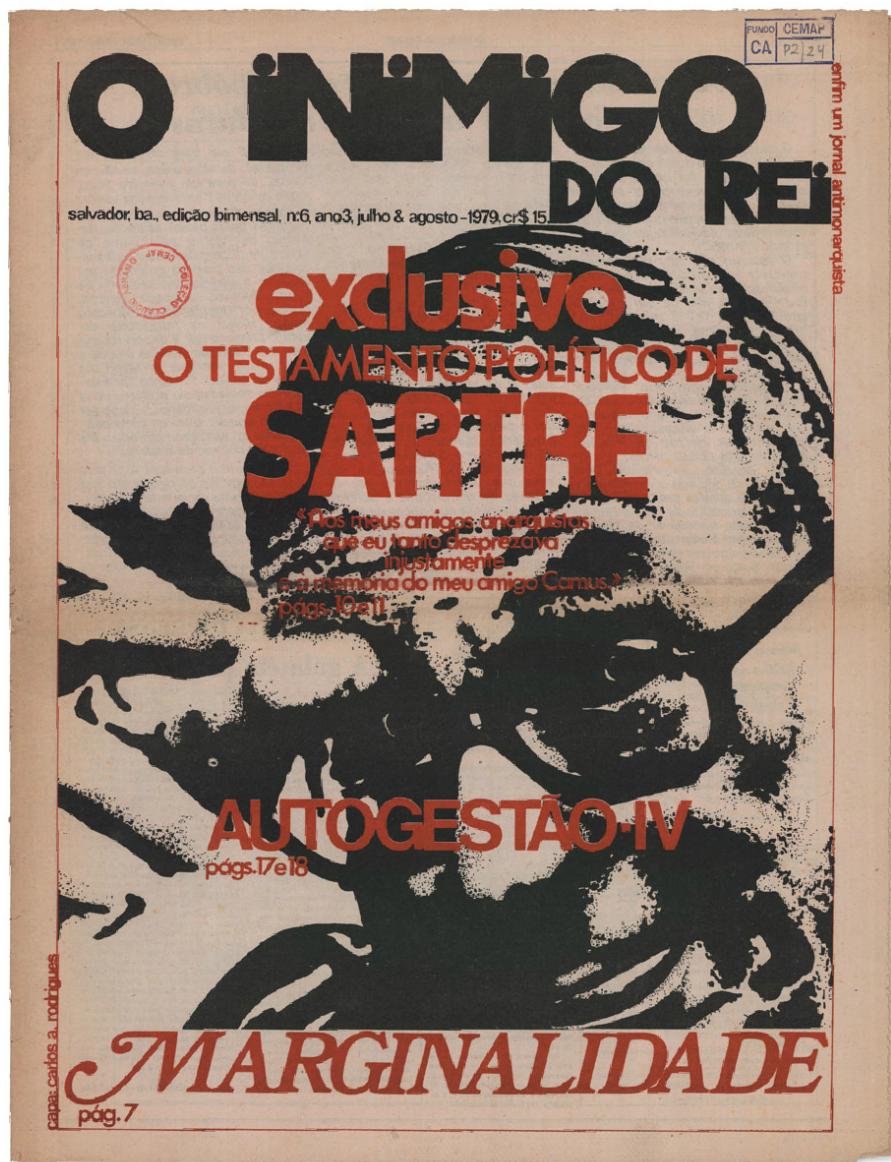


O Inimigo do Rei nasceu na Bahia em 1977 para promover o encontro entre a tradição anarquista e as ideias libertárias que varreram o mundo nas lutas sociais de 1968. Agrega à agenda clássica do anarcossindicalismo temas caros à contracultura, como sexualidade, drogas e ecologia. Combate o autoritarismo da ditadura, mas bate à esquerda também, denunciando a opressão sob o regime soviético. A irreverência é a marca do jornal que sobreviveu até 1988, publicado por Tony Pacheco e Alex Ferraz.

117. O Jornal do Povo, que se identificava como "instrumento dos trabalhadores", foi publicado em Recife, em 1979. Entre os editores estão Alexandre Barbosa, Aurélio Aquino, Nadja Maria.

118. O cearense Mutirão resultou do racha do Movimento em 1977. Por três anos, foi editado por militantes do PRC (Partido Revolucionário Comunista).

119. Cabramacho, do Rio Grande do Norte. Revista de humor, lançada em 1974 pelo cartunista Lindenbert, com a colaboração de Aucides, Fernandes, Enanoel, Enock e Reinaldo Azevedo.



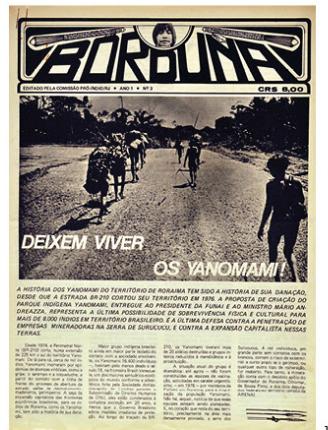
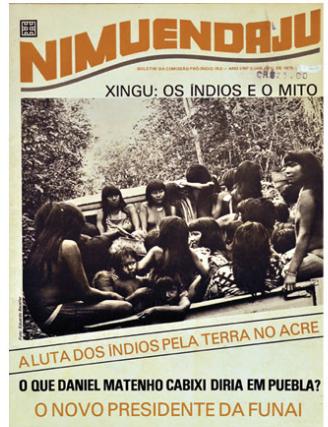
De Fato é o produto de uma rebelião. Em seguidos editoriais, o Jornal de Minas defende a repressão ao que chamava de "infiltração comunista" e abraça a versão da ditadura sobre o assassinato de Vladimir Herzog. Parte da redação demite-se e une-se a Aloisio Moraes Martins em busca de "autonomia jornalística". No início de 1976, De Fato chega às bancas. Combate a ditadura, debate temas locais, como a degradação socioambiental resultante da urbanização acelerada, e o conservadorismo da sociedade mineira.

121. Cidade Livre foi criado em 1976 por jornalistas de Brasília descontentes com a complacência da grande imprensa diante da repressão política. Characterizou-se pela experimentação gráfica e o foco em temas locais.

122. O Berrante, publicado em Campo Grande, em 1979, mesclava temas políticos nacionais, como a campanha pela Anistia, com reportagens locais sobre a violência no campo e a corrupção.

123. Esteio, jornal do Centro Mineiro de Cultura Popular, criado em 1978. Participavam do conselho editorial jornalistas e escritores como Luis Fernando Emediato, Murilo Rubião e Wander Piroli.

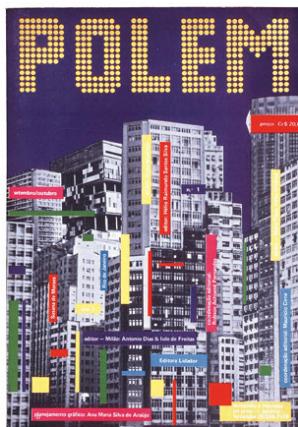
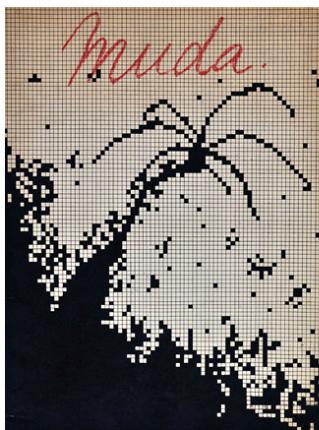
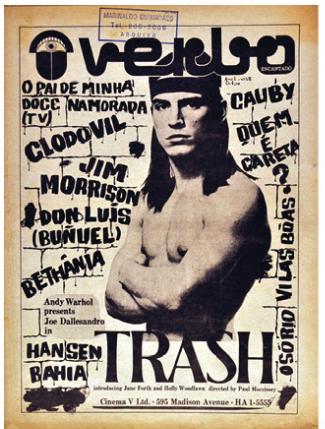
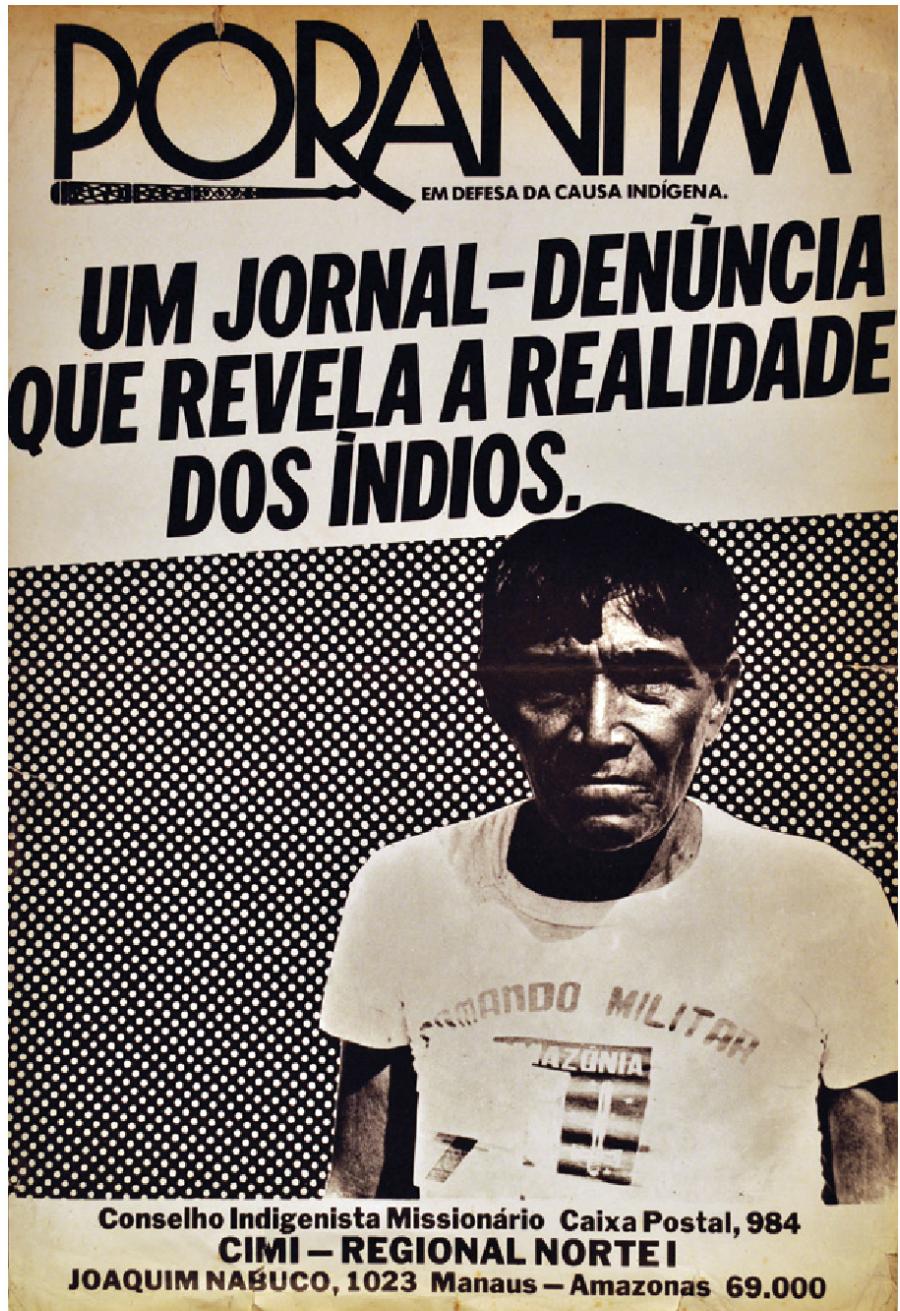
124. Dois Pontos, jornal editado em Poços de Caldas pelo jornalista Luis Nassif em 1976. Voltado para questões do município, deixou de circular após pressões de grupos políticos locais.



Com Porantim, de 1978, a questão indígena ganha destaque entre os alternativos, num período de muita tensão, provocada pela expansão acelerada da fronteira agrícola brasileira. O jornal foi criado pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), fundado pelo bispo dom Tomás Balduíno. Circulou inicialmente como boletim mimeografado, publicado em Manaus. A partir de junho de 1979, ampliou sua distribuição e adotou o formato minitableloide, que mantém até hoje.

126. Em 1979, a seção carioca da Comissão Pró-Índio lança *Nimuendaju* (em guarani, aquele que faz seu próprio lar), editado pelo jornalista Marcelo Beraba.

127. *Borduna*, também da Comissão Pró-Índio/RJ, tinha como colaboradores o jornalista Ricardo Arnt e a fotógrafa Cláudia Andujar.



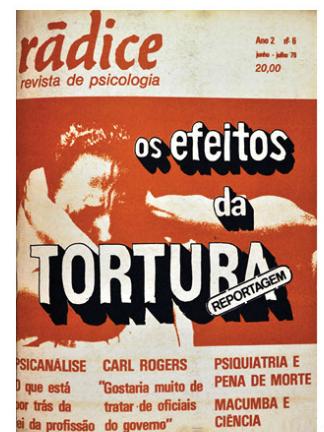
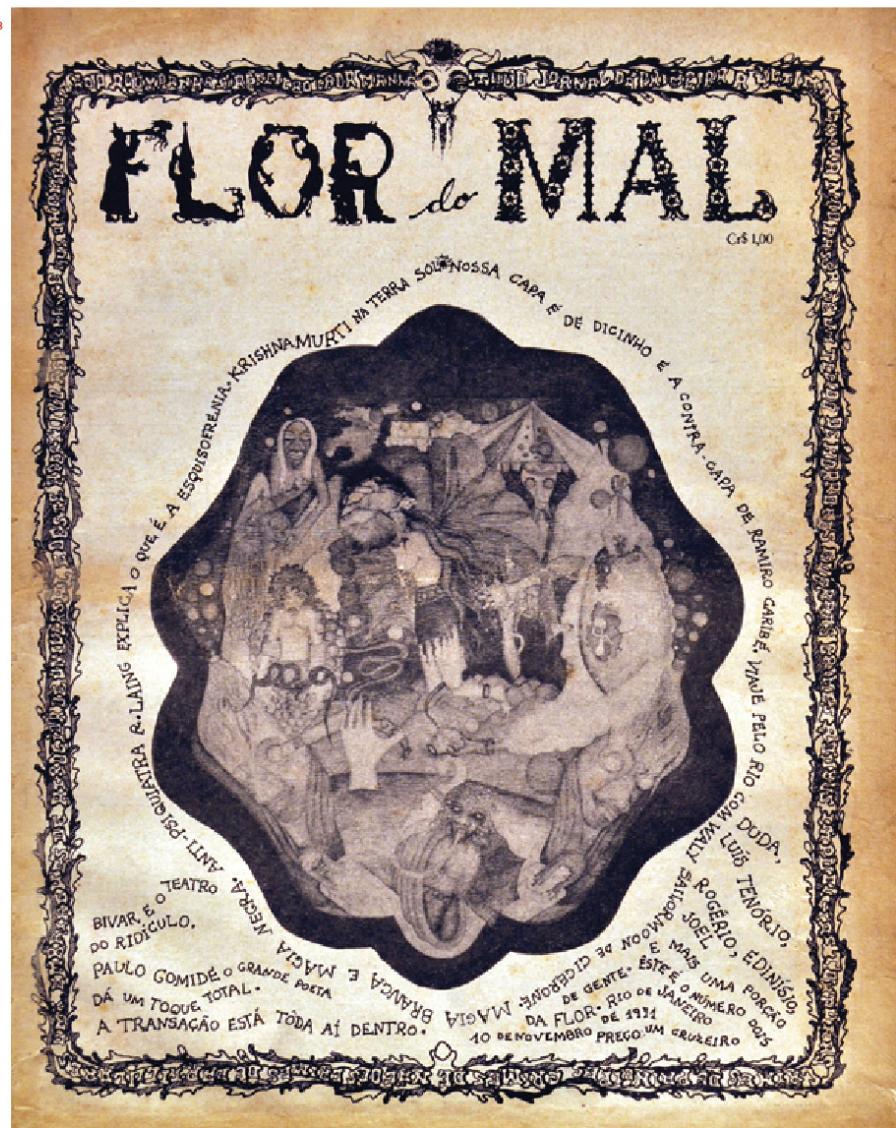
Em Flor do Mal, Luís Carlos Maciel, Torquato Neto, Tite de Lenos e Rogério Duarte escreviam "o que dava na veneta": artigos, contos, poemas, viagens e insights impregnados de contracultura e existencialismo. Na origem, estava a coluna *Underground*, publicada por Maciel no *Pasquim*. Após a prisão em 1970, ele decidiu transformá-la em jornal. As cinco edições que conseguiu publicar testemunham a chamada "Era do Desbunde" e os percalços da busca por liberdade individual em tempos de ditadura.

129. Verbo Encantado, publicado entre 1971 e 1972 por Álvaro Guimarães, é o irmão baiano de *Flor do Mal*. Foram 22 edições de cultura underground na veia, sob as bênçãos de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

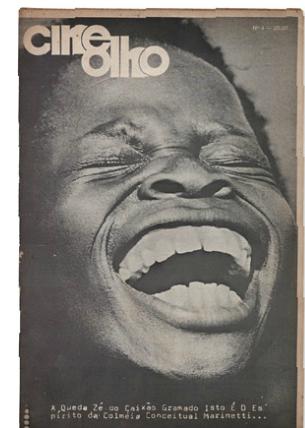
130. Muda., publicada em 1977 por Regis Bonvicino e Antônio Risério, teve entre os colaboradores os poetas Wally Salomão e Paulo Leminski, que a definiu como "uma revista de invenção". Saíu apenas um número.

131. Leninski refere-se também à força construtivista de *Polem*, em que colaborou, com Wally Salomão, Hélio Oiticica, Caetano Veloso e os irmãos Campos, entre outros. A única edição da revista é de 1974.

132. Scaps., criado em Curitiba pelo jornalista Toninho Martins Vaz, em 1975. O ton irreverente também tem a marca de Paulo Leninski, autor do slogan: "Um jornal que respeita a grande imprensa como se fosse sua mãe".



134



135

Inspirado pelo editor de cultura do *Opinião*, Júlio Cesar Montenegro, e por ele liderado, o *Beijo* nasce da união de jornalistas cariocas e paulistas, como Rodrigo Naves e Fernando Mesquita.

Definido como jornal cultural pelos critérios da época, administrado em autogestão, se lança à subversão pela linguagem e à demolição de tabus da esquerda tradicional. Textos saborosos e grafismos criativos antecipam, nas seis edições, temas que atravessarão as décadas seguintes.

134. A revista *Rádice*, publicada entre 1976 e 1981 pelo psicólogo e jornalista Carlos Ralph, apresenta o olhar de uma nova esquerda, que vê no próprio corpo um importante campo simbólico de luta contra a repressão.

135. *Cineolho* (1975-1980), publicada por estudantes da Escola de Comunicações e Artes da USP, combinava intervenções urbanas com o debate sobre a estética do cinema. Na equipe, futuros cineastas como Fernando Meirelles.



ESCRITA

Ano I N.º 11 1978 Cr\$ 12 Revista Mensal de Literatura

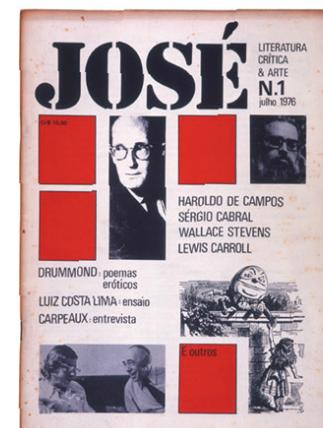


CAROLINA, SOLANO, CRUZ E SOUSA

137



138

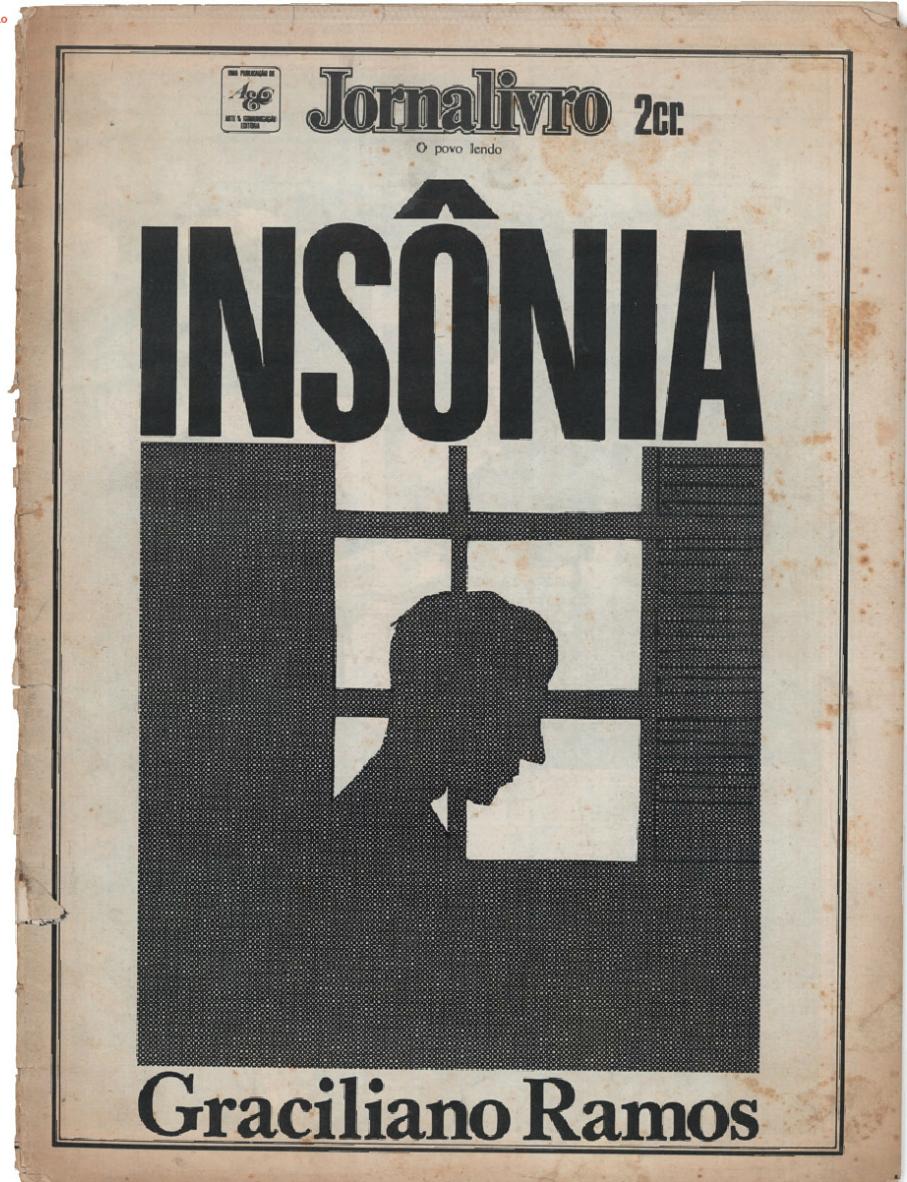


Jornalivro, de 1971, é uma das ideias mais inovadoras do ciclo alternativo. A cada exemplar, a integral de um livro chegava às bancas de jornal. "A preço de banana", lembra o jornalista Mylton Severiano, que trabalhava no projeto com Sérgio de Souza e Narciso Kalili. E que livros! Os autores: Graciliano Ramos, Machado de Assis, Roberto Freire, Dickens, Gorki e Dostoiévski, entre outros. Editado em formato tabloide, caracterizava-se pelo tratamento primoroso por artistas gráficos como Ary Normanhá.

137. Escrita segue a trilha aberta por Jornalivro. Editada por Wladyr Nader, entre 1975 e 1988, a revista mesclava contos e poemas de novos escritores da época com obras de autores brasileiros já consagrados.

138. Lançado em 1978, Leia Livros publicava ensaios, entrevistas e perfis, além de resenhas lançamentos da Editora Brasiliense. Era editado por Cláudio Abramo, Caió Túlio Costa e Caió Graco Prado, diretor da editora.

139. José, publicada por Gastão de Holanda no Rio de Janeiro, entre 1976 e 1978, reuniu poesias, contos, ensaios e crítica literária, na melhor tradição das revistas modernistas.



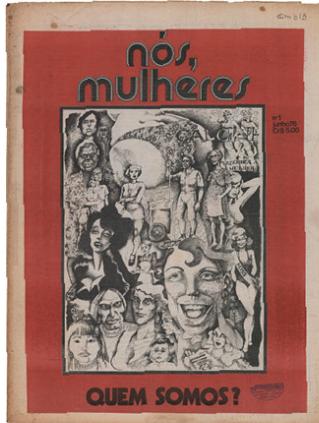
A Revista *Civilização Brasileira* foi um dos centros de referência do debate a que se lançou a esquerda após o golpe. Criada em 1965 pelo editor Énio Silveira, reunia em seu conselho editorial intelectuais marxistas, jornalistas e escritores. Referenciada na política do PCB, a revista tinha uma pauta ampla, pela democratização. Publicou autores como Jean-Paul Sartre, Herbert Marcuse e Andre Gorz. Destacou-se também pela crítica cultural num período de intensa produção artística no país. Circulou até 1968.

141. A Revista *Brasiliense*, criada nos anos 50 pelo editor e historiador Caio Prado Júnior. Teve como colaboradores intelectuais do porte de Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Edgard Carone e Josué de Castro.

142/143. Fernando Gasparian retomou a ideia de publicar uma revista de ensaios: *Argumento*, de 1973, editada por Elifas Andreato. Em 1975, nova tentativa: *Cadernos de Opinião*. Ambas tiveram vida curta.

144. Entre 1971 e 1978, *Cadernos Cebrap* reuniu a produção dos cientistas sociais, economistas e filósofos que se uniram a Fernando Henrique Cardoso na criação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

145



146



147



148



149

Brasil Mulher é o resultado de uma dupla circunstância: a ONU declara 1975 o Ano Internacional da Mulher, e é também o trigésimo aniversário da Anistia no fim do Estado Novo. Atenta à coincidência, Therezinha Zerbini cria o Comitê Feminino pela Anistia e alia-se à jornalista Joana Lopes para lançar o jornal. De cara, a questão do feminismo tensiona as relações. Zerbini queria manter o foco na Anistia. Perde a votação no coletivo e se afasta do jornal, que se mantém nas bancas até 1980.

146. Nós, Mulheres, de 1976, agrupa um novo campo temático à visão tradicional da esquerda sobre as questões de gênero, ao defender a autonomia da luta feminista e debater assuntos como sexualidade e emancipação.

147. Mulherio foi o jornal feminista que mais durou. Lançado em 1981, já no fim do ciclo alternativo, foi editado durante dez anos pela Fundação Carlos Chagas, sob a direção da jornalista Adélia Borges.

148. Maria Brasileira, boletim do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, publicado em 1979.

149. Bertha Lutz, uma das pioneiras das lutas feministas no Brasil. Iniciou sua trajetória no fim da década de 1910, reivindicando o direito das mulheres ao voto e medidas de proteção ao trabalho feminino.



E-mail 12

MOVIMENTO



151



teatro CPC UNE

PROGRAMAÇÃO DE ESTREIA

IV Festival de Cultura Popular

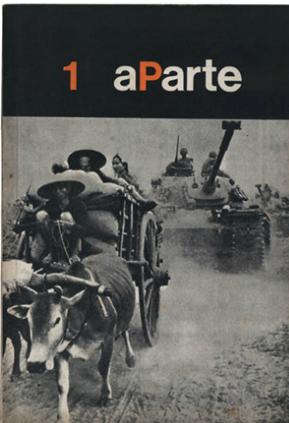
- 6 de abril — MUSICA BRASILEIRA organizado por Geni Marcondes e Nelson Xavier
- 13 de abril — NOVA MUSICA POPULAR organizado e apresentado por Carlos Lira e Sérgio Ricardo
- 20 de abril — NOITE DE CULTURA
- 27 de abril — NOITE DO SAMBA organizada por Sérgio Cabral
- 28/30 de abril — EXIBICAO DA UNE-VOLANTE NA OB.
- 5 de maio — Estreia

•Os Azeredos mais os Benevides-

peça de teatro. Ribeiro
Nelson Xavier, direção de
Nelson Xavier, assistência
de direção de José das
Machadas, cenário de Plácido
Imperio, música de
Louizito.

Compre uma cadeira cativa. Tel: 25-7818

152

esperado ■
1964 anos

154

Amanhã, publicado em 1967-1968 pelo Grêmio da Filosofia da USP, reuniu pela primeira vez o grupo de jornalistas, liderado por Raimundo Pereira, quando ainda eram estudantes. Em suas páginas, é possível acompanhar o processo de radicalização que levou boa parte da esquerda à luta armada contra a ditadura. O jornal, que era voltado para os trabalhadores, terminou por conta de uma dura repressão policial, ao mesmo tempo que havia grande divergência entre as correntes políticas representadas no jornal.

151/152/153. A revista Movimento, criada em 1942, foi uma das primeiras publicações da UNE (União Nacional dos Estudantes). No inicio dos anos 60, desempenhou papel importante no debate que lancou as bases dos CPCs (Centros Populares de Cultura), que reuniram artistas como Paulo Pontes, Odvaldo Vianna Filho (Vianinha), Chico de Assis, Cáca Diegues e Carlos Lyra. Em busca de uma linguagem mais popular e combativa, produziram shows, filmes e peças teatrais como o Auto dos 99%, que abordava o problema do ensino. Alvos da repressão após o golpe, os CPCs dissolveram-se antes de realizar o IV Festival de Cultura Popular, programado para abril de 1964.

154. A Parte, publicada em 1968 pelo TUSP (Teatro da Universidade de São Paulo). Nas duas edições que circularam, a revista expõe a forte polarização do debate cultural no campo da resistência à ditadura.





162



163



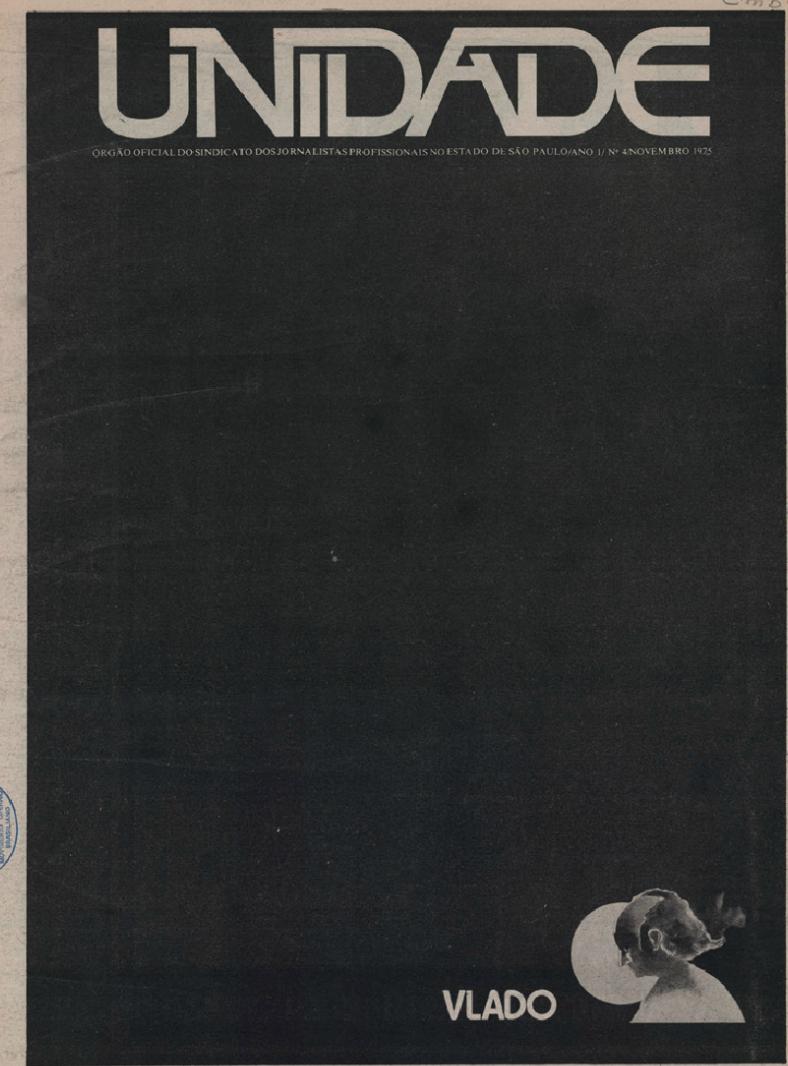
164

Edição histórica de *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Uma frente ampla de oposição à ditadura, liderada por Audálio Dantas, vence as eleições sindicais e toma posse em abril de 1975. Em agosto, lança o jornal, produzido em mutirão por dezenas de profissionais, coordenados por Fernando Pacheco Jordão e José Hamilton Ribeiro. Três meses depois, *Unidade* desafia os militares, ao denunciar a tortura de jornalistas do PCB e desmentir a versão oficial sobre a morte de Vladimír Herzog.

162/163. Praça de Sé, São Paulo, 31 de outubro de 1975: milhares de pessoas participam do ato ecumênico em memória de Vladimír Herzog, celebrado pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns, o rabino Henri Sobel, o presbiteriano Jaime Wright e outros religiosos. A sexta-feira histórica é reconhecida como marco do início da virada que culminaria, anos depois, no fim da ditadura.

164. Com a posse do jornalista Barbosa Lima Sobrinho na presidência da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), em maio de 1978, a luta pela redemocratização do país ganha um reforço de peso.

165





166



167



168

Tribuna Metalúrgica foi lançado em 1971 pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Com a retomada do sindicalismo combativo na campanha salarial de 1977, o jornal passou a desempenhar um papel importante na mobilização dos trabalhadores do ABC. Tinha como diretor Luiz Inácio da Silva, que ainda não assinava Lula, como se vê logo abaixo do nome do jornal. Nas greves de 1978 e 1979, chegou a rodar todos os dias. Nos períodos de intervenção no sindicato, era distribuído clandestinamente nas fábricas, sempre estampando as mensagens de João Ferrador, o personagem-símbolo da categoria, concebido pelo jornalista Félix Nunes.

166. Edição de 1978 de *O Metalúrgico*, jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que chegou a rodar 100 mil exemplares.

167/168. Portuários, da Baixada Santista, e *O Trabalhador Químico*, de São Paulo, editados pela Oboré, a partir dos anos 70. A editora reuniu jornalistas e artistas numa cooperativa para produzir jornais para sindicatos. Era coordenada pelo jornalista Sérgio Gomes e tinha, entre seus colaboradores, cartunistas como Henfil e Laerte.

169



GREVE

O PRIMEIRO TESTE FOI POSITIVO

Embora os percentuais de aumento obtidos estejam abaixo do que realmente foi reivindicado, podemos desde logo considerar vitorioso o movimento grevista. Diríamos assim que foi uma experiência positiva da luta sindical que está ainda para ser travada. Sei lá vejam:

- 1 - O reajuste salarial a prevalecer para todo o ano, resultante do dissídio coletivo (juizado pelo Tribunal contra nossa vontade), seria somente de 39%. Com os aumentos conseguidos com a greve, esse reajuste subirá, pelo menos, para 49%.
- 2 - Com isso romperemos a fria política salarial, obrigando o governo a anunciar intenção de revisá-la, adequando-a à realidade do trabalhador.
- 3 - A velha luta do Sindicato com vistas a que os reajustes fossem trimestrais - uma necessidade para que os salários pudessem acompanhar a alta do custo de vida - começa a se tornar realidade.
- 4 - Isso se verifica através dessas antecipações previstas no acordo assinado com o Sindicato Nacional dos Fabricantes de Veículos e Automotores.
- 5 - O movimento provou a ineficiência da lei antigreve, obrigando o governo imediatamente a constituir uma Comissão para modificá-la.
- 6 - Conseguimos nos impor como classe social organizada e, assim, passar a influir nas decisões governamentais, sempre tomadas contra nossos interesses e anseios. Agora, é o próprio governo quem leva em conta nossos atos para reformular a legislação trabalhista (o caso da alteração na lei de greve, por exemplo).
- 7 - Finalmente, nos revelamos a nós mesmos: percebemos que temos força e que somos capazes, quando unidos e organizados, de levar o patronato ao diálogo produtivo com nosso Sindicato, respeitando nossas reivindicações.



ABCD, de 1975, tipifica um momento importante para a resistência: a retomada das lutas populares. Nos bairros operários dos grandes centros industriais, as demandas por melhores condições de vida encontram nas comunidades de base da Igreja Católica um canal para se articular. Militantes e jornalistas ligam-se a esse processo, buscando dotá-lo de meios de expressão. ABCD, dirigido por Júlio de Grammont, nasce sob influência da Ala Vernelha, na região em que o sindicalismo combativo ensaiava seus primeiros passos.

174



O Que os
Políticos da
Arena e do MDB
Pensam

Páginas 6 e 7

Sarapalha,
Mu-mu,
Recruta Zero:
o Teatro no ABCD

Página 10



Metalúrgicos: Dissídio ou Farsa?

Página 3

Só um Milagre Salva o Mobral de Mauá

Página 9

171/172. Jornal da Vila e O Repórter de Guarulhos, ambos de 1978, surgem em São Paulo num momento de grande proliferação dos chamados "jornais de base". O primeiro, editado por Lais Tapajós e Sílvia Campolin, focava as questões comunitárias. O segundo era mais voltado aos operários e à luta sindical.

173. Batente, de Osasco (SP), coordenado por Ricardo Maranhão e Antônio Roberto Espinoza, formou um coletivo que chegou a reunir 250 pessoas da região.



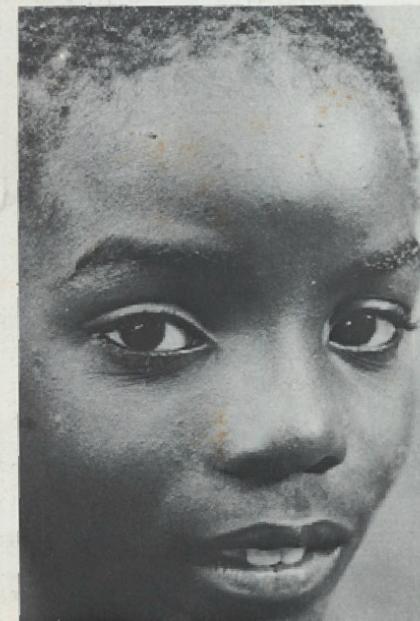
175

Tição expressa a reorganização das comunidades afrodescendentes e a retomada das lutas contra a discriminação. Em 1978, quando o jornal foi lançado, representantes de vários núcleos formados ao longo dos anos 70 uniram-se para criar o Movimento Negro Unificado, que teve atuação política destacada na década seguinte. O jornal, dirigido por Vera Daisy Barcelos, reuniu militantes de esquerda e ativistas do Rio Grande do Sul empenhados em demolir o mito da democracia racial, tão caro à ditadura.

178

TIÇÃO

Cr\$ 10,00 N° 1 - ANO I - MARÇO 1978



RACISMO DIZ PRESENTE NA ESCOLA

ESCURINHO: "O NEGRO TEM QUE EVOLUIR POLÍTICAMENTE"

A MULHER NEGRA CANSOU DE SER DOMÉSTICA

DIG 029-1



176



177

175. A Voz da Raça era o jornal da Frente Negra, criada em 1933. Marcou o início de um período intenso de conscientização e lutas, em que se destacariam lideranças expressivas como Abdias do Nascimento.

176. Jornegri, de 1978, feito em São Paulo por jornalistas como Odacir de Matos, que assinou com Narciso Kalili uma reportagem histórica sobre a discriminação racial, publicada pela revista Realidade em 1967.

177. Sinba, lançado em 1977 no Rio de Janeiro por Yedo Ferreira, fundador do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra e um dos dirigentes mais ativos do Movimento Negro Unificado.



SEM CENSURA

**GLÓRIA!! FERNANDA MONTENEGRO
NA PASQUIM-NOVELA!
E MAIS: DRUMMOND (EXCLUSIVO)
CHICO ANÍSIO · JOÃO SALDANHA
HOAUSSA · PABI · NERUDA**

139



18

As marcas da censura.
Os buracos negros no *Opinião*.
Na edição 22, o corte
mutilou a reportagem sobre
a missa em memória do
estudante Alexandre Vannucchi
Leme, assassinado em 1973,
que reuniu milhares de pessoas
na Catedral da Sé, em
São Paulo. Na edição 32,
a matéria inteira sobre
a sucessão presidencial foi
censurada.

Levantamento feito por Fernando Gasparian revela que 96% das edições do jornal sofreram algum tipo de corte. Quase metade das páginas escritas não chegou aos leitores nos quase quatro anos e meio de *Opinião*.

179/180. Em 1975 acaba a censura prévia no Pasquín. Mesmo assim, a edição 300, a primeira sem censura, foi apreendida nas bancas. Nas anteriores, charges como a do Henfil sempre estiveram entre os alvos prediletos da tesoura imprecisa das censuras.

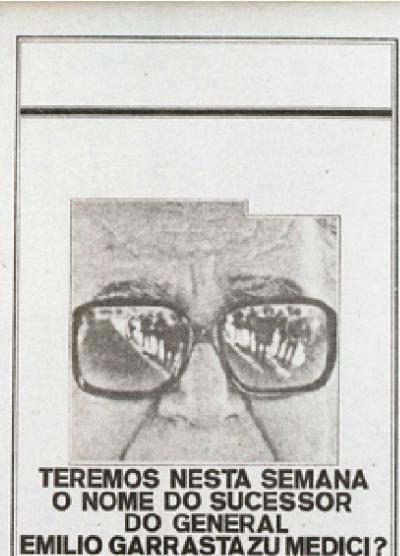
181. Imagine o que
são 4,5 milhões de
palavras juntas.
Conseguiu? Pois foi esse
o número de palavras
vetadas em três anos
de censura prévia
ao Movimento. Mesmo com
o fim da censura
em 1978, continuaram
as apreensões nas bancas,
como a da edição 177.
No entanto, desculpe, esse

182

Missa para um estudante morto

Alta Sipre de Olaria, para que em 1996, o Brasil e o Império do Japão realizassem uma parceria industrial para produzir uma nova gama de automóveis com Toyota. Foi aí que, acompanhando a UIMP e suas delegações para negociações entre países, que o autor teve a oportunidade de conhecer o presidente da Toyota, que, na ocasião, disse: "nós só vendemos carros que só vende e que só vendem". Naquele momento, o autor, que também é um membro da Comissão Executiva da Federação das Indústrias do Brasil, fez uma pergunta ao presidente da Toyota, que respondeu: "Aqui no Brasil, devemos cada vez mais produzir para o Brasil, devemos cada vez mais produzir para o Brasil". Essa frase permaneceu no autor, durante muitos anos, como uma placa de identidade, que sempre o lembrou de que o Brasil precisa, dentro de seu quadro produtivo, produzir para o Brasil, para que o Brasil possa ser um país que produza para o mundo, fortalecendo a Confederação do BCB. No final, o autor celebrou a vitória, e o grande crescimento da Fábrica Paulista, que se tornou uma referência dentro do setor automotivo brasileiro, que não parou de crescer, e que hoje é uma das maiores empresas de produção de veículos no mundo.

10



**TEREMOS NESTA SEMANA
O NOME DO SUCESSOR
DO GENERAL
EMILIO GARRASTAZU MEDICI?**

Leia e assine opinião

Leia e assine opinião

Nota oficial sobre a morte do estudante Vannucchi

Em um movimento desorganizado, os militares golpistas que se reuniram a tarde, na residência da Embaixada de São Paulo, general Oliveira Mello Lima, disse o ministro-chefe dos Assuntos Internos, que o presidente da República, Jânio Quadros, havia sido deposto no dia 1º, pelo Congresso da UNE, "sendo esse ato alegadamente violado ao direito constitucional". O comunicado respondeu a uma ação judicial contra o presidente, que, entre outras coisas, acusava-o de violar a Constituição.

Este resultado com a votação oficial, Alessandro fui para o dia 10 de março para a inauguração da exposição "Obras que mudaram o Brasil", no Museu da Liberdade e da Democracia, na Praça XV, no centro. Alessandro fui levado por um amigo, o professor e historiador Celso Giambiagi, no ônibus, porque tinha que comparecer com sua "companheira". No dia

hou, os efeitos de respostas difusas e deslocadas evocadas por estímulos que não fazem parte da experiência do sujeito. Ainda assim, é preciso dizer que a teoria da memória operativa é mais consistente, apurando-se na questão das relações entre as diferentes formas de aprendizagem, e no estudo de relações entre as memórias de curto e longo prazo.



Fogo nas bancas e bombas nos jornais. Em julho de 1980, Movimento denuncia: "Direita declara guerra e terror". Um dossiê lista dezenas de ações violentas que se intensificaram a partir de 1976. Vários jornais alternativos são duramente atingidos por empastelamentos e atentados à bomba. As bancas em que eram vendidos também se tornam alvos. A circulação cai e o estrangulamento financeiro contribui para o fim do ciclo alternativo.

184/185. Madrugada de 15 de novembro de 1976: a sede do jornal *Opinião* é destruída por uma bomba. O atentado foi atribuído à AAB (Aliança Anticomunista Brasileira), mas as investigações oficiais não deram em nada.

186. 30 de março de 1980: duas bombas-relógio explodem na redação do jornal *Hora do Povo*. Os invasores também destruiram máquinas de escrever usando ácido muriático.

187. A sociedade civil se mobiliza para "apagar o fogo nas bancas". No dia 11 de agosto de 1980, várias entidades realizam um ato público no Tuca (Teatro da Universidade Católica), em São Paulo, em repúdio aos atentados terroristas.

188

MOVIMENTO

5 ANOS
Cinco anos contra a opressão

Um dossiê da escalada do terrorismo

Direita declara guerra e terror

P12 e 13



Espancamentos, seqüestros, bombas, incêndios... É a direita fascista em ação no Brasil.

Bombeiros apagando incêndio em Belo Horizonte

Veja como os grupos clandestinos agem sempre em correlação com os órgãos de segurança do país.

REVELAÇÃO

Movimento publica em primeira mão um texto dos bispos da Amazônia misteriosamente adulterado durante a visita do Papa João Paulo II

Texto da CNBB é adulterado

P.8

DEBATE

TRAVESTIS E PROSTITUTAS

Por Darcy Penteado, P. 20

O PAPA E O POVO Pobre

Por Pedro de Oliveira, P. 9

A CONSTITUENTE E O PT

Por Alen Feuerwerker, P. 4



189



190



191



192

A Anistia ganha as ruas.
Maria Quitéria, do Movimento Feminino pela Anistia, dirigido por Therezinha Zerbini, e o boletim do Comitê Brasileiro pela Anistia, liderado pela advogada Eny Moreira, dão voz à campanha que as oposições começavam a empreender no Brasil e no exterior. No Rio, o movimento estudantil responde à prisão de militantes do MEP com manifestações públicas e o lançamento do boletim **Anistial!** No auge da mobilização, já em 1979, jornalistas cariocas de renome se reúnem para produzir um jornal sobre o tema. O nome, **Correio da Manha**, é inspirado no Barão de Itararé. Dela também é a frase adotada como epígrafe: "A Anistia é a maneira que o governo encontrou de perdoar os crimes que ele mesmo cometeu".

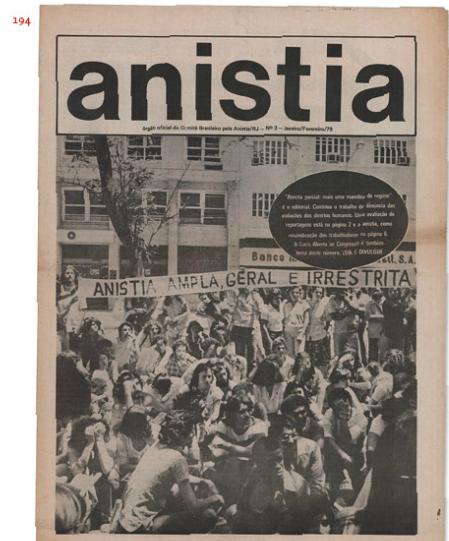
189. A campanha pela anistia ganhou até as arquibancadas. Em março de 79, no Pacaembu, corinthianos estendem a faixa e torcem pela Anistia.

190/191. Setembro de 1979. Anistia promulgada, os brasileiros voltam para casa e são recebidos com festa. **Miguel Arraes**, criador do boletim **Frente Brasileira de Informações**, e o líder camponês **Gregório Bezerra** são dos primeiros a retornar.

192. Em flagrante memorável do repórter fotográfico Ybarra Junior, o preso político estende a mão para quem foi buscá-lo na porta da cela.



193



194



195



P

V

U

n

C

T

IMPRENSA CLANDESTINA

José Maurício de Oliveira

Os jornais que você irá conhecer a seguir foram feitos por jornalistas que não tinham o hábito de ouvir o outro lado. Até porque, se o fizessem, certamente sairiam das entrevistas diretamente para os centros de tortura mantidos pelo regime militar. Não que quisessem. Mais do que narrar fatos e compilar versões, a imprensa clandestina sob a ditadura impôs-se a missão de combatê-la. E assim o fez, lançando mão de toda sorte de subterfúgios para driblar as circunstâncias estreitas vividas na época - reuniões de pauta em cemitérios, jornais impressos em gráficas escondidas sob caixas d'água, distribuídos furtivamente de mão em

mão, lançados ao vento em panfletagens de alto risco... É da tradição, como diz o pesquisador e militante José Luiz Del Rio: "Organização de esquerda que se preze não existe sem a edição de ao menos um jornal". Nesse campo, há séculos, não há combate sem debate, ação sem reflexão. Muito menos atrocidades e injustiças que consigam escapar impunes de uma boa denúncia. As próximas páginas registram o testemunho de homens e mulheres sobre o tempo sombrio que lhes coube viver. Para legá-lo, não hesitaram em arriscar a própria vida. Expor seus jornais à luz do dia no país democrático que ajudaram a construir é um modo de honrá-los.



197



198



199

Em 1º de abril de 1964,
a manchete do semanário *Novos Rumos*

Rumos exortava os trabalhadores a resistirem ao golpe militar deflagrado naquela madrugada. A última edição do jornal criado pela direção do PCB em 1959 não chegou às bancas, mas foi distribuída de mão em mão. Só um ano depois o partido retomaria organizadamente a atividade de imprensa, uma tradição que remontava aos anos 20 e a qual foi mantida sob estrita clandestinidade durante a vigência da ditadura.

197. *A Classe Operária* foi o primeiro jornal publicado pela direção do PCB. Nasceu sob o Estado de Sítio em 1925, sobreviveu ao Estado Novo e circulou com alguns períodos de interrupção até 1953.

198. O último exemplar da primeira fase de *Voz Operária*, publicado pelo PCB entre 1949 e 1950, quando foi substituído por *Novos Rumos*, vendido legalmente nas bancas de jornal até o golpe militar.

199. Em 1965, o partido retomou a publicação de *Voz Operária*. Por dez anos, foi produzido clandestinamente no Rio de Janeiro sob a direção do jornalista e dirigente comunista Orlando Bonfim.

200

nacionalismo democracia socialismo

novos rumos

ANO VI — Rio de Janeiro, 1º de abril de 1964 — EDIÇÃO EXTRA

CGT: GREVE GERAL EM TODO O PAÍS

Aos trabalhadores
Ao Povo

O COMANDO GERAL DOS TRABALHADORES,
juntamente com os atuais acontecimentos, que confirmam

mais a denúncia da articulação reacionária para golpear as liberdades democráticas e sindicais e depor o Presidente da República, determina a imediata GREVE GERAL em todo o Território Nacional.

Os Comunistas Dirigem-se à Nação: ESMAGAR O GOLPE REACIONÁRIO DEFENDER AS LIBERDADES DEPOR GOVERNADORES GOLPISTAS

PROCLAMAÇÃO DE JAIR: DERROTAR A SUBVERSÃO CUSTE O QUE CUSTAR

1. Os comunistas dirigem-se à Nação, neste momento de crise, para denunciar a ação golpista já desencadeada pela minoria reacionária e chamar todo o povo brasileiro à luta imediata e decidida para esmagar os focos de ressaca e entreguismo.

Nas últimas horas, os grupos políticos e os latifundiários que servem ao imperialismo e ao latifundiário passaram da atitude cossista para a luta contra o golpe. Declararam em uníssono: «Nós lutaremos contra o golpe». Declaram em uníssono: «Nós lutaremos contra o golpe». Declararam em uníssono: «Nós lutaremos contra o golpe».

2. Os deuses supremos de cada cidadão, civil ou militar, é certamente hoje com todos aqueles que lutam contra o golpe. Esta é a hora da团结 de todos os patrióticos e democráticos, sem distinção de convicções políticas ou ideológicas, para defender a soberania nacional e as liberdades democráticas que acham em perigo.

3. É o momento de sair de presidente da República medíocre e golpista contra os patrióticos e democráticos, medir com quem ainda não tem postos de mando, e de apoiar firmemente o general Geraldo Góes e o comando das Forças Armadas, sob o comando dos generais Graça e Olívio, para que este bastante alertado sobre as forças que estão a ser empregadas para esmagar a resistência, de qual temor feito a evolução pacífica e cristã da história.

4. Pelas principais legislações que imprime a ditadura, é proibido o uso de armas contra os subversivos, alienando assim que não só devem esgarçar os falangistas desarmados, mas também os latifundiários e os latifundiários lata.

5. Pelas principais legislações, o fogo das armas deve ser usado com base estrita ultrapassada pelo peso de munição.

6. Embora em estatuto de constituição, a Constituição Federal de 1946, não se faça menção alguma quanto ao direito de greve, é esse direito que concilia a liberdade de expressão, princípio fundamental da resistência anticomunista.

7. São as forças anticomunistas que se erguem mais uma vez para se opor a soberania do povo. Concentrando todos os esforços na luta contra o golpe e a revolta, os fícies populares abrigam canhão para a formação de um governo nacionalista e democrático para a concretização das reformas de base, para a defesa e ampliação das liberdades públicas.

8. Através da luta dirigida contra o golpe, marcharemos para as assembleias à Constituição que foram realizadas para reforma agrária, o direito de voto nas eleições, educação popular, a eleitoralidade dos sindicatos, a supressão da injusta discriminação racial sobre o Partido Comunista.

9. Os comunistas condenam os trabalhadores e o povo brasileiro a manifestarem imediatamente, por todos os meios, sua repulsa ao golpe reacionário.

10. O momento exige que as massas trabalhadoras e estudantis, os patriotas e os demais latifundiários e intelectuais se agridem a agredir e destruir o golpe.

11. Os estudantes universitários, os estudantes, os estudantes, os militares patriotas, os intelectuais progressistas e de todos as forças democráticas e a garantia da vitória contra o golpismo e a repressão.

12. Todos os latas contra o golpe, em defesa das liberdades democráticas e pela realização das reformas de base.

13. Pelo afastamento imediato do poder dos governadores golpistas Carlos Lacerda, Ademar de Barros, Magalhães Pinto, Ildo Meneghetti e Nel Brasileiro.

14. Pelo afastamento imediato do poder dos governadores golpistas Carlos Lacerda, Ademar de Barros, Magalhães Pinto, Ildo Meneghetti e Nel Brasileiro.

15. Os estudantes universitários, os estudantes, os militares patriotas, os intelectuais progressistas e de todos as forças democráticas e a garantia da vitória contra o golpismo e a repressão.

16. «UNE deve orientar a CGT para que entre em greve, impedir as reformas de estrutura que a Nação reclama.

17. Em face da grave ameaça que pode sobre a Nação, os comunistas chiamam todos os brasileiros para a luta imediata contra o golpe.

18. «UNE deve organizar uma ação energética para aniquilar os grupos gol-

Nota Oficial do Governo Federal

A Presidência da República expediu na noite de ontem a seguinte nota oficial:

«Na manhã de hoje, parte da guarda federal sediada em Minas Gerais se subiu ao comando dos generais Giacinto e Olívio Mourão Filho, inspecionou os muros e portões da Fazenda da Boa Vista, contra o ordenamento constitucional e podres constitucional.

Diante desse ataque, o presidente da República recomendou ao Ministro da Guerra, General Jair, que fossem tomadas imediatamente as providências necessárias para debelar a rebelião, nomeando para Minas Gerais unidades de elite.

O movimento subversivo, que se filia às normas latifundiárias, é resultado de polêmicas entre os latifundiários e os partidos progressistas do povo brasileiro e pelo esplêndido legalismo das Forças Armadas, esta fazendo a igual malícia, esperando e desejando fomentar o caos e a morte, e não o progresso e o bemestar da Nação.

Não pode menor malo e mais veniente resultado da Nação a atitude que os que procuram instaurar a desordem e ferir as instituições democráticas no momento em que o governo, com apoio do povo e das Forças Armadas, se acha pronto para encaminhar pacificamente o trabalho do Congresso Nacional, as reformas e as mudanças necessárias à paz, ao progresso e ao bem-estar da Nação, que vel que se tenha encoberto como palco para deflagrar a nova tentativa golpista e da prisão das melhores tradições civicas de nosso Brasil.

A Nação pode permanecer tranquila. O Governo fazendo maxímos esforços de unidade nacional, a coerência, a disciplina e a disciplina, e os cristãos em que se é preciso, pois conta com a firmeza das Forças Armadas e com o patriotismo do povo brasileiro.

UNE Decretá Greve Dos Estudantes em Todo o Brasil

Os estudantes universitários, os estudantes, os militares patriotas, os intelectuais progressistas e de todos as forças democráticas e a garantia da vitória contra o golpismo e a repressão.

Todos os latas contra o golpe, em defesa das liberdades democráticas e pela realização das reformas de base.

18. «UNE deve orientar a CGT para que entre em greve, impedir as reformas de estrutura que a Nação reclama.

19. Em face da grave ameaça que pode sobre a Nação, os comunistas chiamam todos os brasileiros para a luta imediata contra o golpe.

20. «UNE deve organizar uma ação energética para aniquilar os grupos gol-

21. Os estudantes universitários, os estudantes, os militares patriotas, os intelectuais progressistas e de todos as forças democráticas e a garantia da vitória contra o golpismo e a repressão.

22. «UNE deve orientar a CGT para que entre em greve, impedir as reformas de estrutura que a Nação reclama.

23. Em face da grave ameaça que pode sobre a Nação, os comunistas chiamam todos os brasileiros para a luta imediata contra o golpe.

24. «UNE deve organizar uma ação energética para aniquilar os grupos gol-



301

Em 1976, a produção de *Voz Operária* vai para o exterior. A queda da gráfica do PCB, um ano antes, deu início a um período de repressão intensa aos comunistas, com a prisão de militantes e o assassinato de dirigentes, como Orlando Bonfim. Parte da liderança conseguiu escapar e foi para o exílio.

A primeira gráfica italiana que imprimiu o jornal não tinha os sinais ortográficos do português, problema resolvido pouco tempo depois. Enviado ao Brasil pelo correio, o jornal circulou até 1970.

201. A gráfica do PCB
no estado do Rio,
atingida pela repressão
em janeiro de 1975.

No teto, se vê o buraco
que servia como porta,
sob una caixa d'água.
Para entrar, era
necessário esvaziá-la.

202. A Última edição de Voz Operária impressa no Brasil. Produzido de modo precário, o jornal tentou demonstrar que o PCB se mantinha na ativa, apesar da repressão. Mas só voltou a circular em 1995.

203. Edição especial
de Voz Operária
em italiano, distribuída
em 1975 na festa anual
pronovida por L'Unità,
diário editado pelos



93

em 1973 na Retea Unita, promovida por L'Unità, diário editado pelos



204

VOZ OPERÁRIA

nº 133 - Abril de 1976 - Ed. 1.00

54°
ANIVERSARIO
do Partido Comunista
Brasileiro

Garantir a realização das eleições e aumentar a resistência à ditadura

Entravam em um ano que podia vir a ser um marco na viragem do círculo político do Brasil. Afinal, o que é que é importante? Aí, existe nos dias atuais, O povo está respondendo ativamente, e com / todo entusiasmo, à proposta de mudar o país, e prender os que, a votos ou a meio de demagogia política controla ele. E, 1998 é um ano

As eleições se afirmaram no Brasil como a via que, no nível atual da resistência anti-fascista, melhores possibilidades oferece às massas para as grandes demonstrações de repúdio ao regime. Foi um malício e um importante passo à frente da nossa luta. Haverá compreensão.

do seu e transformando o povo passado em plácido bicho de estimação. O que é que a votar contra o governo, e dessa sua atitude resultou o maior desastre para o Brasil. Aquele é um fato da contra e o maior desastre que já houve na história do governo, no Brasil.

Ademais, no mesmo dia 20, publicou-se no Diário Oficial da União a ordem na viseira de nos mandar para a guerra. Aquele é um ato direto à ditadura, como protótipo, noutros países, quando os Estados Unidos, por exemplo, daquela vez foi a ancestral da classe operária a unir posição com a classe burguesa, e os soldados de todos os partidos juntaram-se para derrubar a ditadura operária daquele dia, quando se criou a terceira unidade, que gerou a nova unidade, que gerou a nova classe operária, e o dia de ontem, quando se criou a nova classe política. E que para todos vai se tornando evidente que a classe operária é a única que pode tornar uma das propostas de reforma social.

moreover groups from the

DESCARGAR ESTATÍSTICA DE LA

As profundas modificações, que vêm ocorrendo nos últimos anos, no cenário econômico internacional, fizeram com que as maiores favorecidas para a tese do novo mercantilismo fossem os países que possuem uma estrutura produtiva baseada na exportação de bens e serviços. No Brasil, a estratégia oficial a partir da qual se deve desenrolar o papel da política econômica é a de deslocar a economia do Brasil para desempenhar o papel de fornecedor de bens e serviços para o resto do mundo.

Entretanto, o impenitente é um im-
perador que não respeita nem a lei
nem a moral. Ele é um imbecil que
se acha sábio, um ignorante que se acha
conhecido, uma besta que se acha
inteligente. Essa meditação levou a todo
a sua transformação. Ele percebeu
que na ditadura fascista que encorpou
o Brasil, que não era só a ditadura
do Poder, mas que não era só a ditadura
da massa, e as formas concretas de sua
massa.

migo poderoso, que emprega todos os meios para me fazer desistir de lutar contra o Brasil. Só fui sua impunidade no continente latino-americano que me permitiu permanecer no Brasil. Apesar do imperialismo, nessa região de mundo, na principal base da expansão do imperialismo, eu fui capaz de resistir tanto contra o imperialismo, pela dimensão

O governo do Brasil é um entrave para o processo de desenvolvimento internacional se entende a América Latina e é uma fonte de instabilidade para o mundo. O foco de guerra no continente. Assim, os países que apoiam a coalizão imperialista e assassinaram o Amazonas em nome da paz, querem que o Brasil permaneça com a Alemanha, que é seu maior parceiro econômico. O fato de que o governo tem uma visão da orientação política dos conservadores e progressistas e juiz da linha direita do Poder Executivo.

Na sua estratégia de tentar a possibilidade de faturar a imunidade, o governo federal, que naquele dia aderiu ao voto secreto no Senado, não se importou com os resultados das eleições municipais nacionais e internacionais, nem com a crise econômica mundial, nem com o colapso do capital financeiro doméstico, nem com a crise social que se manifestava em todos os níveis e a cada instância.

um momento em que o chanceler econômico brasileiro fez uma reedição entusiasta, revivendo-se a incisão de sua fala de 1964 para ressaltar os resultados da política econômica. A tese principal da sua defesa é que o Brasil não só não avançou nos últimos anos, mas retrocedeu.

Assim, o Governo, com certeza tem como contra a soberania nacional ao invés de garantir a soberania popular. O que significa dizer que, para o governo, a soberania popular é um bicho papão que só serve para atrapalhar o domínio.

Um crime contra a soberania nacional ao norte, se bem que venha aumentando as casas e da instabilidade política cada vez



206



207



208

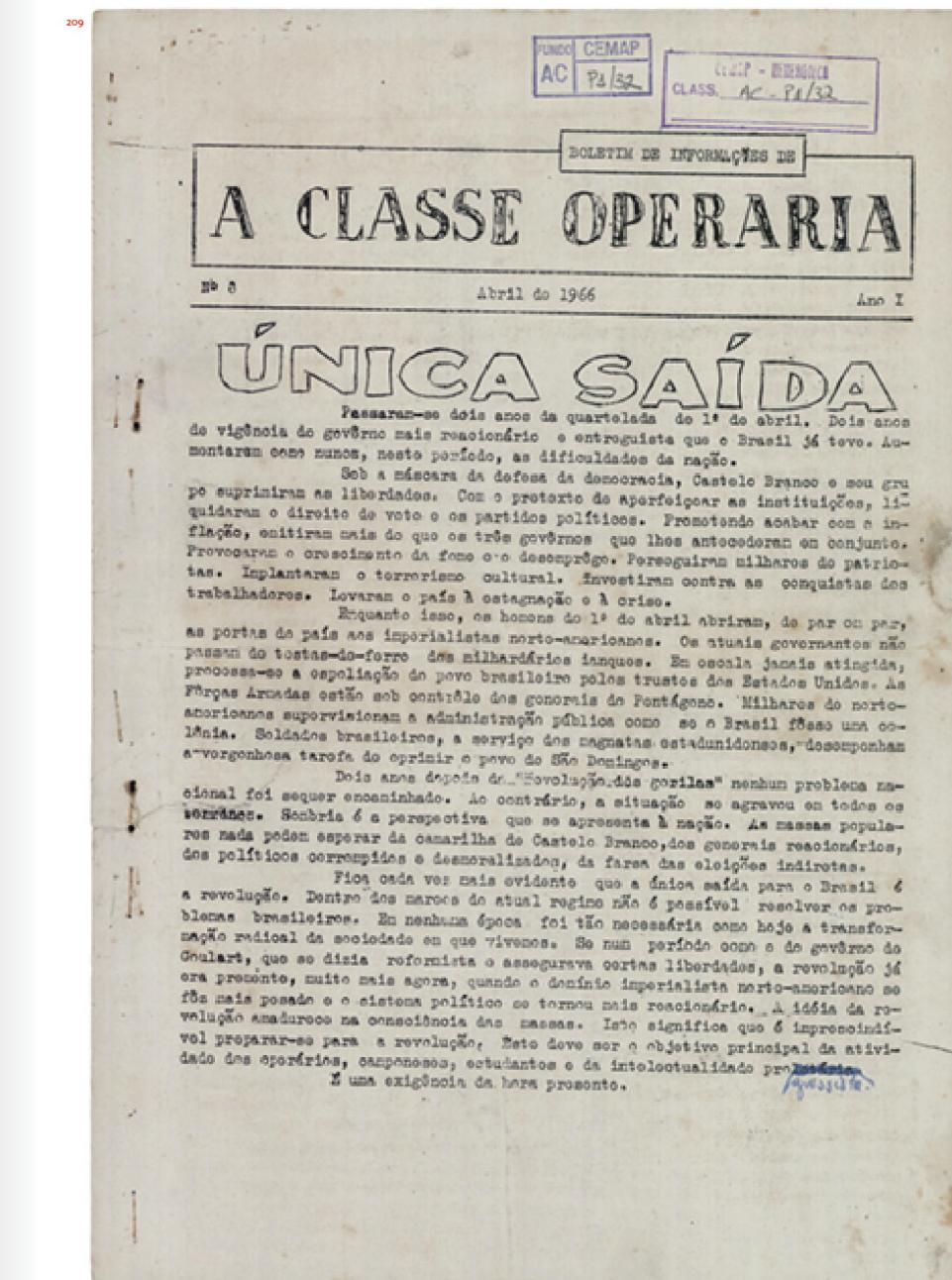
A Classe Operária, primeiro jornal do partido, foi relançado em 1962, depois do racha dos comunistas. Os dissidentes recuperaram o antigo nome - Partido Comunista do Brasil - e o título do jornal como modo de reivindicar a continuidade de sua linha histórica. Foi distribuído legalmente até o golpe militar. Depois de 1964, passou a ser impresso na clandestinidade por Cesar Teles e Amélia Teles, sob a direção de Carlos Nicolau Danielli, até seu assassinato e a prisão do casal, em dezembro de 1972.

206. Edição de *A Classe Operária* de 1º de maio de 1928, ano em que o jornal foi retomado após um período de repressão intensa, que o tirou de circulação poucos meses depois de seu lançamento, em 1925.

207. A primeira edição do jornal já sob a direção do PC do B, após o racha de 1962, estampa o número 427. O 426 havia sido publicado em 1953.

208. De pé, João Amazonas, principal dirigente do PC do B, discursa na comemoração do aniversário do partido, em 1962, primeira atividade pública da organização. À sua direita, Pedro Pomar.

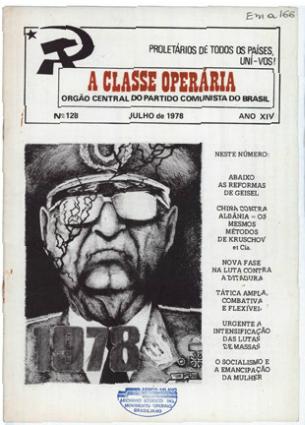
209





210

A partir de 1973, A Classe Operária continuou a ser editada como órgão central do PC do B sob rigida clandestinidade, por Aldo Arantes e Carlos Azevedo. Tempos difíceis para o partido marcado por prisões, assassinatos e a liquidação da Guerrilha do Araguaia. A grafica canulada, operada por Divo Guisoni e Raquel Guisoni, jamais foi descoberta pela repressão. No fim de 1976, após o "massacre da Lapa", a produção do jornal foi transferida para o exterior, onde estavam os dirigentes sobreviventes.



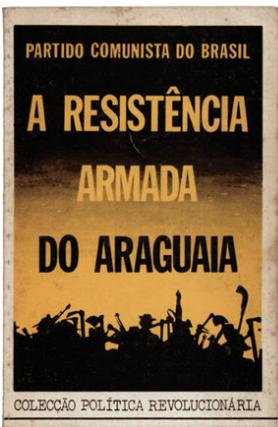
211

210. O "Massacre da Lapa", em 16 de dezembro de 1976. O DOI-CODI invade uma reunião do Comitê Central do PC do B e fuzila dois dirigentes: Pedro Ponar e Ângelo Arroyo. O terceiro dirigente, João Batista Drummond, foi morto sob tortura.

211. Após a queda da direção do PC do B no Brasil, o jornal passa a ser feito na Europa e editado por João Amazonas e Arruda Câmara, entre outros dirigentes.

212. A resistência armada do Araguaia. Livro publicado pelo PC do B conta a história da única iniciativa de guerrilha rural no Brasil que chegou à fase de combates efetivos no período da ditadura militar.

213. Maurício Grabois, dirigente comunista histórico, morto na Guerrilha do Araguaia, no Natal de 1973.



212



213

214

Proletários de todos os países, uni-vos!

ACLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

combater o banditismo militar
com ações resolutas

Nos últimos três meses, como se estivesse interessada em extinguir os restos de ilusão sobre a verdadeira natureza do atual regime, a ditadura militar apresentou uma face ainda mais feroz e sangrenta. Efetuou aproximadamente um milhão de prisões e anunciou a morte de mais de vinte patriotas. Nos comunicados públicos dos órgãos de segurança a respeito de suas operações criminosas, há uma mistura de sadismo, mentira e imprudência em aberto afronta à consciência democrática do país. Entre os assassinados encontravam-se quatro dirigentes do nosso Partido, vanguardas queridas e figuras destacadas do movimento operário e revolucionário brasileiro cuja memória sempre reverenciaremos e cujos exemplos devem ser continuamente exaltados.

Para uma corrente política como o Partido Comunista do Brasil, atuando nas condições de uma ditadura fascista e com suas responsabilidades acrescidas, a prisão de camaradas e amigos, como José Duarte, e o assassinato pela polícia de militantes tão capazes e abnegados como Daniellli, Oest, Guilhardini e Bicalho Roque constituem enorme desfalcque, perda difícil de ser reparada. O acontecimento exige uma análise serena das circunstâncias e de todos os aspectos que cercaram os fatos, a fim de tirar as lições indispensáveis ao melhor encaminhamento da luta popular e revolucionária.

Já vai para nove anos desde que a ditadura militar se lançou na sinistra empreitada de amordocar a nação, quebrar qualquer resistência ou oposição efectiva a sua política entreguista e liberticida. Os generais tratam de impor, a todo preço, sua disciplina de quartel. Autoinvestidos da missão de "salvadores da pátria", acham imprescindível a implantação de uma ordem do tipo nazi-fascista para que o país possa ser espoliado, passivamente, em benefício dos imperialistas e dos grandes fazendeiros e capitalistas ditos brasileiros. Para promoverem o que chamam de "desenvolvimento", não podem tolerar a menor discordância ou a mais insignificante manifestação de descontentamento. Estas são consideradas como o maior perigo para a denominada segurança nacional, isto é, o regime militar.

Dessa forma, a campanha de repressão aos adversários se transformou na pedra angular em que se assenta o sistema instalado em abril de 1964. Todas as modificações nele ocorridas obedecem às necessidades da suposta segurança, através da repressão. Quanto mais evidentes se tornam a traição, a incompetência, a desmoralização e o descalabro da política levada a cabo pelos governantes e quanto mais elas ficam isoladas das massas, tanto maior é o seu reclamo por medidas punitivas e tanto mais se aferram ao emprego da violência contra os que protestam. Por essa razão foi decretado o AI-5. E desde a ascensão de Médici ao Poder, conhecido homem dos serviços da polícia do Exército, a fúria repressiva se expandiu brutalmente.

Nº 72.

Fevereiro-Março 1973

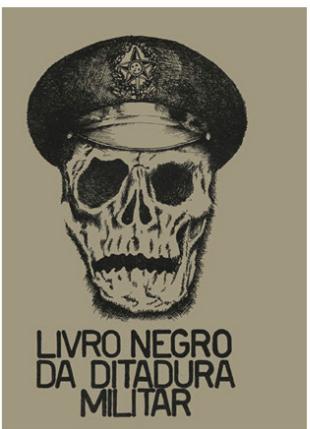
ARMED MILITARY
ARCHIVE
ARCHIVO HISTÓRICO DEL
MOVIMIENTO OPERARIO
BRASILEIRO



215



216



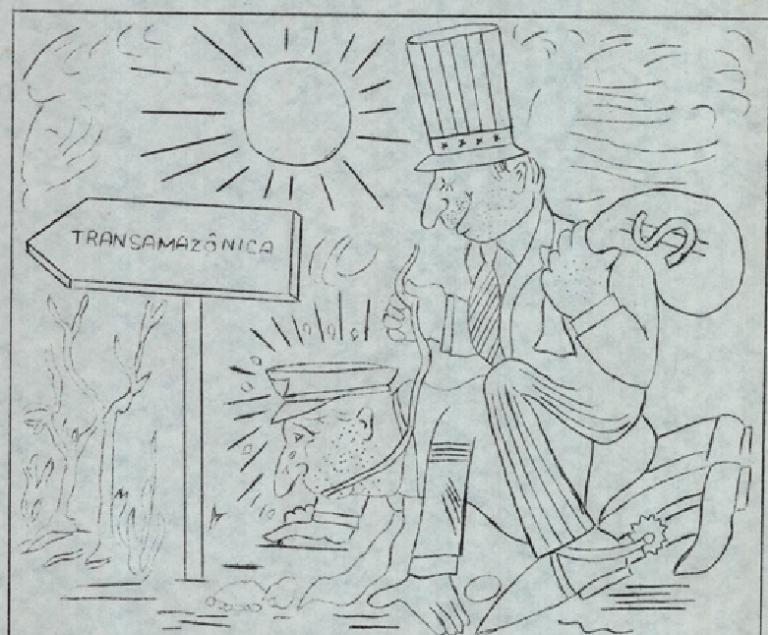
217

Liberdade foi lançado pela AP (Ação Popular) em 1968. Antes do golpe militar, a organização reunia militantes da esquerda católica, com grande influência no movimento estudantil. Convertida ao marxismo sob influência da Revolução Cultural chinesa, parte da organização aproximou-se do PC do B nos anos 70. O jornal foi dirigido por Duarte Pereira, Haroldo Lima, Aldo Arantes e Renato Rabelo, respectivamente. O jornalista Carlos Azevedo foi seu editor do inicio até 1975, quando, após 56 edições, deixou de circular.

215. **Ação Popular**, jornal de circulação legal que expressava as posições da direção da AP até abril de 1964, era editado em Minas Gerais, estado tradicionalmente católico, em que a organização era forte.

216. **Brasil, Urgente**, jornal influenciado pelas teses da AP, lançado em 1962 pelo frei dominicano Carlos Joséfa. Defensor das reformas de base no governo João Goulart, o semanário foi fechado pela ditadura.

217. **O Livro negro da ditadura militar**, da Ação Popular, escrito por Carlos Azevedo, Bernardo Joffily e Jô Moraes sob a direção de Duarte Pereira, em 1970, foi uma das primeiras publicações a denunciar as atrocidades da ditadura.



AS DUAS CARAS DA DITADURA

Esta é uma ditadura contra o povo. É uma democracia para os imperialistas, os latifundiários e os capitalistas entreguistas. Na luta contra o povo, a ditadura usa duas caras. A cara terrorista é a principal.





219



221



222

218 O "Ofrouxamento Salarial" é sinal de medo
Organização de base para continuar a luta
desde 1961, quando foi lançado.

Até o golpe militar, era publicado pela POLOP, organização criada por intelectuais e militantes que divergiam do PCB. Na segunda fase, depois do golpe, foi relançado pelo POC (Partido Operário Comunista) para intervir no debate sobre a luta armada contra a ditadura. Voltou a circular nos anos 70, após a rearticulação da POLOP. Na capa, a denúncia do assassinato do jornalista Luiz Eduardo da Rocha Merlino.

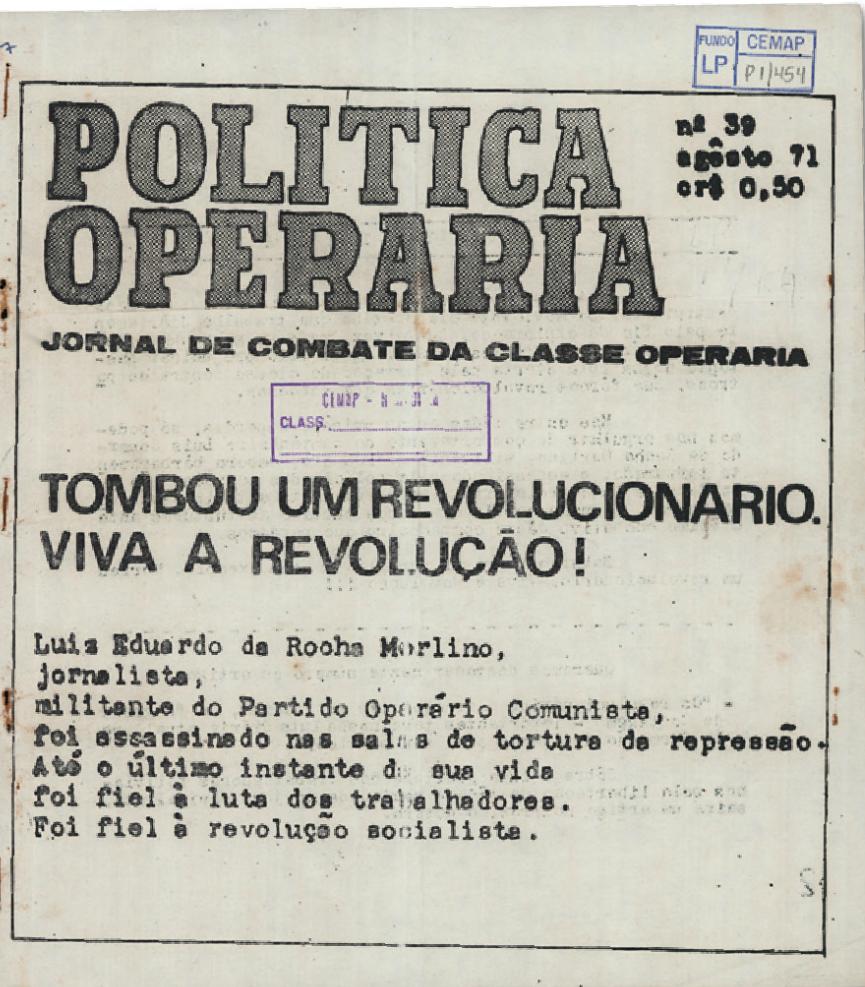
219 Desde sua criação, Política Operária desafiou o PCB em questões estratégicas, como a defesa do caráter socialista da revolução brasileira e a tomada do poder pelos trabalhadores organizados.

220 Sob a ditadura, influenciado pela Revolução Cubana e pela resistência vietnamita aos Estados Unidos, o jornal passa a defender o foco guerrilheiro como catalisador das lutas revolucionárias.

221 O engajamento de intelectuais marxistas como Eric Sachs, Rui Mauro Marini e Theotonio dos Santos fez da POLOP um centro influente de produção teórica, expressa em revistas como Marxismo Militante.

222 O jornal Combate, publicado pelo POC em 1971, não teria vida longa. Em rota de aproximação com a IV Internacional e perseguida pela repressão, a organização se desarticularia pouco tempo depois.

223



113



224



225



226

Bandeira Vermelha, jornal do MCI (Movimento Comunista Internacionalista) entre 1967 e 1969, caracterizou-se pela contundência nas críticas ao PCB e às propostas de enfrentamento armado da ditadura apartada das lutas dos trabalhadores. O redator principal foi o jornalista Hermínio Sacchetta, militante comunista histórico que rompeu com o PCB em 1938. Nas décadas seguintes, ajudou a criar organizações como o PSR (Partido Socialista Revolucionário), ligado ao movimento trotskista, e a LSI (Liga Socialista Independente).

228

224. Jornal da LSI publicado por Hermínio Sacchetta na década de 50, que defendia um socialismo democrático inspirado nas ideias de Rosa Luxemburgo, teórica dos comunistas alemães.

225. Lançado em 1952, o jornal Frente Operária expressava as posições políticas do POR (Partido Operário Revolucionário), vinculado a uma fração trotskista liderada pelo argentino J. Posadas.

226/227. Apesar de duramente atingido pela repressão, o POR conseguiu manter sua atividade de imprensa na clandestinidade. Chegou a editar uma versão voltada aos estudantes. O jornal Frente Operária sobreviveu à ditadura, chegando até a década de 1990.



227

CONTRA O SALÁRIO MÍNIMO DA FOME
(PÁGINA 3)

CEMAP - II EPÓCA
CLASS.

FUNDO
AC 3914

BANDEIRA VERMELHA

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS ABR 168
NO 9 - ÓRGÃO CENTRAL DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONALISTA - R\$10,50

Contra o neofascismo, contra os novos golpistas e pela ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE!

Os próprios técnicos dos "golpistas" de 64 reconhecem o recrudescimento inflacionário no primeiro trimestre deste ano e, consequentemente, o encarecimento do custo de vida. O Ministério da Fazenda, o Ministério do Planejamento, a Fundação Getúlio Vargas são forçados a admitir o fato, ainda que reduzindo-lhe as dimensões. As mágicas de Roberto Campos e, agora, de Delfim Neto estão resultando no que era esperado por nós, trabalhadores: mais fome e maior opressão. Há dias, vimos como o ministro Passarinho, aplicando as normas de "humanização" do governo neofascista de Costa e Silva, pôs término à greve dos 15.000 trabalhadores de Minas Gerais. Brandindo as armas de terror - ameaça de repressão policial violenta, Lei de Segurança, demissão em massa - o falastério desavergonhado tirou não só a própria máscara como a dos demais quadrilheiros aboletados na máquina do Estado para defender os interesses dos capitalistas.

Quatro anos de fracassos sucessivos em todos os planos, começam a pôr essa gente nervosa. Os "dispositivos" militar e político do bando de Costa e Silva já revelaram francos indícios de desintegração. Os setores determinantes da burguesia industrial e agrária principiam a tomar consciência da que a semiditadura institucionalizada

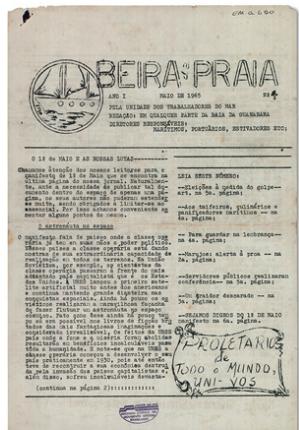
se mostra impotente para enfrentar uma situação explosiva, que vem ganhando corpo com a miséria crescente das massas trabalhadoras. As últimas manifestações de estudantes e operários, a greve "legal" de Minas servem-lhe de advertência.

Como a burguesia nacional não quer e nem pode solucionar seu problema básico - a questão agrária, a penetração, dia a dia mais avassaladora, do imperialismo na economia brasileira etc - começa a ver com bons olhos a substituição dos gorilas pelos ultradogmas, militares e paisanos.

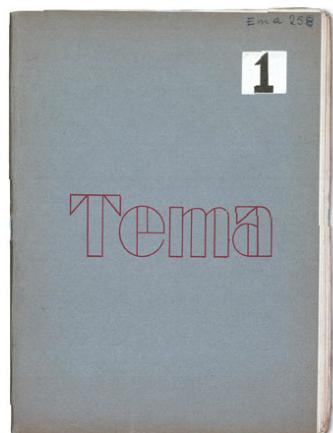
O "centrismo" fascizitizante de Castelo Branco e Costa e Silva já deu o que tinha a dar à burguesia brasileira e ao imperialismo. Os instrumentos de terror impostos pelo Golpe de 1964 estão sendo desafiados pelas massas populares, margulhadas numa miséria intolerável, que alcança, em maior ou menor grau, todas as camadas trabalhadoras, do proletariado à pequena-burguesia. O maléfico econômico-financeiro do governo neofascista recai brutalmente sobre os assalariados e põe em pânico a burguesia e seus sócios imperialistas, que pressentem a tempestade de que se avizinha, cujos primeiros relâmpagos foram as recentes manifestações de rua e a greve "legal" de Minas.



229



230



231

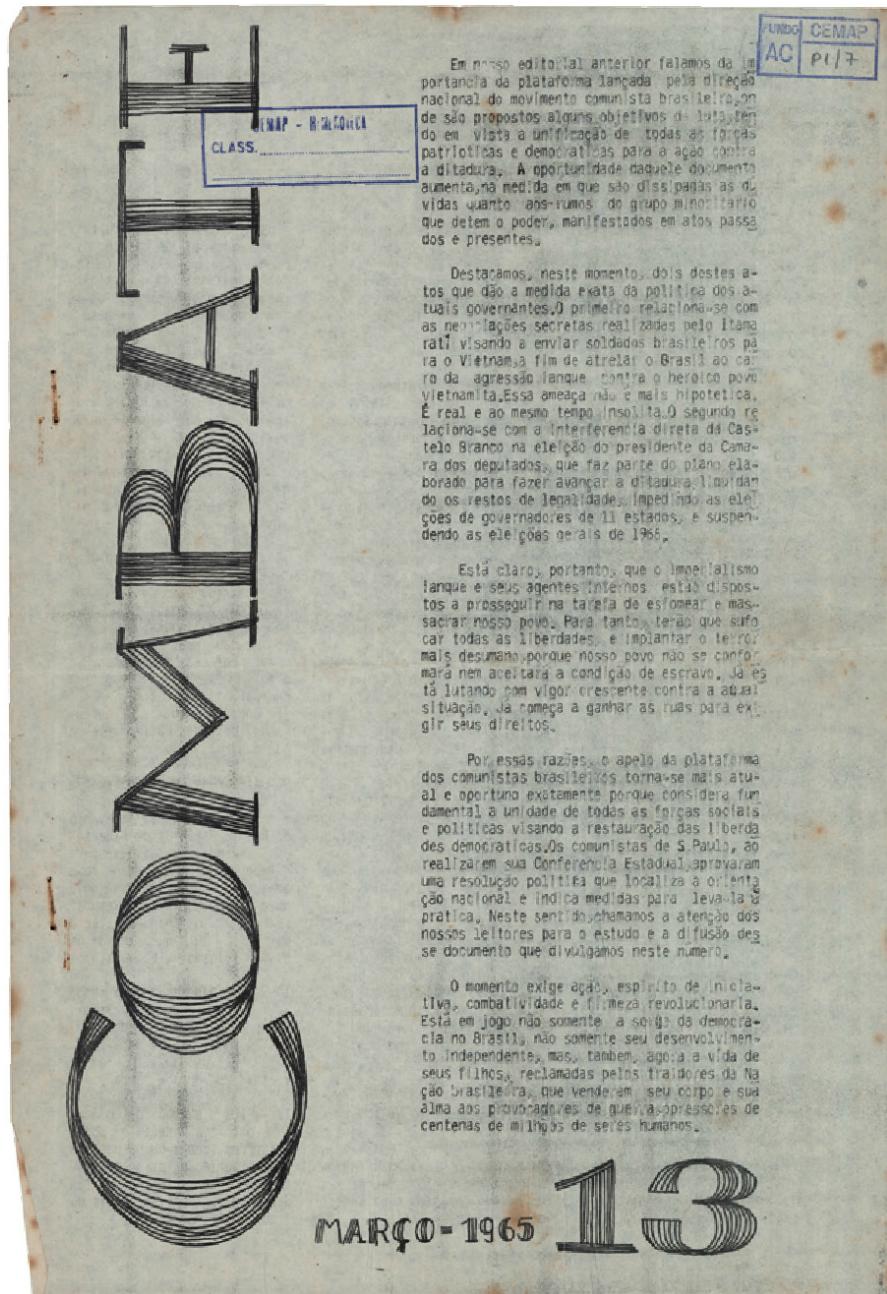
O Combatte foi um dos pioneiros da imprensa de mimeógrafo que surgiu com a reorganização das esquerdas após o golpe militar. Começou a ser publicado ainda em 1964 pelo Comitê Estadual do PCB em São Paulo. Circulava entre os militantes, então já empenhados num debate encarniçado sobre as razões da derrota sem luta em 1º de abril. Nos centros em que o partido era forte, núcleos de base em sindicatos também lançaram mão desse recurso para intervir nas discussões e conclamar à resistência.

229. A Voz do Campo, também clandestino, foi uma tentativa dos comunistas de rearticular, no pós-64, o movimento dos trabalhadores rurais que era forte no período anterior à ditadura.

230. Beira da Praia, jornal clandestino de agitação e propaganda feito em 1965 por militantes comunistas que atuavam junto aos trabalhadores marítimos e portuários do Rio de Janeiro.

231. A revista Tema, editada em São Paulo pelo jornalista Marco Antônio Coelho, defendia as posições de um grupo que se opunha tanto à maioria do Comitê Central do PCB, quanto à proposta de luta armada contra a ditadura.

232



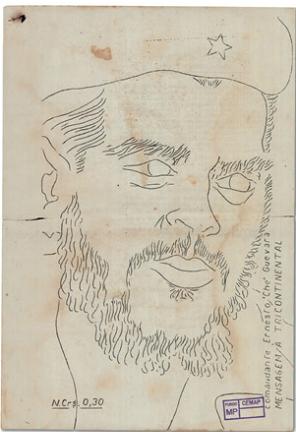
Em nosso editorial anterior falamos da importância da plataforma lançada pela direção nacional do movimento comunista brasileiro, de suas propostas, alguns objetivos de luta, tendo em vista a unificação de todas as forças patrióticas e democráticas para a ação contra a ditadura. A oportunidade nadadeira aumenta, na medida em que são dissolvidas as divisões quanto aos rumos do grupo minoritário que detém o poder, manifestados em atos passados e presentes.

Destacamos, neste momento, dois destes atos que dão a medida exata da política dos atuais governantes. O primeiro relaciona-se com as negociações secretas realizadas pelo Itamarati visando a enviar soldados brasileiros para o Vietnã, fim de atrelar o Brasil ao campo da agressão, jangue, contra o heróico povo vietnamita. Essa ameaça não é mais hipotética. É real e ao mesmo tempo insolita. O segundo relaciona-se com a interferência direta do Castelo Branco na eleição do presidente da Câmara dos deputados, que faz parte do plano elaborado para fazer avançar a ditadura, ignorando os restos de legalidades, impedindo as eleições de governadores de 11 estados, e suspendendo as eleições gerais de 1966.

Está claro, portanto, que o imperialismo jangue e seus agentes internos estão dispostos a prosseguir na tarefa de esmecer e massacrar nosso povo. Para tanto, terão que sufocar todas as liberdades, e implantar o terror, mais desumano, porque nosso povo não se conformará nem acatará a condição de escravo. Já está lutando com vigor crescente contra a atual situação, já começo a ganhar as ruas para exigir seus direitos.

Por essas razões, o apelo da plataforma dos comunistas brasileiros, torna-se mais atual e oportunamente porque considera fundamental a unidade de todas as forças sociais e políticas visando a restauração das liberdades democráticas. Os comunistas de São Paulo, ao realizarem sua Conferência Estadual, aprovaram uma resolução política que localiza a orientação nacional e indica medidas para levá-la à prática. Neste sentido, chamamos a atenção dos nossos leitores para o estudo e a difusão desse documento que divulgamos neste número.

O momento exige ação, espírito de iniciativa, combatividade e firmeza revolucionária. Está em jogo não somente a sorte da democracia no Brasil, não somente seu desenvolvimento independente, mas, também, a vida e a vida de seus filhos, reclamadas pelos traidores da Nação Brasileira, que venderam seu corpo e sua alma aos promotores de guerras, opressões de centenas de milhares de seres humanos.



1967
São Paulo

233



235



236

O jornal *Revolução* é resultado da vitória da corrente liderada por Carlos Marighella nas eleições para o Comitê Estadual do PCB em 1966. A crítica ao pacifismo e à colaboração de classes pregada por parte da direção comunista prevalece em vários núcleos regionais importantes, na preparação do primeiro congresso do partido sob a ditadura. Os mimeógrafos clandestinos rodam sem parar, imprimindo não apenas jornais e panfletos, mas também os textos teóricos que referenciavam a defesa da luta armada.

233/234. "Criar dois, três, muitos Vietnãs": a mensagem de Ernesto Che Guevara à Tricontinental, conferência que reuniu em Cuba organizações revolucionárias da África, da Ásia e da América Latina, em 1967.

235. O famoso texto em que o escritor Regis Debray analisa a experiência cubana e inverte a premissa tradicional dos comunistas, defendendo a subordinação da estratégia política ao foco guerrilheiro.

236. Além da Revolução Cubana, a resistência vietnamita à invasão dos Estados Unidos notou parte considerável da esquerda brasileira a lançar-se ao enfrentamento armado da ditadura no fim dos anos 60.

237

C. MENEZES AS TESES DO C. CENTRAL PAG. 8

REVOLUÇÃO

FUNDO CEMAP
AC PN/794

CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS.

Nº 1
12. out. 1967

DA "AMPLA FRENTE" À FRENTE AMPLA

O Oportunismo

A subordinação dos interesses de classes proletariado aos interesses da burguesia define, para Iacérdia, o oportunismo. São suas características a adopção dos princípios às circunstâncias, a contemporização, a politica de apaziguamento, a atitude daquelas que rejeitam a destruição do sistema capitalista a troco de concessões feitas pela burguesia. O reformismo é a expressão dessa atitude. Toda política oportunista faz, na prática, o jongo da burguesia, pois inviabilmente se deixa arrastar na luta de interesses personalistas ou de grupos da classe dominante. E da colaboração com a burguesia à traição dos interesses do proletariado, não vai senão um passo.

A Frente Ampliada

A partir de 1965, Iacérdia caracterizava sua franca divergência com a política econômica da ditadura. Utilizava uma agressividade de tática, atacando não a ditadura - que, diga-se de passagem, ele nunca foi contrário - mas, a orientação econômica governamental, responsável pelas impopularidades da "revolução". Castelo Branco não revidou diretamente a Iacérdia. Contra-atacou não só prestigiando Roberto Campos, mas firmando a política econômico-financeira do ministro do Planejamento como o próprio núcleo da concepção do governo, cercando conscientemente com todo o ônus da impopularidade. Afinal, afirma o líder da maioria no Congresso, podemos ser impopulares se temos o direito de nosso lado.

O pequeno apôlice inicialmente obtido por Iacérdia entre os setores de burguesia descontentes com a crise econômica, tenderia a se esvair. As hostes entre estes setores e a ditadura suriam aparcadas e, hoje, mesmo aquelas eleições do empresariado que há dois anos borboletavam em torno do plano desenvolvimentista de Dias Iaite, procuram adjetivos para louvar a segurança nos investimentos e a " paz social" obtida à custa da repressão policial sobre o proletariado. E todos se aproveitam da cri-



243



244



245

Palmares põe em cena outra vertente das organizações armadas. Logo depois do golpe, já sob inspiração da teoria do foco guerrilheiro, dissidências da POLOP unem-se a militares contrários ao regime e tentam partir para a ação. Nascem nesse processo agrupamentos como Colina (Comando de Libertação Nacional) e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), que se unem em 1969 para formar a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares), sob a liderança de Carlos Lamarca. O jornal da organização circulava apenas entre os militantes.

243. Carlos Lamarca, capitão do Exército que se ligou à VPR em 1969. Foi morto no interior da Bahia dois anos depois, quando estava no MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), agrupamento criado por dissidentes do PCB.

244. Edição especial de *Resistência*, jornal do MR-8, que analisa a situação dos camponeses na Bahia, onde a organização pretendia implantar um foco guerrilheiro.

245. Arma da Crítica. Já sob forte cerco da repressão, dirigentes da ALN e do MR-8 intervêm no debate sobre os rumos da luta armada no Brasil. Propõem mudanças, mas defendem a continuidade do processo em curso.

246

FUNDO CEMAP
AC PI 13

PALMARES

órgão oficial da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

ANO I — MAIO 1970 — N° 2

V

DENAP - HEMERÔNEGA
CLASS.

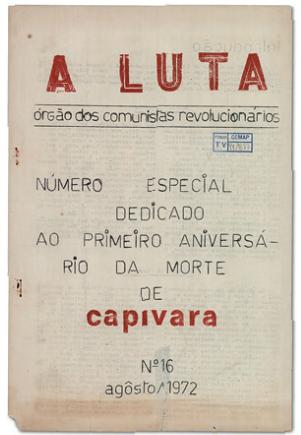
**a esquerda
e a revolução**

1º de maio

**nões
livres**

**tortura:
os novos
nazistas**

OUSAR LUTAR · OUSAR VENCER



247



248



249

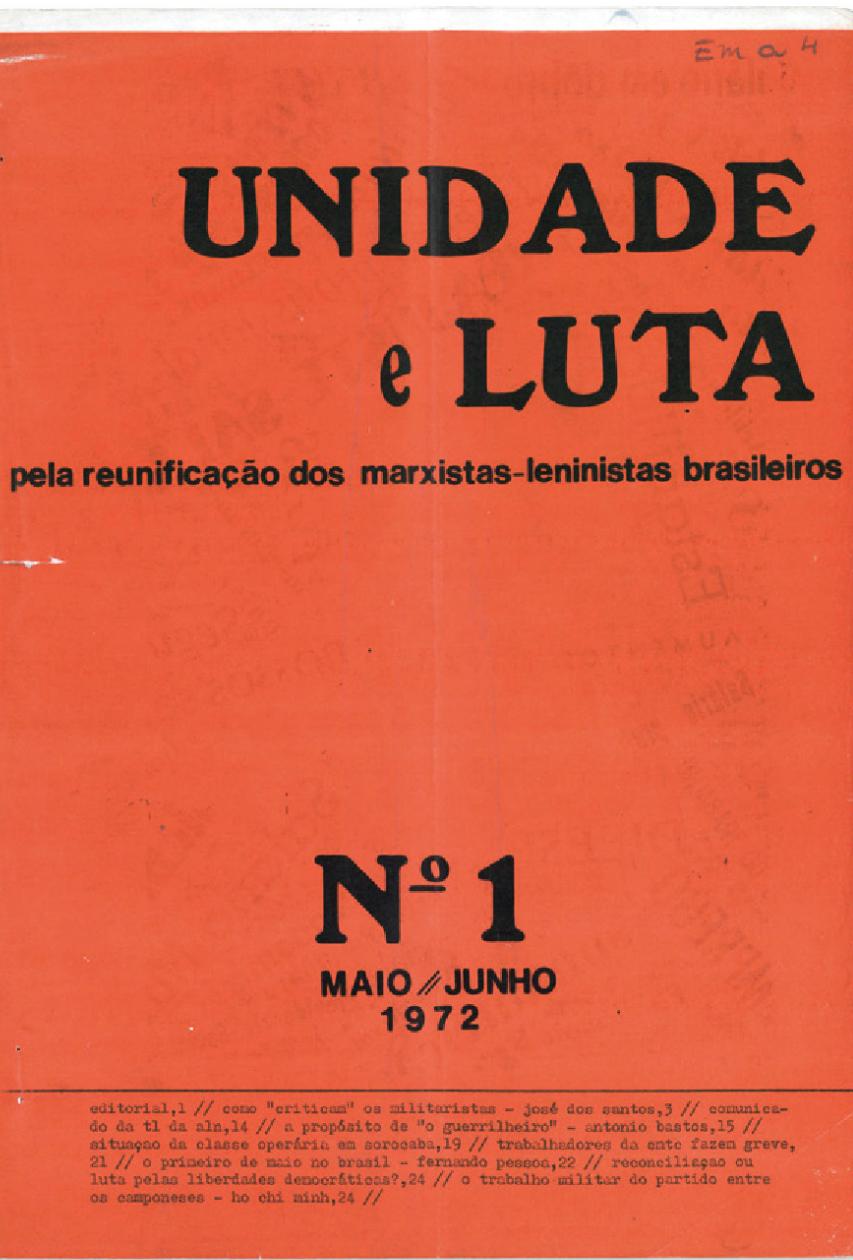
Unidade e Luta surge em 1972, num momento delicado para a ALN. As prisões em massa e o assassinato de líderes importantes, como Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, acendem a luz vermelha para parte da militância, que se agrupa na TL (Tendência Leninista) e exige um debate sobre os rumos da organização. Nas cinco edições da revista, a TL defende a volta às ideias originais de 1967, que não concebiam a violência revolucionária desassociada dos movimentos populares, como acabou acontecendo.

250

247. A Luta, jornal do PCR (Partido Comunista Revolucionário), que atuava principalmente no Nordeste e se aproximou da TL na crítica à teoria do foco guerrilheiro.

248. Imprensa Popular, publicação do MOLIPO (Movimento de Libertação Popular), dissidência da ALN que também defendia o retorno às bases operárias e camponesas, mas não se afastou do militarismo e foi dizimada rapidamente pela repressão.

249. O Companheiro, editado em São Paulo, representava o pensamento de um grupo de militantes da TL, que defendia a retomada do trabalho político junto aos trabalhadores.



125



251



252



253

Jornais como O Batente, criado em 1972 em São Paulo, contam uma história paralela à saga das organizações armadas. Líderes sindicais combativos e militantes de esquerda que não se deixaram seduzir pelo focismo mantiveram a dura pena o trabalho político nas fábricas. Enfrentando simultaneamente a repressão e os chamados pelegos, instalados nos sindicatos com o apoio da ditadura, desempenharam papel importante na retomada das lutas operárias no final da década.

251. A tradição dos jornais operários remonta ao século XIX. Em 1906, ocorre a primeira tentativa de unificar o movimento sindical no país, com a criação da COB (Confederação Operária Brasileira), que publica o jornal A Voz do Trabalhador entre 1908 e 1915.

252. Após o golpe de 64, a reorganização do movimento operário nas fábricas, com os comitês de empresa, culmina nas greves de 1967-1968. Jornais clandestinos como Piquete circulavam de mão em mão.

253. Vários comitês de empresa sobreviveram ao endurecimento brutal da repressão em 1969. O contato com os operários era reforçado pela produção de boletins locais, como Folha Operária.

254

BATENTE

JORNAL DA TESICLA

Ano III - Julho de 1975 - Tendência Sindical Clássica - Nº 13

CEMAP - DEMOCRACIA
CLASS.

CEMAP - DEMOCRACIA
CLASS.

© CAMPANHA SALARIAL (na página 2)

MILHARES DE TRABALHADORES TEM SEUS DISSÍDIOS AGORA NO 2º SEMESTRE

PORTUGAL e ARGENTINA

A FALÊNCIA DE DUAS DITADURAS - A PORTUGUESA E A ARGENTINA - ACENTUA A CRISE DO GOVERNO GEISEL. QUE SAÍDAS ELE PODE TENTAR?

(leia na página 3)

E MAIS:

TODOS À LUTA!

ATÉ NESTE BATENTE DOIS ENCARTE:

1. ARGENTINA: AS PORTAS DA REVOLUÇÃO
2. AS REBELIÕES NA CENTRAL DO BRASIL E A CRISE ECONÔMICA

LEIA e DISCUТА

"A EMANCIPAÇÃO DOS OPERÁRIOS DEVE SER OBRA DA PRÓPRIA CLASSE OPERÁRIA"

FUNDO CEMAP
AC PA/16



259

À luz do dia. Em outubro de 1979, ainda clandestino, o PC do B consegue a publicar o jornal *A Tribuna da Luta Operária*, de circulação aberta. Os objetivos: estreitar relações com os trabalhadores e contar com um aparato legal para promover a reorganização da militância. O jornal circulou até 1988, chegando a tirar 30 mil exemplares por semana.

Em 1980, foi a vez de o PCB ir abertamente para as bancas, com o jornal *Voz da Unidade*, produzido em São Paulo. Seu primeiro editor-chefe foi o jornalista e cientista político Gildo Marçal Brandão.

259. *O Trabalho*, de 1978, foi o primeiro jornal de uma organização clandestina a ter vida legal sob a ditadura. Era feito pela OSI (Organização Socialista Internacionista).

Circula até hoje, editado por uma tendência do PT.

260. *Hora do Povo*, lançado em 1979 pelo MR-8, também continua nas bancas. Na época, a organização roncou com o grupo que editava o jornal *Em Tempo* e decidiu se integrar ao MDB, a frente de oposição legal à ditadura.



260

261. Capa da edição de 10 a 16 de abril de 1980 do jornal *Voz da Unidade*. O artigo principal, intitulado 'Comunistas reafirmam linha do VI Congresso', destaca a defesa da política unitária e de massa. Outros artigos abordam temas como o governo tentando manipular a área cultural e a CIA utilizando "gusanos" em El Salvador.

262. Capa da edição de 9 a 15 de abril de 1980 da 'Tribuna Operária'. O artigo principal, intitulado 'A greve é justa. Ilegal é a fome!', denuncia a situação de fome dos operários metalúrgicos. Outros artigos abordam temas como a homenagem a Pômar, a escravidão no Brasil, e a luta contra a fome.

131

c

b

F

C

D

D

IMPRENSA NO EXÍLIO

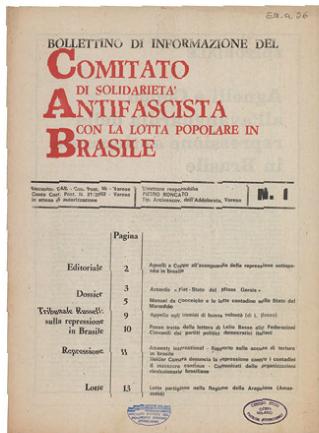
José Luiz Del Roio

De forma tímida, o recém-chegado, arranhando algumas palavras em francês, entra num restaurante barato em Paris e pede o objeto dos seus sonhos: um jabá com jerimum. E quando o garçom espantado diz que não sabe o que é, ele murmurá: "Pô, neste país *não tem nada*". Eis um exilado nos anos 70. Para ele e para 10 mil outros exilados brasileiros que viviam espalhados em dezenas de países, a caipirinha e os versos de Gonçalves Dias podiam até ajudar a espantar a saudade: "As aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como lá". Apesar das distâncias entre eles, pelo menos três coisas os uniam fortemente: a vontade de voltar, a repulsa à ditadura e a dor pelos amigos assassinados.

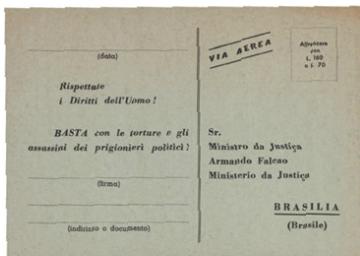
Com ou sem jerimum, a fonte maior mesmo era de notícias, produto raro numa época de ligações internacionais

caríssimas e jornais raríssimos. No entanto, nada, nem a saudade, nem a ausência de notícias, esfriava, nos exiliados, a disposição em discutir política, analisar os rumos a tomar e denunciar os crimes da ditadura. Assim, centenas de exilados passaram a escrever e a publicar, como podiam, folhetos, jornais e revistas. Muitas vezes a impressão era pobre, quase ilegível, e a circulação, parca. Só que tudo era lido e relido como se fosse um clássico da literatura.

Neste capítulo, você irá ver algumas mostras desse esforço coletivo, algumas raríssimas, ou mesmo exemplares únicos, um material nunca exposto, de valor histórico inigualável e que representou mais uma trinchera na luta para construir a democracia no Brasil.



267

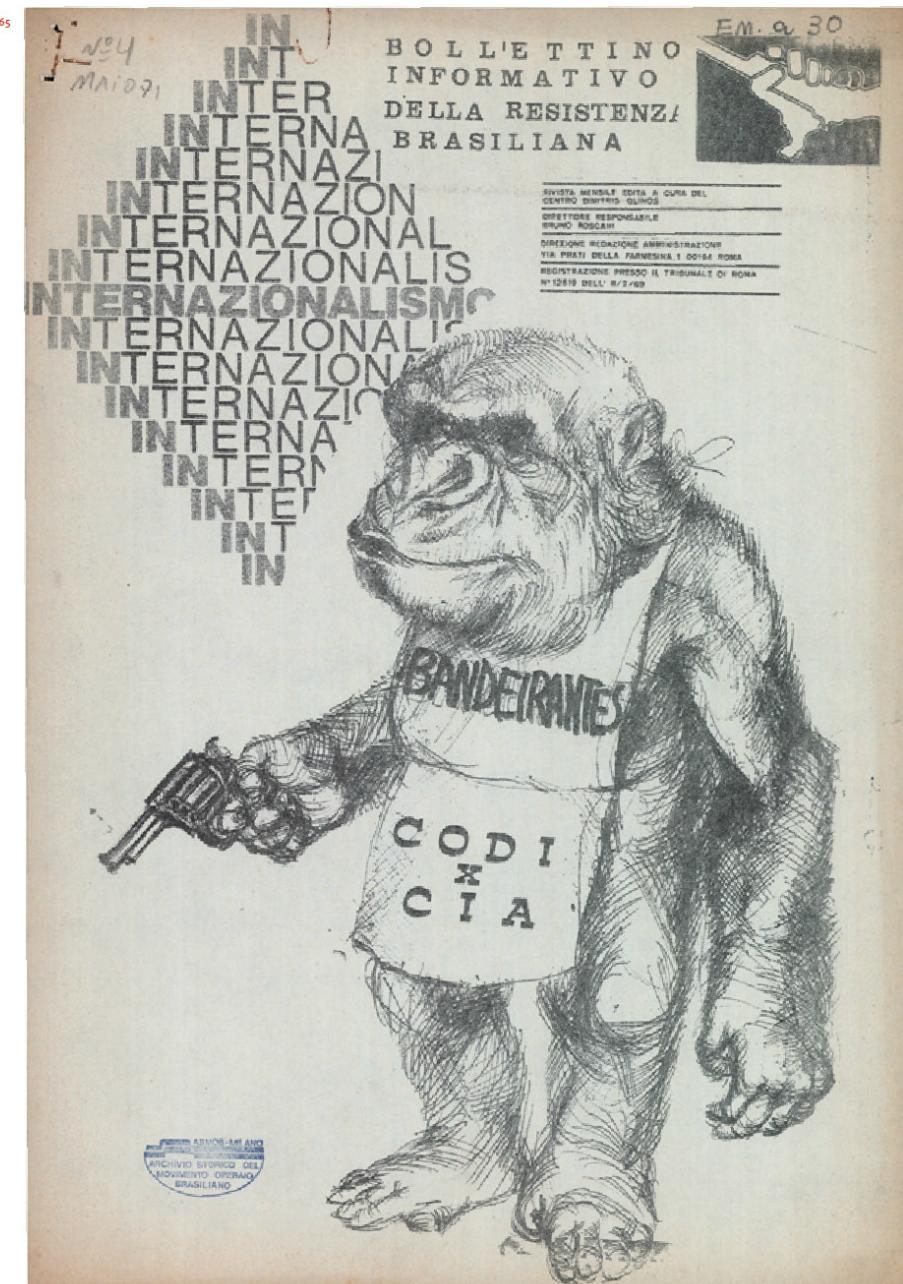


26

O Bollettino Informativo
della Resistenza Brasiliiana
começou a circular
na Itália em 1970, editado
por Flávio Medicci de Camargo,
militante da ALN (Ação
Libertadora Nacional).
Sem periodicidade definida,
o jornal denunciava a violação
dos direitos humanos no Brasil.
Apesar das dificuldades
impostas pelo governo
italiano para a concessão
de asilo, os brasileiros
contaram com o apoio
de comunistas, socialistas
e setores da Igreja Católica
para construir uma rede
local de solidariedade ampla
e influente.

263. Resultado da rede de solidariedade: a edição deste outro Bolettino pela Federação dos Metalúrgicos da Itália, que dedicava atenção especial às relações dos países europeus com a ditadura brasileira.

264. Outro reflexo da rede de solidariedade: cartões-postais como este foram enviados aos milhares por cidadãos italianos para a mesa do ministro da Justiça do governo Geisel.



135



266

En la C. 21
F. 4
April 11 de 1975
CORREO del
BRASIL
Nº113 - Octubre-75
Movimiento Argentino Antimperialista de Solidaridad Latinoamericana
Sede provisoria: Corrientes 5980 - Buenos Aires, Rep. Argentina
Aherido al Año Internacional de la Mujer
EDITORIAL Un nuevo número
de "Correo del Brasil"
Prisiones y torturas
Noticias del Brasil
Solidaridad internacional
Libertad al Diputado Francisco Pinto
PROYECTO DE RESOLUCION PRESENTADO ANTE LA HONORABLE CAMARA DE
DIPUTADOS DE LA NACION ARGENTINA
Denuncias en el Parlamento brasileño
Carta al MASA
def. Senator Marcos Freyre
Circulo de Solidaridad con el Pueblo Brasileño

267



268

O jornal *Cartas Chilenas* (colorido) foi lançado em Santiago do Chile no inicio dos anos 70 pelo jornalista mineiro José Maria Rabélo, inspirado em um conjunto de manuscritos do século XVIII atribuído aos inconfidentes mineiros, que forte tom oposicionista. Vem dai o subtítulo: *segunda época*. O golpe no Chile, em 1973, forçou a dispersão dos exilados brasileiros, o que acabou por fortalecer as ações dos núcleos de resistência em outros países latino-americanos, como a Argentina, o Peru e a Costa Rica.

266. Semanas de Solidariedade como estas no Peru serviram de contraponto aos eventos organizados pela ditadura para comemorar os 150 anos da independência brasileira, em 1972.

267. Em meados dos anos 70, o movimento sindical argentino expressava seu apoio à resistência brasileira por meio de publicações como esta, coalhada de denúncias na capa.

268. Os quatro generais presidentes da ditadura brasileira ocuparam a capa desta publicação originária da Costa Rica, onde a Igreja Católica dava um forte apoio à oposição brasileira.

269

CARTAS CHILENAS (TREZE)

EM QUE O POETA CRITICO CONTA A DOROTHEA OS FATOS DE

FANFARRÃO MINEZIO

GOVERNADOR DO BRASIL

Copidas de um antigo manuscrito de Francisco Luiz Sartório da Veiga, e dadas a luz

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

LUÍZ FRANCISCO DA VEIGA

Bacharel formado em ciências jurídicas e socias pela Faculdade do Recife.

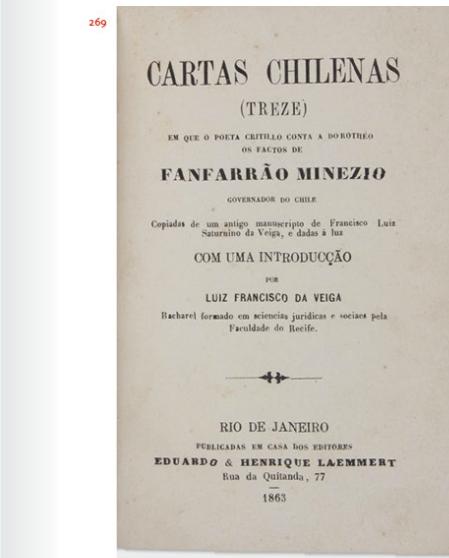
RIO DE JANEIRO

PUBLICADAS EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LÄEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1863



270



AÑO I NO 2
Santiago,
25 de Mayo de 1971

Sobre la hora

Critica II
POSTORRADACION - 125 oficiales del Ejercito brasileño fueron asesinados. La Escuela de Comando y Estado Mayor, viajaron la semana pasada para el Pana mán, donde harán ejercicios de guerra en la selva y la lucha antiguerrilla.

Claro que, como en otras ocasiones, la respuesta no se hizo esperar: docenas de aviones, en vuelo rumbo al sur, para este fin de semana, hacen su aterrizaje en Guanabara. Los ataques continúan, a través de la radio, televisión y prensa, en las principales ciudades difundida por el chileno al anochecer.

El proseguimiento de la lucha, los nuevos y sistemáticos golpes infieriles por las fuerzas revolucionarias demuestran para todos el chantaje de la falsa independencia. Los medios masivos de comunicación, a través de la radio, televisión y prensa, siguen informando la posibilidad de instalar un sistema de alarmas ideológicas al empleado por la policía y los supermercados, y sigue siendo la única posibilidad de detener la tortura.

La brutalidad de las torturas, la extinción de todos los derechos individuales, incluso el "habeas corpus", la restauración legal de la pena de muerte, la violencia contra la vida más frágil de cada ciudadano trae frenadas en su rutina que el mismo tiempo escandaliza y asombra al mundo entero. Sin embargo, si estos fatigas, de que los crímenes brasileños se habían ido, la lucha no ha terminado. Al revés. De que lo que está una existiendo ahora es tan sólo al comienzo de una guerra que no tiene fin, tanto los asesinatos de los tiranos de hoy en sus versiones internacionales, como la conquista de una fuerza enciudad, liberarse del miedo, del miedo y de la explotación.

Para ellos mienten. Por ellos matan.

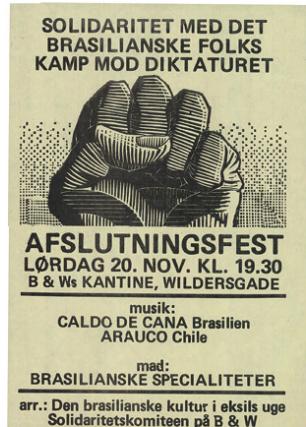
GENERAL GOLIRA REITERA LA AVIACIÓN:
HAY QUE ACTUAR RÁPIDO CONTRA CHILE
(Pag. 7)

Represión Describida:
Medio US\$ Millón
SIRVE EL DESARROLLO
Propiedad de la ALN (Acción
Liberadora Nacional) y
MRT (Movimiento Revolucionario
Tiradente).

LUCHA EN BRASIL TIENE DIA
RIO - Circula en Brasil un documento interno del
máximo de "VENCEREMOS",
organización de la ALN (Acción
Liberadora Nacional) y
MRT (Movimiento Revolu-
cionario Tiradente).



273



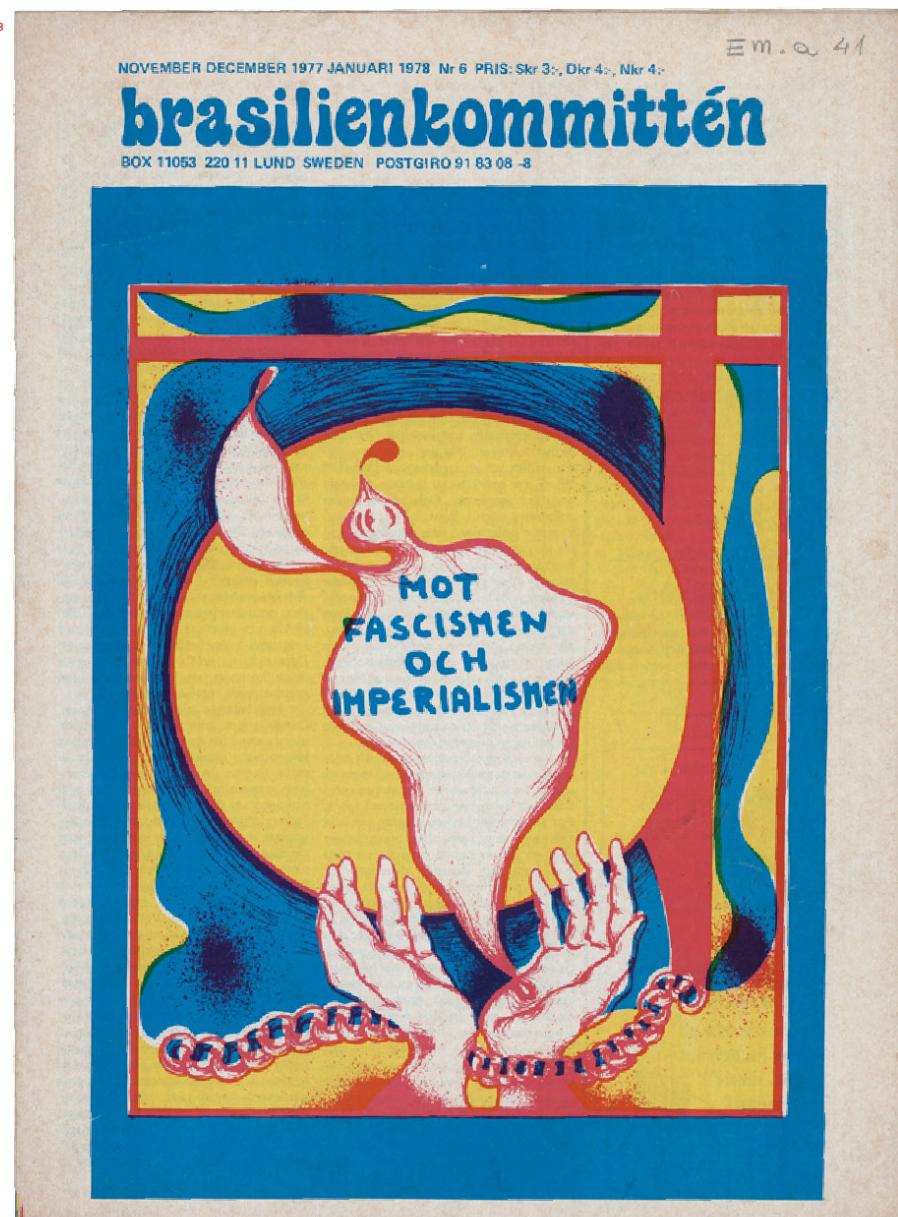
27

Brasiliennokommitten (Suécia, 1977-1978) foi uma das muitas publicações que refletiam a boa acolhida por parte dos social-democratas que governavam os países da Escandinávia. Foi o que permitiu o surgimento de comunidades brasileiras ativas no norte da Europa, principalmente após o golpe militar no Chile e a forte repressão aos militantes do PCB, no Brasil, a partir de 1974.

Vários jornais surgiram nesse período para apoiar as campanhas de denúncia e a construção de redes locais de solidariedade.

271. Publicação editada na Dinamarca de 1º de abril de 1979, lembra mais um aniversário do golpe de 64.

272. Grupos musicais como o Caldo de Cana, que incluiam também filhos de exilados, apresentavam-se em eventos por toda a Europa, ajudando a mitigar a saudade e a dificuldade de acesso à produção cultural brasileira.



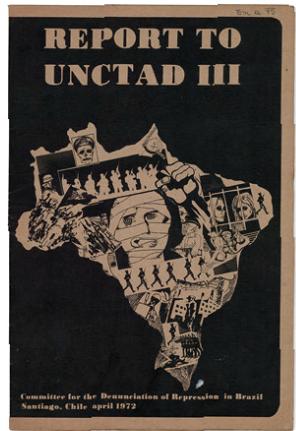
27

NOVEMBER DECEMBER 1977 JANUARI 1978 Nr 6 PRIS: Skr 3:-, Dkr 4:-, Nkr 4:-

brasiliens kommittén

BOX 11053 220 11 LUND SWEDEN POSTGIRO 91 83 08 -8

Em. a 41



274



275



276

Produzido por exilados do PCB no Chile, o *Brasil Hoy* saiu com a líder comunista norte-americana Angela Davis na capa para demonstrar que a luta contra a ditadura chegara ao que se chamava de coração do imperialismo, referindo-se aos Estados Unidos.

Nos anos 70, uma ampla rede de ativistas, acadêmicos e intelectuais norte-americanos teve participação importante nas denúncias sobre a repressão no Brasil e o engajamento do governo dos EUA na violação dos direitos humanos na América Latina.

274. Relatório divulgado em 1972 na Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), com denúncias detalhadas sobre a tortura e o assassinato de presos políticos no Brasil.

275. No Brazilian Information Bulletin ativistas religiosos como Anivaldo Padilha e acadêmicos da Universidade de Berkeley denunciavam o agravamento das condições de vida dos trabalhadores, no auge do chamado milagre brasileiro.

276. Na Universidade de Boston, intelectuais e ativistas norte-americanos agrupavam-se na ALA (Action Latin America), organização responsável pela publicação *Brazil: Order & Progress*.

277

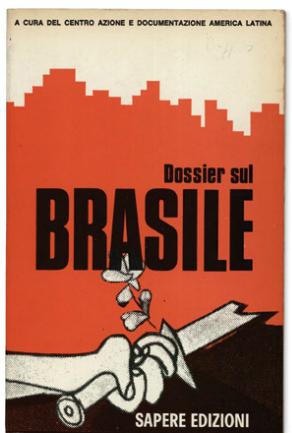




278



22



380

O BRASIL MÊS A MÊS NA IMPRENSA

(Resumo documental e crítico do que se publica dentro do país e no exterior)

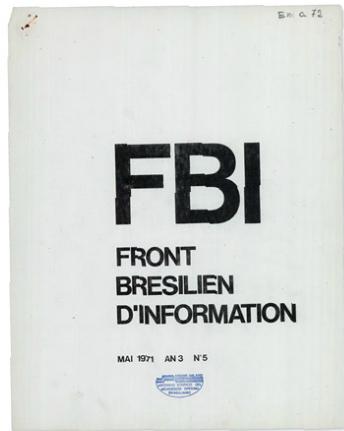
SETEMBRO 78

Periódicos como Brasil
Boletim Informativo, produzido
no México, cumpriam
um papel essencial para as
comunidades de exilados:
reunir notícias e informações
sobre o que se passava
no país.
O acesso aos jornais
brasileiros no exterior era
muito difícil na época,
principalmente para quem vivia
longe das capitais. Para
obtê-los, os responsáveis pelos
clippings informativos
contavam com o apoio
de jornalistas de surculas,
turistas, funcionários
de embaixadas e de companhias
aéreas.

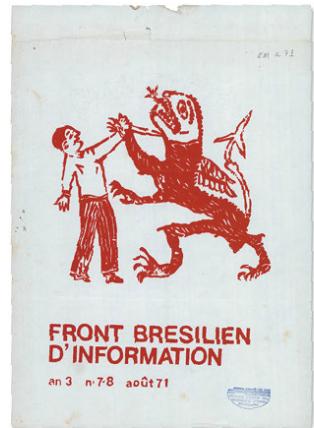
38



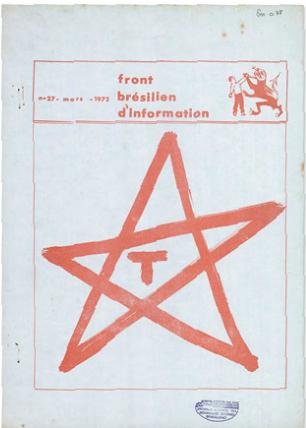
143



283



284

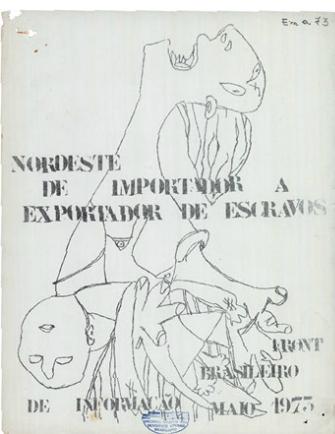


285

O boletim Frente Brasileira de Informação (*Front Brésilien d'Information*) foi a iniciativa mais bem-sucedida de acompanhamento da conjuntura brasileira. Criado em 1969 pelo ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, era coordenado pelo jornalista e ex-deputado Mário Moreira Alves. O boletim mensal era produzido por militantes de várias organizações brasileiras na Argélia, traduzido e adaptado por núcleos de exilados em mais de uma dezena de países. Chegou a ser distribuído clandestinamente no Brasil, em círculos restritos da oposição.

286





A força do boletim Frente Brasileira de Informação residia no seu caráter de frente ampla, reunindo várias organizações oposicionistas. Mas com o tempo, as divergências passaram a minar o projeto de Miguel Arraes. As tensões eram fortes principalmente no Chile. Os agrupamentos mais à esquerda criticavam duramente o tom informativo predominante, exigindo debates e posicionamentos mais incisivos a respeito dos caminhos a serem seguidos pelas oposições no exílio. Contestado, o FBI deixou de circular em 1974.

287. Um dos núcleos mais fortes de produção e divulgação do Frente concentrava-se em Carrara, na Itália, cidade onde a esquerda italiana era hegemônica nos anos 70.

288. A publicação de dossieres temáticos como este sobre o Nordeste, em maio de 1973, foi uma tentativa de contornar as divergências internas.

289. Além de abrir espaço para a manifestação das lideranças da oposição no exílio, o FBI dava voz a personalidades censuradas pelos militares na imprensa brasileira, como dom Héder Câmara.

290

FRENTE

BRASILEÑO DE INFORMACIONES

COMITE DE DENUNCIA A LA REPRESION EN BRASIL

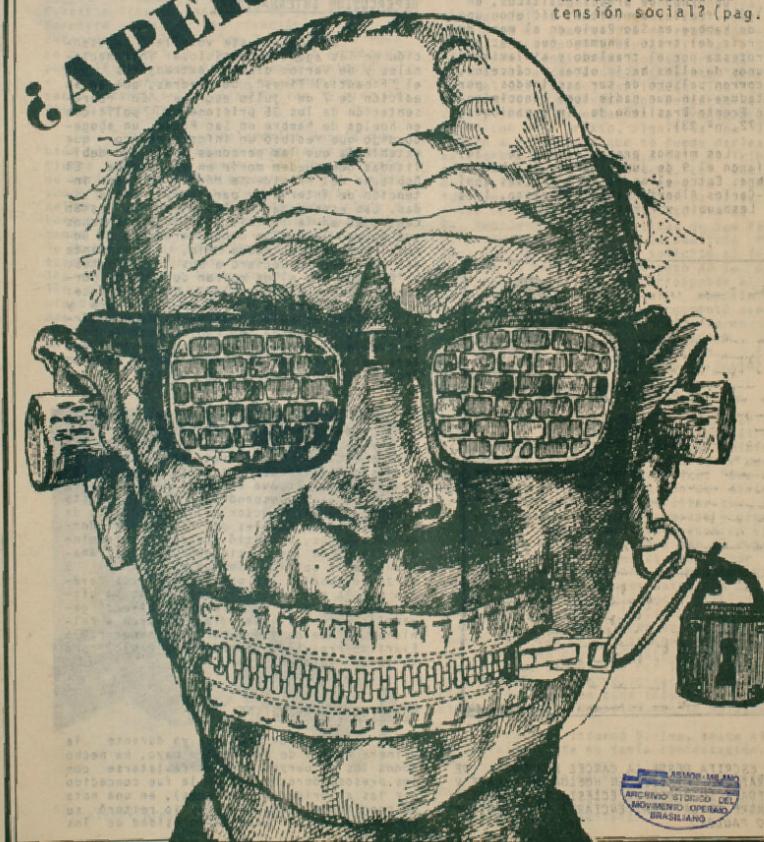
Brasile
Doc. 72/90

EMA 75
LA PENETRACION
BRASILEÑA
EN AFRICA
Reiniciada

Huelga de Hambre

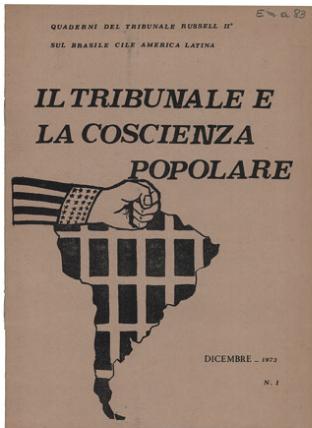
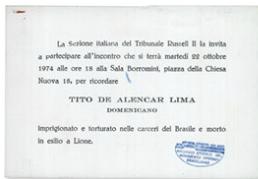
¿Habrá amnistía en septiembre? Garrasta será reemplazado el próximo año? ¿Quién será el nuevo dictador de turno? ¿Cómo influyen en esto las contradicciones entre las corrientes de los militares? ¿Hasta cuándo resistirá el "milagro económico" a la tensión social? (pag. 6)

22/88
¿APERTURA?



AGOSTO 1972 - N° 34 - E° 10

ARCHIVO STORICO DEL
MOVIMENTO OPERARIO
BRASILENO



O Tribunal Bertrand Russell foi um dos fóruns internacionais mais importantes para condenar as violações dos direitos humanos no Brasil. Criado em 1966 para julgar os crimes de guerra cometidos pelos EUA no Vietnã, reuniu juristas, acadêmicos e personalidades políticas internacionais. Por iniciativa do senador italiano Lelio Basso, o Tribunal dedicou ao Brasil uma série de sessões em 1974. As informações reunidas por exilados brasileiros foram decisivas para a condenação da violência institucional.

291/292. Ativistas brasileiros no exílio, como o pesquisador José Luiz Del Roio, que usava o codinome Francisco Correia, tiveram papel importante na mobilização para as sessões do Tribunal.

293. Na preparação do Tribunal, a Itália transformou-se num polo de debates sobre a ditadura brasileira, recebendo denúncias e contribuições inclusive de jornalistas e militantes que atuavam no Brasil.

294. A Tendência Leninista da ALN foi uma das primeiras organizações a apoiar a iniciativa. O debate proposto pelo jornal *Unidade e Luta*, ecoado por outras publicações, uniu os exilados em torno do Tribunal.

295

TRIBUNALE RUSSELL BRASILE

n. 3 - GIUGNO 1973

SOMMARIO

PRESENTAZIONE	p. 2
LETTERA DELLA FONDAZIONE BERTRAND RUSSELL	" 2
LETTERA DI LELIO BASSO	" 3
LETTERA DI PHAM VAN DONG	" 4
LETTERE DI ADESIONE	" 5
— Dal Bollettino del Fronte Brasiliano d'Informazione	" 5
— Dal CODOC	" 6
— Gli studenti del Partito Comunista Brasiliano dell'Università di Mosca	" 6
— Comunità e Gruppi Ecclesiastici di Roma	" 6
— Tendenza leninista dell'ALN (Azione di Liberazione Nazionale)	" 7
DOCUMENTI	
— Nuovo elenco di assassinati dalla dittatura brasiliana	" 9
— La CIA nella macchina capitalista	" 10
— La lettera di Hoover	" 10
— Paraguay: La frontiera della discordia	" 11

Segreteria Generale - Via della Dogana Vecchia, 5 - 00186 Roma



TRIBUNALE RUSSELL II

BRASILE
VIOLAZIONE DEI
DIRITTI DELL'UOMO

a cura di Linda Bimbi



FELTRINELLI

TRIBUNALE RUSSELL II'

per la libertà dei popoli
contro la repressione fascista
e lo strapotere delle multinazionali

Lunedì 19 Gennaio 1976 ore 21-TEATRO ODEON

Parleranno LAURA ALLENDE
senatrice del Cile

LUCIO DE CARLINI
segretario politico CDS-CISL-USL

PAULO JORGE
ufficio politico M.P.L.A.

Presidente ALDO ANIASI
 sindaco di Milano

Parteciperanno MIGUEL ARRAES
ex governatore di Chaco

ERNESTO CARDENAL
poeta

JUNE NASH
professore universitario di New York

ANDREAS PAPANDREU
presidente del Partito Socialista Panellenico

SERGIO POBLETE
ex presidente della Corte Suprema

JUERGEN RIESTER
professore universitario

un delegato del C.U.D.I. - Israele

un delegato del F.L.E. - Irlanda

Senz'altro adesioni alla Lega per il diritto e la liberazione

dei popoli (Milano, viale Blanca Maria 37), che continuerà l'attività

del Tribunale Russell.

Arti Grafiche Standard - Milano - Via Solari, 54 - Tel. 438.200.967 (102)

I DIRITTI DEI POPOLI

Atto di accusa del Tribunale Russel II
Le dimensioni del sottosviluppo

La via all'indipendenza dell'Africa nera:
- Angola
- Mozambico

Brasile - R.T.T.: L'accordo nucleare

Iran: "La rivoluzione bianca"

As conclusões do Tribunal Bertrand Russell reverberaram com força na Europa.

Atos públicos de solidariedade, publicações especiais e uma nova rodada de sessões em 1975 e 1976 ampliaram a condenação à ditadura brasileira, ao analisar o seu papel na disseminação de regimes militares pelo continente. Com o fim das atividades do Tribunal, o senador Lelio Basso criou a Liga Internacional pelo Direito e pela Libertaçao dos Povos, com participação ativa nos debates que culminaram nas mobilizações pela Anistia.

296. Livro publicado pela Feltrinelli, uma das maiores editoras europeias, com a compilação das denúncias e a condenação da ditadura brasileira pelo Tribunal Bertrand Russell.

297. Cartaz de divulgação das sessões de 1976 do Tribunal Bertrand Russell. Na lista de conferencistas, líderes políticos importantes de países sob ditadura, como o Brasil e o Chile.

298. Revista de debates da Liga Internacional pelo Direito e pela Libertaçao dos Povos. Destaque para o artigo sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha, celebrado nos anos 70.

299. Publicação sobre a criação da Liga Internacional pelo Direito e pela Libertaçao dos Povos.

«SE LE DITTATURE CONTINUANO AD ESTENDERSI,
NESSUN PAESE, NESSUN UOMO POTRÀ CONSER-
VARE LA SICUREZZA DI NON ESSERE CONDANNA-
TO AD UNA MODERA SCHIAVITÀ.
ECO PERCHÉ UOMINI DI FEDE DIVERSISSIMA SI
SONO RIUNITI PER DIFENDERE IL DIRITTO DEL-
L'UOMO A VIVERE COME UOMO ». *Udine, 1975*

ALGERI, 4 luglio 1976

Convocati che il rispetto effettivo dei diritti umani implica il rispetto dei diritti dei popoli, soprattutto di quelli subiti.

Dichiarazione universale
dei diritti dei popoli

- 1 DIRITTO ALL'ESISTENZA
- 2 DIRITTO ALL'AUTODETERMINAZIONE POLITICA
- 3 DIRITTO ALL'INDEPENDENCIA
- 4 DIRITTO POPOLI
- 5 DIRITTO ALLA CULTURA
- 6 DIRITTO ALL'AMBIENTE E ALLE RISORSE COMUNI
- 7 DIRITTO DELLE MINORANZE

Così come interpretiamo le aspirazioni della nostra epoca, ci siamo rifiutati di Algoj per proclamare che tutti i popoli del mondo hanno pari diritti alla liberdad. I diritti di liberdad da qualche tempo sono diventati un diritti universali. Il diritto di lottare per la loro liberación, il diritto di essere assistiti nella loro lotta dagli altri popoli.

CHE TUTTI COLORO CHE NEL MONDO
CONDIVIDONO IL VOLERE LA LIBERTAD
PUEDO, LA GRANDE LOTTA PER LA LI-
BERAD, TUTTI SONO UNITI. IN QUESTA
DICHARAZIONE CONFER-
MA DELLA LEGITTIMITA' DELLA LORO
LOTTO.

Che cos'è la Lega

La Lega nasce come promozione e completamento dell'attività del TRIBUNALE RUSSELL II.

Cosa si propone

La Lega si propone di intraprendere per un nuovo ordine politico, economico e giuridico, fondato sul diritto dei popoli d'autodeterminazione, la difesa dei diritti umani e la difesa di ogni forma di impresa. Gli obiettivi sono il primo principio dei valori comuni dell'insieme di cittadini popoli, il rispetto degli obblighi assunti dalla società mondiale, la creazione di una comunità internazionale fondata sulle relazioni pacifiche, il rispetto e l'amicizia di tutti i popoli.

Da Art. 2 dello statuto



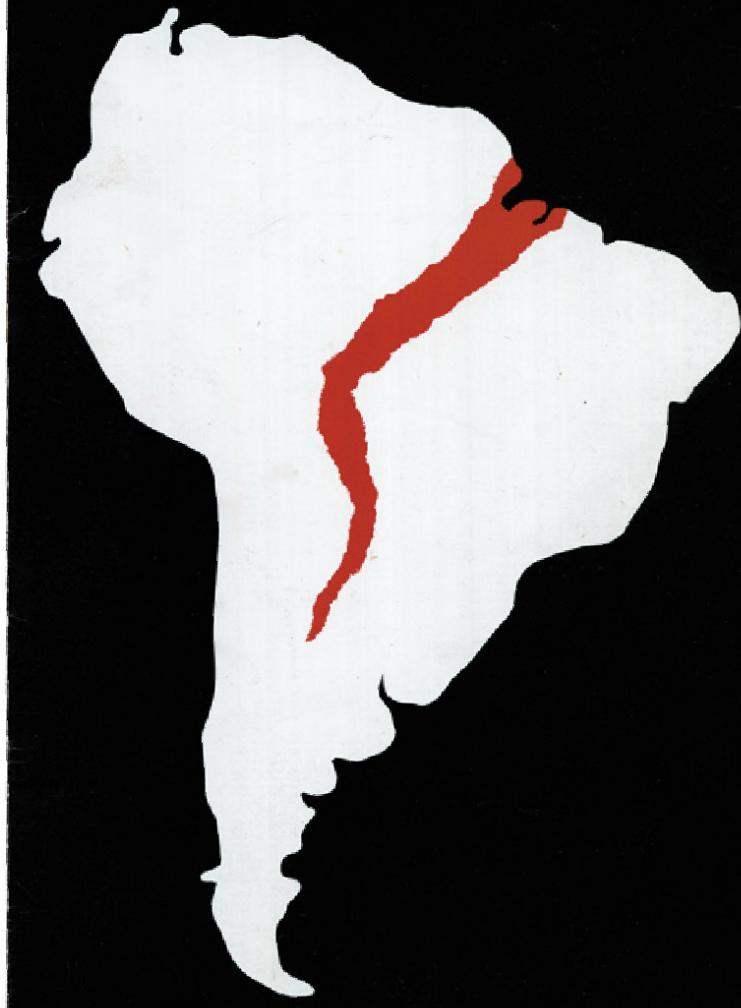
La Lega fa appello alla collaborazione di tutti i lavoratori, degli uomini di cultura, di tutti coloro che credono alla necessità di un sviluppo democratico nel mondo, delle organizzazioni di tipo pacifico e sindacati democristiani. Il suo programma è quello di spiegare più in là le misure per tutte le iniziative già sorte.

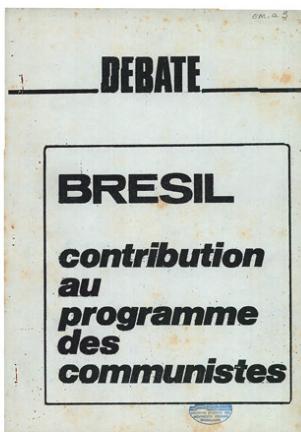
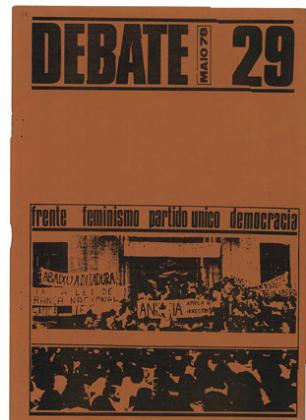
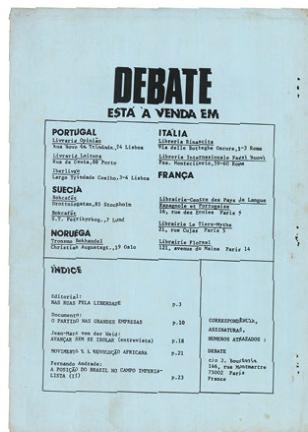
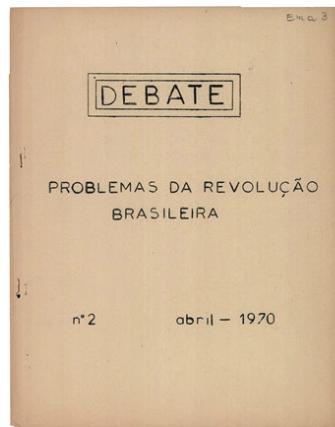
300

PRIMA MOSTRA DI SOLIDARIETÀ CON IL TRIBUNALE RUSSELL II° PER LA REPRESSIONE IN AMERICA LATINA

18 GIUGNO 1974

LA NUOVA PESA
ROMA VIA DEL VANTAGGIO 46





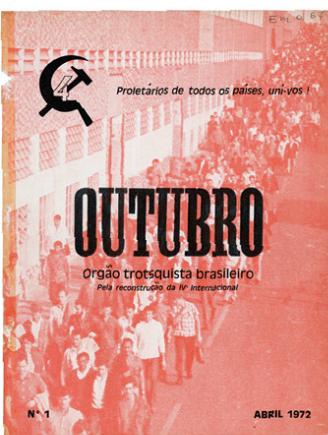
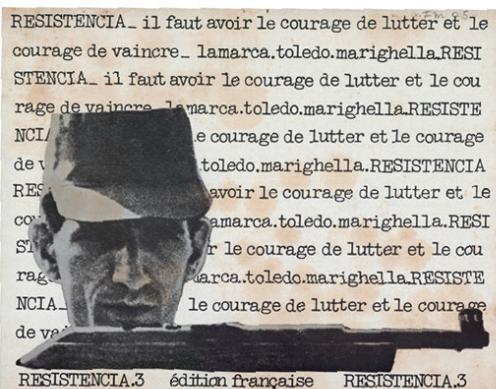
Debate foi a mais duradoura das publicações brasileiras no exterior. Foi criada em 1970 por João Quartim de Moraes, ex-dirigente da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), que discordava do rumo militarista adotado pela organização. A revista propunha-se a reunificar a esquerda revolucionária, bastante dividida à época. O objetivo não vingou, mas suas páginas registram as reflexões sobre a derrota da esquerda armada e a reorganização política das oposições no Brasil. Foi publicada na França até 1982.

301/302. O esquema precário da fase inicial da revista foi superado pela criação de uma estrutura mais sólida, que garantiu a distribuição não apenas na França, mas em livrarias de vários países europeus.

303/304. Com a retomada dos movimentos sociais no Brasil em meados dos anos 70, Debate abriu-se para novos temas, como o feminismo, a luta pela Anistia e a criação de novos partidos no período final da ditadura.

305





A revista Palmares, publicada no Chile por dirigentes da VAR-Palmares no fim de 1971, expressa um momento decisivo para a esquerda revolucionária. Com a morte dos principais líderes guerrilheiros e o cerco às organizações armadas, abre-se uma intensa discussão sobre o que fazer para romper o isolamento e impedir a aniquilação. As lideranças remanescentes encontram no exterior as condições que não tinham mais no Brasil para lançar-se ao debate, o que leva ao surgimento de uma nova safra de publicações.

306. Inicialmente publicado no Brasil pelo MR-8, o jornal Resistência passa a ser produzido na França após a morte de Carlos Lamarca e a queda de boa parte de seus militantes.

307. Temas y Debates, revista publicada no Chile até 1973 por militantes e dirigentes de várias organizações revolucionárias brasileiras.

308. Campanha, produzida pela Fracção Bolchevique no Chile e na França, contrapõe-se ao Front Brésilien d'Information pelo posicionamento político mais incisivo e definido.

309. Críticos das organizações armadas, os trotskistas também vêm-se às voltas com rachas e frações. Outubro, editado no exterior, refletia as posições da tendência conhecida como morenista.

310

Em a 57

PALMARES

MARXISMO Y REVOLUCIÓN

ANO I — DICIEMBRE DE 1971

Nº 1 — PRECIO E\$ 10

EDITORIAL

Cinco puntos de discusión sobre la revolución brasileña: el carácter de la revolución, el partido, el papel de la clase obrera, el carácter continental de la revolución y la lucha armada. Pág. 3.

EL NEOFOQUISMO

La nueva teoría pequeño-burguesa de la revolución, Cléa Silva. Pág. 5.

EL SUBIMPERIALISMO

Elementos para una estrategia revolucionaria, Luis Caio. Pág. 11.

EL DIARIO DE LAMARCA

Cartas de Lamarca en forma de diario, dirigidas a su compañera Yara Iavelberg. Pág. 15.

LA IZQUIERDA HOY

La izquierda revolucionaria en la nueva coyuntura internacional, Frederico Palmares. Pág. 20.

MUERTE DE LAMARCA

Consecuencias de la muerte de Lamarca para la izquierda brasileña, María Suárez. Pág. 25.

CONTRA-INSURRECCION

Estrategia norteamericana para América latina, José de Souza. Pág. 26.

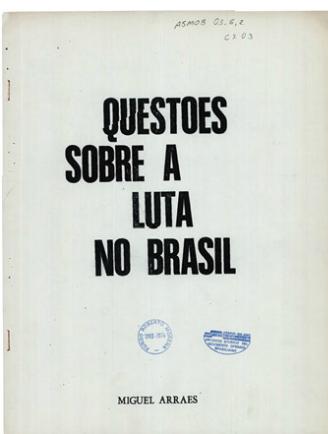
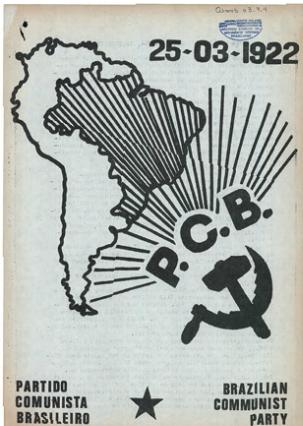
HOMENAJE

Discurso de Bautista Von Schowen, del MIR, en el acto de homenaje a Carlos Lamarca. Pág. 29.

PLAN DE ESTUDIO

Selección de textos de Lenin, acentuando el aspecto político. Pág. 31.





Brasil Socialista, revista editada na Europa na segunda metade dos anos 70, resultou da aproximação entre dirigentes de três agrupamentos: Política Operária, Ação Popular Marxista Leninista e parte do MR-8. A derrota das organizações armadas e a vitória do MDB nas eleições de 1974 impuseram um novo campo de debates para a esquerda. Apoiar a oposição tolerada pela ditadura ou construir um novo partido revolucionário? Lutar pela redemocratização ou pelo socialismo? Novas questões, novas publicações...

311. Apesar da forte repressão em 1975, o PCB fortalece-se com a vitória do MDB. No exterior, atrai de volta boa parte dos militantes das organizações armadas, com a proposta de uma frente antifascista.

312. Brasil Livre traduz os pontos de vista de ex-militares nacionalistas no exílio, influenciados pela Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura portuguesa em 1974.

313. Da Argélia, Miguel Arraes lança a proposta de construir um novo partido socialista, comprometido com a visão anticolonialista dos movimentos de libertação nacional na África e no Oriente Médio.

314. Revista do M.E.P. (Movimento de Emancipação do Proletariado) publicada no exterior, em defesa do reagrupamento da esquerda revolucionária num novo partido de tipo leninista.

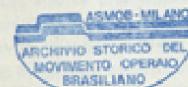
315

ANO I Nº 1 **BRASIL SOCIALISTA**

Ema 63

JANEIRO
1975

ORGANIZAR A RESISTENCIA DOS TRABALHADORES
CONSTRUIR O PARTIDO REVOLUCIONARIO DO PROLETARIADO



Projetos e Contradições das Classes Dominantes

Raul Villa

Sobre a Proposta de Frente Patriótica Anti-Fascista

Fabio de Almeida

Nossas Tarefas Atuais no Movimento Operário

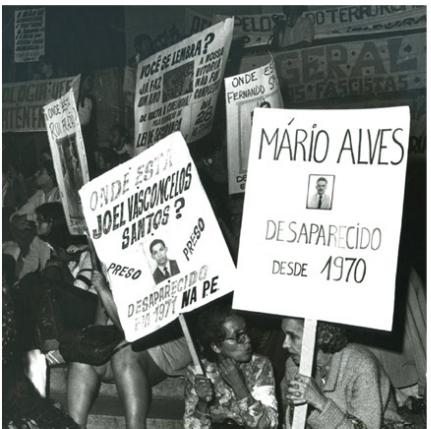
Documento do MR-8

Relações de Produção na Agricultura Brasileira

Paulo Wright

Contra-revolução no Chile

Rui Mauro Marini



REVOLUTION BRESILIENNE 2

le parti et la question
la lutte des masses paysanne
de la lutte de la masses et le parti et la
question de la lutte paysanne de masses

REVOLUTION BRESILIENNE 2

publication à l'étranger du parti communiste brésilien révolutionnaire

REFORME AGRAIRE OU MYSTIFICATION?

A droite une question posée : le dictature militaire brésilienne a-t-elle mené une campagne publicitaire au sujet de l'application de la réforme agraire dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays. Ces luttes ont été déclenchées par les émeutes qui ont éclaté dans le Nord-Est du pays.

Le document présente une analyse critique de la réforme agraire dans le Nord-Est. Il démontre que la réforme n'a pas atteint ses objectifs et a créé de nouvelles tensions sociales. Le document souligne que la réforme agraire n'a pas résolu les problèmes sociaux traditionnels dépendant de l'exploitation agricole et que de nouvelles formes de剥削 (exploitation) sont apparues. La situation s'est aggravée avec l'instauration d'un cadre prévisionnel pour l'agriculture et l'industrie. Le document souligne que les luttes pour la réforme agraire ont été utilisées comme moyen pour déstabiliser le régime et empêcher la victoire des partis progressistes. Il démontre également que les luttes pour la réforme agraire ont été utilisées comme moyen pour déstabiliser le régime et empêcher la victoire des partis progressistes.

Le document conclut par une analyse critique de la réforme agraire dans le Nord-Est. Il démontre que la réforme n'a pas atteint ses objectifs et a créé de nouvelles tensions sociales. Le document souligne que la réforme agraire n'a pas résolu les problèmes sociaux traditionnels dépendant de l'exploitation agricole et que de nouvelles formes de剥削 (exploitation) sont apparues. La situation s'est aggravée avec l'instauration d'un cadre prévisionnel pour l'agriculture et l'industrie. Le document souligne que les luttes pour la réforme agraire ont été utilisées comme moyen pour déstabiliser le régime et empêcher la victoire des partis progressistes. Il démontre également que les luttes pour la réforme agraire ont été utilisées comme moyen pour déstabiliser le régime et empêcher la victoire des partis progressistes.

Revolution Brésilienne
foi a revista criada pelo PCBR
(Partido Comunista Brasileiro
Revolucionário) para difundir
as ideias da organização.
Formado por dissidentes
comunistas importantes, o
partido não chegou a publicar
no Brasil. Atingidos muito
cedo pela repressão, somente
no exílio seus dirigentes
conseguiram se organizar para
isso. Contaram com o apoio da
rede de relações de Apolônio
de Carvalho na França, onde
era reconhecido como herói
nacional por ter combatido na
resistência ao nazismo.

316. Manifestação por
Mário Alves, dirigente
do PCBR preso
e assassinado em 1979
no DOI-CODI do
Rio de Janeiro.

317/318. A questão
agrária foi o tema
de destaque da edição
número 2 de Revolution
Brésilienne, pela
importância que o PCBR
atribuía à luta
no campo para resistir
à ditadura.

319

REVOLUTION BRESILIENNE 1

REVOLUTION BRESILIENNE 1

publication du parti communiste brésilien révolutionnaire à l'étranger

320

**PROBLEMES STRATÉGIQUES
DE NOTRE REVOLUTION**

apollonio de carvalho dirigeant du PCBR

Ce questionnaire a été proposé par la revue "Croissance des Jeunes Nations", au cours de l'Assemblée des Jeunes Nations à Alger en 1972. Il a été remis à l'ambassadeur du Brésil à Alger, M. Apolônio de Carvalho, et à d'autres responsables politiques et militaires brésiliens. Il a été également envoyé à certains personnalités politiques libérales étrangères. Son objectif était de recueillir les opinions des organisations révolutionnaires brésiliennes sur la réalité brésilienne, leur attitude sur les positions politiques concernant la lutte des classes et la révolution brésilienne, la lutte des classes et la révolution brésilienne, et les tâches des avanguardas révolutionnaires dans les relations internationales et décisives dans la



Realidade Brasileira representa um corte no padrão das publicações no exílio. Lançada em 1975 pela organização de base do PCB na Itália, o jornal tentou suprir a lacuna deixada pelo *Front Brésilien d'Information*, com reportagens e artigos sobre a situação no Brasil num tom menos pesado e uma abordagem mais jornalística. A redação pequena, baseada em Milão, era dirigida por Mauricio Martins de Mello e contava com apoio de jornalistas e ilustradores italianos de publicações como *L'Unità* e *Avanti!*

321/322. Influenciado
pela imprensa alternativa
no Brasil, tanto
na sofisticação gráfica
quanto na linha
editorial, o jornal
buscou expressar
a complexidade da
conjuntura brasileira
na segunda metade dos
anos 70.

322

realidade brasileira

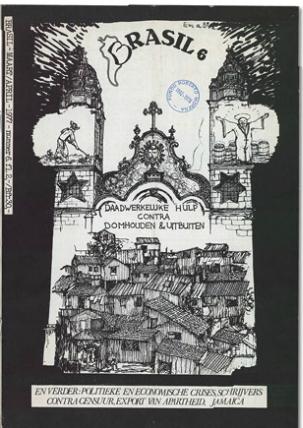
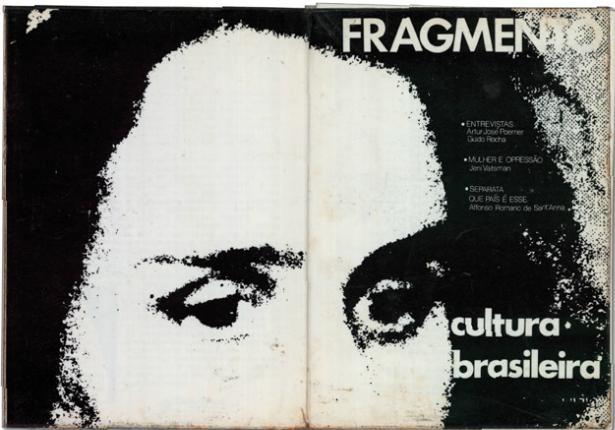
NOTIZIARIO DELLA LOTTA ANTIFASCISTA IN BRASILE



La visita di Geisel in Europa

POMIDORO MARCI SUL DITTATTORE CARICO DI DOLLARI

(servizio a pag. 2)

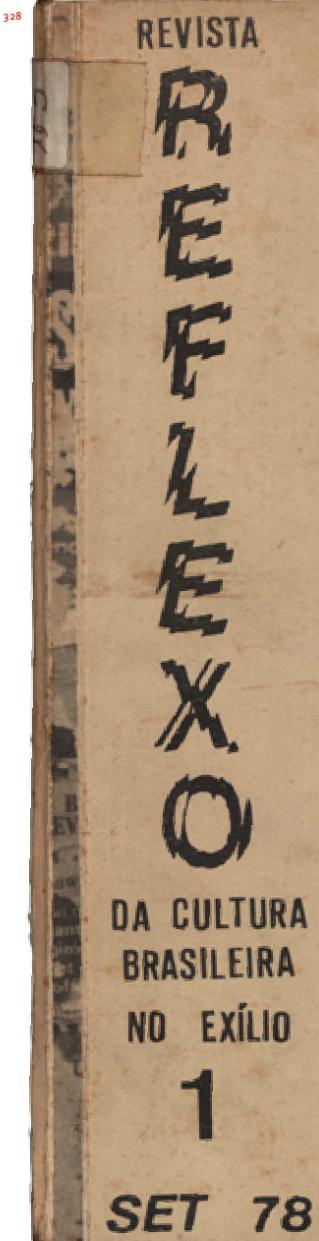


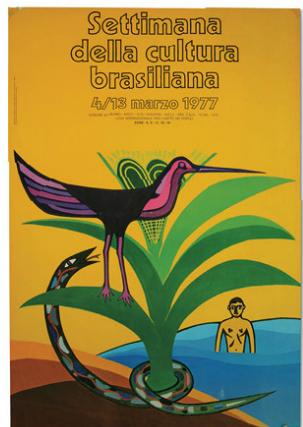
A revista *Reflexo* comprova que a esquerda no exílio não se dedicava apenas aos longos e intermináveis debates sobre os rumos da revolução. Foi criada em 1978 na Suécia por Alberto Berquó, Jaime Cardoso, Luiz Carlos Guimarães e Reinaldo Guarany para divulgar a produção artística brasileira no exterior, além de levar aos filhos dos exilados um pouco da nossa cultura que eles foram impedidos de vivenciar. Não teve vida longa. Apesar da primeira edição, o grupo rachou, dando origem a novas publicações.

324. *Fragmento* foi um dos filhos da revista *Reflexo*. Publicada em 1979, também não durou muito, chegando apenas ao número dois.

325. *Études Brésiliennes*, publicada na França, abriu suas páginas para pensadores da primeira linha, como Nelson Werneck Sodré, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Luiz Hildebrando Pereira da Silva.

326/327. Outras publicações brasileiras na Europa dedicadas ao debate político, econômico e cultural.





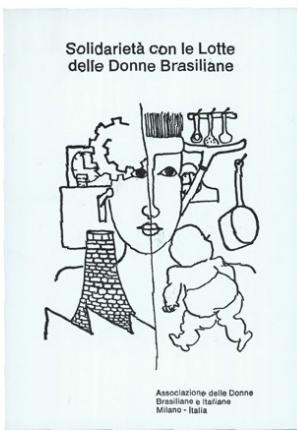
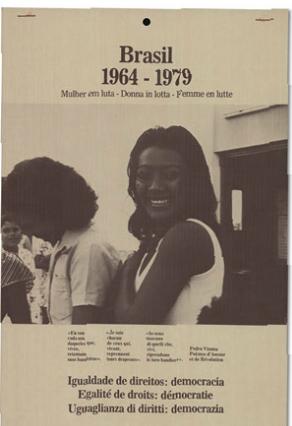
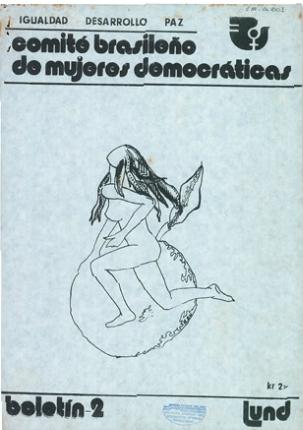
O interesse na Europa pela produção cultural do Brasil funcionava como ponto de apoio para as comunidades de exilados. Discos como esse, compilados e presos na França e na Itália reunindo músicas regionais, sambas e canções censuradas, eram distribuídos nas grandes festas populares organizadas nos anos 70 pelos jornais europeus de esquerda, como *L'Humanité*, *L'Unità* e *Avanti! Faziam tanto sucesso quanto a caipirinha de rum jamaicano e a feijoada servida nas barracas da resistência brasileira.*

329. Na contracapa do disco, as evidências da produção extremamente cuidadosa e da sofisticação na escolha das músicas, que contemplavam com rigor a produção regional brasileira.

330. Semanas de cultura, como esta realizada em Milão, propiciavam aos exilados o acesso a filmes brasileiros, peças de teatro, shows de música e dança, além de debates sobre temas nacionais.

331





Agora é que são elas,
jornal publicado em 1979 pelo
Círculo de Mulheres
Brasileiras, é o resultado de
um longo processo de
mobilização iniciado em 1975,
declarado pela ONU o Ano
Internacional da Mulher.
As questões de gênero chegaram
com força às comunidades
no exílio, em sintonia com
o debate que já ocorria
com intensidade no Brasil.
A construção de uma
agenda feminista mobiliza
diversos grupos na Europa,
liderados por ativistas
como Maria Lygia Quartim de
Moraes e Zuleika Alambert.

332. Boletim do Comitê
Brasileiro de Mulheres
Democráticas, criado
a partir de um congresso
realizado em Lund, na
Suécia, no fim de 1975.

333. Uma das primeiras
publicações feministas no
exílio foi lançada pelo
Comitê Europeu das
Mulheres Brasileiras,
logo após a realização do
congresso da ONU dedicado
ao tema, em 1975.

334. A ilustração
no cartaz produzido em
Milão expressa a dupla
condição feminina: mulher
e trabalhadora.

335. A reivindicação
que resume a agenda
feminista construída nos
anos 70: igualdade de
direitos.

336

EM. a 620

AGORA é que São ELAS

Nº1

JORNAL
DO CÍRCULO
DE MULHERES
BRASILEIRAS

editorial

Res, ai está o nosso primeiro número do Jornal do Círculo de Mulheres Brasileiras. Por muito tempo vimos discutindo a sua importância, de como fazê-lo. E não faltaram propostas de todas as companheiras, algumas numeradas zero, ... enfim, várias tentativas.

Foi elaborado um projeto para o Jornal, que podemos dizer, ainda não responde a tudo que pretendemos. Inclusive, o nosso Jornal deverá avançar com o nosso trabalho, expressando os passos concretos dados pela prática do Círculo e do nosso movimento.

Achamos porém importante tirar o número 1, para sentirmos mais de perto, o que de fato significa produzir o Jornal, qual a dedicação e o tempo necessários e as dificuldades materiais, etc.... O importante porém, será através dele, discutirmos em todo o Círculo, como será o número 2; como cada sub-grupo poderá contribuir diretamente; como ele poderá ser um meio de socializar as nossas experiências. E mais, como nosso jornal servirá de tribuna para nossos debates.

Afora isto, já avançamos concretamente nas ligações com o movimento de mulheres e grupos feministas no Brasil. Estas companheiras nos cobram respostas e contribuições para o seu trabalho. Por outro lado, elas nos colocam problemas que precisamos pensar, e que contribuem com a nossa prática. E para isto, o Jornal é um instrumento importante de comunicação que vai mais longe do que nós, e stimula companheiras que não conhecemos.

Por tudo isto, achamos que era hora de sair o nosso jornal. Seu nome? Um problema! Acabou sendo escolhido entre aqueles que foram propostos e enviados. A estrutura das seções pretende se ligar aos acontecimentos principais do nosso movimento, podendo surgir ou desaparecer, na medida em que estes acontecimentos passam a ocupar um papel diferente em nossa luta.

Como publicação, pretendemos fazer a mais interessante possível, com recursos que sabemos ainda muito limitados. Mas esta situação deverá mudar. Agora sua esfera é a questão fundamental. De resto, tanto o movimento feminista e nós mesmas, teremos muito a contribuir para aperfeiçoá-lo.

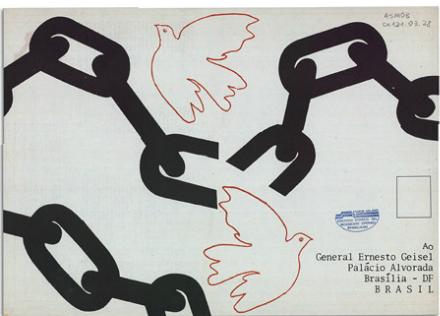
ARMOR-MILANO

ARQUIVO STORICO DEL
MOVIMENTO OPERARIO
BRASILEIRO



337

O último ato do exílio: a luta por uma Anistia ampla e irrestrita. O cartaz produzido pelo Comitê Brasileiro de Anistia, divulgado no Brasil e no exterior, traduz a sintonia entre as mobilizações que ocorriam dentro e fora do país. O ponto culminante foi a realização de um congresso em Roma, em 1979, que reuniu numa grande frente representantes de todos os agrupamentos no exílio, parlamentares e lideranças políticas brasileiras. E, finalmente, a conquista do direito de voltar para casa.



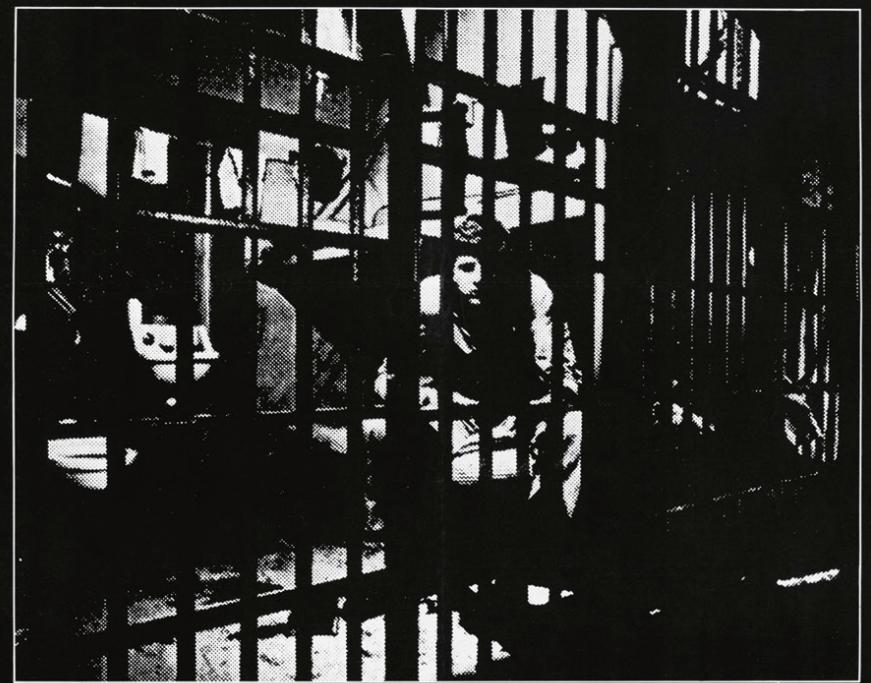
338

337/338. Cartões-postais feitos na Itália, enviados em massa para autoridades brasileiras, exigindo Anistia para os presos políticos e exilados.

339. Folheto produzido na Alemanha pela Anistia Internacional. Desde sua criação, no início dos anos 70, a organização dedicava uma atenção especial à situação no Brasil.



339



Há crianças brasileiras, lá fora, que falam Português com sotaque alemão, francês, mexicano. E português que aprendem a falar com os exiliados. Vamos trazer essas crianças pra casa. Vamos conquistar Anistia para todos: os nossos 10 mil exilados, os 5 mil cassados, aposentados, reformados ou demitidos compulsoriamente. Os estudantes impedidos de estudar pelo Decreto 477. As dezenas de brasileiros desaparecidos. E principalmente os 138 banidos e 200 presos políticos. Há brasileiros presos ou banidos por terem lutado armados contra um Estado de Exceção.

Há 10 anos, quando eles optaram pela política armada, o Congresso estava fechado, os sindicatos sob intervenção, as escolas ocupadas pela polícia. Portanto nós não podemos julgá-los, não devemos e não queremos. Queremos Anistia para todos. Quem não aceita democracia relativa, não pode aceitar anistia pela metade.

Apóie e divulgue a campanha pela Anistia Amplia e Irrestrita.



Comitê Lurdinense pela Anistia e Direitos Humanos.
Seção do Comitê Brasileiro Pela Anistia.

IDAS E VINDAS DO ACERVO

Ricardo Carvalho

Quando conheci José Luiz Del Roio, na casa do Fernando e da Fátima Jordão, apresentado pelo Sérgio Gomes, logo fui com a cara dele. Com fala pausada e convincente, el Roio contou, com sua simplicidade característica, que durante anos e anos de militância e exílio havia recolhido um acervo de publicações e cartazes, muitos feitos no exterior, que nunca haviam sido mostrados. Pronto. Foi o suficiente para que todos nós que estávamos na sala, a maioria jornalistas e sociólogos, ficássemos entusiasmados com a possibilidade de fazer um documentário sobre o relato do Del Roio. Conversa vai, conversa vem, a ideia inicial acabou se transformando no mais vigoroso projeto de resgate da memória da imprensa alternativa, clandestina e no exílio, no período 64-79, do golpe à Anistia, tarefa assumida pelo Instituto Vladimir Herzog.

No texto abaixo está o relato do Del Roio sobre as idas e vindas pelo mundo desse impressionante acervo, até ser carinhosamente depositado no Ceden, Centro de Documentação e Memória da UNESP.



Em 1972, no auge repressivo da ditadura militar, a dirigente do PCB Marli Viana recebeu a tarefa de proteger o arquivo do partido. A ideia foi de Orlando Bonfim. O arquivo era composto substancialmente pelos documentos reunidos pelo jornalista Astrojildo Pereira desde 1910. Astrojildo foi um dos fundadores do próprio partido em 1922. Marli cumpriu a primeira etapa da tarefa e transferiu o arquivo do Rio de Janeiro para uma casa em São Paulo.

Em fins de 1974, uma onda de prisões contra os militantes do PCB levou a polícia até a casa. Sorte da história, os policiais não se interessaram pelo arquivo. Para que essa sorte não virasse tragédia, numa possível segunda visita, Marli Viana, ajudada por Matteo Malina, filho do dirigente Salomão Malina, retirou o arquivo da casa em vários carros, espalhou por locais diferentes, uma parte ficou em São Paulo e o restante voltou para o Rio de Janeiro. Em 1975, Marli Viana foi obrigada a sair do país.

É hora de tirar o arquivo do Brasil

A militante Dora Costa, Dorinha, que estava exilada na França, aceitou na hora voltar ao Brasil para, com Zuleide Faria de Melo, fazer o transporte. Haja criatividade para passar pelos órgãos de segurança. Dorinha e Zuleide simularam a mudança de um casal brasileiro para a Europa. Cuidadosamente

Zuleide Faria de Melo ficou responsável pelo material. Preocupada com a segurança do arquivo e já em Moscou, Marli levou o problema aos dirigentes do partido, como o secretário-geral Luís Carlos Prestes. A decisão foi unânime:

vamos tirar o arquivo do Brasil. Certo. E levar pra onde? Quem conseguiu

a futura morada dos papéis foi Maurício Martins de Melo,

também exilado na Itália, amigo da Marli e que trabalhava na Fundação Giangiacomo Feltrinelli, focada

na preservação da história de movimentos sociais.

A Fundação aceitou acolher o arquivo.

empacotaram e misturaram os documentos com móveis, panelas, tudo em caixotes, e despacharam pelo porto de Santos. É evidente que a polícia não deu a menor importância para aquela mudança familiar. O navio estava programado para chegar a Gênova em 12 dias. Sabe-se lá porque cargas d'água, o navio foi parar na Ásia e, por oito meses, ficou de lá pra lá, levando a nossa memória de um lado para o outro.

Ao mesmo tempo que vivíamos essa angústia da espera,

levou pessoalmente o acervo de Morena para Milão, para a Fundação Feltrinelli. Assim nascia o Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro (AHSOB), legal, registrado e com a missão de administrá-lo. Teresa Isenburg, amiga da família Feltrinelli e com relações no meio político e intelectual na Itália e na Suíça, foi indicada presidente da associação. Outros fundadores: o próprio presidente da Feltrinelli, Giuseppe Del Bo, o jornalista italiano Virgilio Baccalini,

custos de funcionamento do acervo. Vieram em socorro Oscar Niemeyer e Jorge Amado que aproveitaram para enviar alguns documentos importantes. Com a Anistia, todo mundo, é lógico, queria voltar o mais rápido pra casa. Por outro lado, a Fundação Feltrinelli já não podia ficar com o arquivo, até porque ocupava muito espaço. Como eu ainda permaneci um bom tempo na Itália, levei todo o material, todo, para a casa da minha família no lago Maggiore, onde fiquei por vários anos.

Em 1982, consegui

microfilmar

toda a documentação e apenas

em 1994 trouxe o arquivo para o Brasil. Gato escaldado,

deixei uma cópia microfilmada

na Europa.

No Brasil, a associação fundada por nós na Itália fez um acordo com a UNESP, a Universidade Estadual Paulista, que concedeu um espaço no Centro de Documentação e Memória (Cedem) e a garantia de restaurar, manter e facilitar a divulgação. Formalmente,

o arquivo pertence

atualmente

ao IAP, Instituto Astrojildo

Pereira, instituição criada

para se responsabilizar

legalmente pelo acervo.

Como il faut, quero agradecer a todos que nos ajudaram nas pessoas do professor José Énio Casalecchi, então diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, e da professora Ana Maria Martinez Corrêa, da UNESP".

Maurício Martins de Melo e eu nos encontramos com Roberto Morena, antigo dirigente do partido, que fora operário e líder sindical desde 1917. Aliás, um dos responsáveis pela eclosão das greves de 1917, 20 e 21. Come muitos de nós, Morena também tinha essa compulsão por guardar papéis de todo tipo, que se transformaram, ao longo dos anos, em um extraordinário acervo. Parte dele estava escondido no Brasil e outro tanto guardado em Praga, Checoslováquia. Logo depois de oferecer o seu arquivo

para a Fundação Feltrinelli, Morena infelizmente morreu.

O arquivo de Roberto Morena era bem organizado, composto

de milhares de cartas e de uma

importante documentação

sindical, de 1920 a 1964.

Enquanto o arquivo do partido

continuava em viagem forçada à

Ásia, Lindolfo Silva, fundador

da Contag, exilado em Praga,

mais rico e mais diversificado.

Mas o apoio fundamental

da Fundação Feltrinelli

e o trabalho voluntário de

muita gente não foram

suficientes para cobrir os

the frontpages of this story

The project "You must endure..." - newspapers that made history - is an initiative aimed at salvaging an important period in Brazilian history. Between 1964 and 1979, the country experienced its most critical restraint on freedom and access to information. By preventing disclosure of news and opinions, the official censorship tried to impose a certain view of the political and social reality in Brazil, obstructing access to diverging viewpoints. Those who were brave enough to display facts and opinions that the dictatorial regime attempted to hide performed a heroic feat, which was fundamental to re-establishing democracy in the country.

Alternative media contributed to the return to freedom by offering other perspectives on the Brazilian reality, contesting arbitrary acts with the most powerful of weapons: ideas and words.

Freedom of speech and wide access to information are essential to a democracy. If media censorship today is not necessary and the discussion of ideas is not only accepted but required, this is mostly due to these pioneering agents. In this sense, the alternative papers kept the democratic flame burning throughout the 1960s and 1970s. By highlighting such initiatives, this book not only praises their relevance, but also fosters the debate on the role of alternative agents in Brazilian political life and on the importance of a free press in democratic regimes.

By sponsoring this publication, the BNDES emphasizes the importance of a free-speaking media and confirms its commitment to remembering our national history, to Brazil's social development and to promoting human rights - all vital to the improvement of the democratic regime.

BNDES

From the initial idea of elaborating a unique and pioneering book through its delivery to the printing house, there were only 90 days of laborious work. Work that was undertaken by a team of people who behaved as if

they were participating in a happy and healthy assembly line, such was their agreement on research, text and art direction and such was the careful attention given to choosing, and fitting on double pages, over 300 front pages. Pages which were selected on the basis of two apparently contradictory criteria: historical precision and journalistic freedom.

Direct participants in this adventure with a happy ending were: editor José Luiz Del Roio, research editor Vladimír Sacchetta, journalists José Maurício de Oliveira and Carlos Azevedo (as a consultant), Kiko Farkas with his sophisticated art direction, Mateus Valadares, historian Juliana Sartori, the young journalist Paula Sacchetta, and the researcher Luis Zimbang; all under my eternally curious coordination.

Four chapters follow an extremely clear editorial line. Historically important publications are rightly highlighted, and on the mirror pages we include front pages from newspapers or magazines that help to compose a spectacular kaleidoscope explaining that slice of reality from a journalistic viewpoint. When releasing an alternative publication that opposes the system, and is underground or even exiled, the journalist creates a melting pot of culture which is fundamental to understanding Brazil's recent history, without the filters of a traditional analysis.

We even dare say that everyone is here, like rare jewels that finally get to be on stage and are duly recognized. One of them is the Jornal do Subroff, edited in 1920 by a dear son of the bourgeoisie from São Paulo, which is amazing in all aspects: creativity, boldness and humor.

At the beginning of every chapter you will be delighted to read an introduction that will place you inside history itself. And here I would like to highlight chapter one - The Forefathers of This Story - which starts with Correto Brasiliense, in 1808, and Cipriano Barata, who, from 1823 was arrested every time his *Sentinela da Liberdade* released a new edition. It continues with the power of the anarchist press from the beginning of the twentieth century and

highlights the Baron of Itararé, who was kind of a guru for satirical and humorous publications, and it ends with *Bimônio*, from Minas Gerais, whose doors were closed before the coup. Its editor, journalist José Maria Rabélo, even got to the point of punching and brawling with a general who had gone to the office complaining about a story they had published.

Sharpen your eyes, prepare your spirit, because it is time for a great intellectual pleasure.

Ricardo Carvalho
Editor

Many are the delights for someone who plunges into the rescue of fragments of the country's recent history. Along with this pleasure, we at the Instituto Vladimir Herzog, have a sense of mission-accomplished with the release of this pioneering publication: *The Front Pages of this Story*. Consisting of almost two hundred pages of a lot of research, many findings, a great deal of emotion and with a unique look that sees history embedded on thousands of pages produced by the alternative, underground and exiled press. These were people who were able to resist, intelligently and bravely, the abuses committed by the military dictatorship during the period from the coup in 1964 to amnesty in 1979. We expanded the research period and got inspiration from the

"Forefathers of this Story", the title of the first chapter which, starting in 1808, reveals the different ways the national habit has of making newspapers that oppose and resist the ruling power, whatever it may be.

For the first product of the project "You Must Endure..." - The Leading Figures of this Story - sponsored by Petrobras and released to the public on June 27, 2011 - our teams of researchers and journalists dug out sixty names of "newspaper makers" and recorded 106 hours of HD video with them.

For this second product - The Front Pages of this Story - several weeks were required to do the research, including consultation with important historical archives such as Ceden at the State University of São Paulo, the Iconographia Collection, gathered by journalist Vladimír Sacchetta since the latter part of the Seventies, and the Archive from the City of Rio de Janeiro. From these we obtained over 300 front pages and covers of the publications that are part of this story and, from here on, this book. Front pages such as the illustration shown here, a drawing of Vlado by Elifas Andreato for the newspaper Movimento. Incidentally, this issue was censored.

In this book, we chose to prioritize to front pages, drawings and caricatures, trying to contextualize, through with short texts, the marriage of the various publications, by displaying them in double pages.

We would like to acknowledge and thank our supporters - BNDES, Camargo Correa and Souza Cruz - and we are sure they received their share of pleasure too by making this book and its revelations possible. Finally, the Institute is already working on the sequence to the project "You Must Endure..." with the following products: ten documentaries, which have already received incentives from Ancine and guaranteed broadcasting by TV Cultura (São Paulo) and TV Brasil; two books, *The Posters of this Story* and *Chronicles of this Story*; and an exhibition in four capitals.

THE FOREFATHERS OF THIS STORY

Ricardo Carvalho
This first chapter - *The Forefathers of This Story* - was not originally foreseen. But how could we tell a story and leave out the newspapers and journalists that built up a path of resistance to the establishment? A resistance that started with *Correto Brasiliense*, the first Brazilian newspaper, edited in 1808, in London, by Hipólito José da Costa; and continued through history, leaving a kind of a cursed inheritance made up of courage, strength and candor.

Candor like Cipriano Barata's, who, from 1823, was incarcerated for each edition of his *Sentinela da Liberdade*.

Strength like that of the anarchist press from the dawn of the twentieth century, with their newspapers

written in foreign languages so they could get closer to Italian, Spanish and German immigrants. Courage such as that shown by *Bimônio*, a newspaper from Minas Gerais. Its editor, journalist José Maria Rabélo, exchanged punches and rolled around on the floor in a brawl with a general who had gone to the office complaining about a published story.

And how could we not mention the Baron of Itararé, who was a "baron" only in his fine irony and who became the guru for satiric and humorous publications, inspiring a massive retinue of heirs and admirers.

P. 10/11

It's no wonder that *Correio Brasiliense*, established in 1808, opens the first chapter of this pioneering book. Besides being considered the first Brazilian newspaper, it also references two other chapters: exile, because it was written in London, where its editor, Hipólito José da Costa, lived; and underground, as this is how it was distributed in Brazil to escape the Court's censorship.

1. Hipólito José da Costa began his education in Porto Alegre, before travelling to Portugal to study Legal Sciences and Philosophy at the Coimbra University. As he was a Freemason, he was arrested in Portugal. And because he was a Freemason, he was given protection in England and was awarded with British citizenship. Based there, he harassed the Portuguese Court in Brazil, fighting for the independence of the country. He never returned to his homeland.

2. Released as monthly pamphlets, the editions varied from 96 to 150 pages in length. They brought international news side-by-side with issues of interest to the budding Brazilian society. Its circulation reached an end in December 1822, right after Independence Day. With the arrival of that day, the paper had accomplished its mission.

P. 12/13

Sentinela da Liberdade, from 1823, was a paper relentlessly hunted down by the Crown. Due to its libertarian articles, editor Cipriano Barata attacked corruption and Pedro II, in the background on the left, who stands watching what is going on at the Ministry. His criticism caused

in 1831, in Bahia, a *Sentinela* with the same libertarian style.

Arrested shortly after that, he began to add to the paper title the names of the places he was incarcerated in throughout his life. To the right of *Sentinela* there are thirty-one words! It was the rise of opposition journalism, a trademark of our culture.

4. In Portugal, Cipriano Barata studied Philosophy and got to know the ideas of the French Revolution. In Brazil, he put all of this into practice in his paper, daring to demand better conditions for political prisoners.

5. Frei Caneca was born in Recife, in 1779. He devoted his life to the struggle against the Portuguese central government. He established the newspaper *Típhis Pernambucano*, and attempted to initiate a separatist republic, ultimately being condemned to death by shooting in 1825.

6. Journalist Libero Badaró arrived in Brazil from Italy in 1826. Three years later, he opened his paper, which strongly criticized the Emperor. During a demonstration in 1830 he was shot, a fact that History has credited to Dom Pedro I.

P. 14/15
When Revista Ilustrada was created in 1876 by the Italian Angelo Agostini, the field was dominated by *Semana Ilustrada*, created by the German Henrique Fleiss, who was regarded as the first great cartoonist in our media.

7. The Revista was abolitionist and republican, and soon became popular for its satire and criticism of the abuses committed by the Court. The more moderate *Semana* would not bear critics, for instance, of Dom Pedro II. The result: both publications were constantly on bad terms, as the left page here demonstrates.

8. Angelo Agostini, in a self-caricature published in *Revista Ilustrada*, studied Fine Arts in Paris. In 1864, he released the *Diabo Coxo*, in conjunction with the abolitionist leader Luis Gama, which circulated for two years in São Paulo.

9. In Cabrião, from 1867, Agostini attacked corruption and Pedro II, in the background on the left, who stands watching what is going on at the Ministry. His criticism caused

an inquiry into the paper by the police.

10. Illustration from the series "Slavery scenes sponsored by the Order Party under the glorious reign of D. Pedro II the Great", published in 1886 in *Revista Ilustrada*. Considered by Joaquim Nabuco as the "Abolition Bible".

11. Contrary to the involvement shown by Revista Ilustrada, Henrique Fleiss, here in a self-caricature, brings a soft view of the relationship between white and black people to the pages of *Semana Ilustrada*.

P. 16/17
Established in 1917 by Edgar Leuenroth, *A Plebe* certainly became the most important anarchist unionist newspaper from this period.

It had a daily circulation in 1919, when Law students from the Largo São Francisco College destroyed the premises. *A Plebe* had a wide distribution network and important collaborators, such as Astrojildo Pereira.

Even though it was harshly persecuted for advocating the cause of the labor movement and that of anarchism against State oppression, the paper managed to survive through the beginning of the Fifties.

13. With a distinguished feature from the period, *O Parafuso* exposes, on its front page, the ravaging of *A Plebe*. A progressionist and democratic magazine, but not always with an opposing stand, *O Parafuso* circulated between 1917 and 1920.

14. From 1893 on, journalist Edgar Leuenroth spent his time working and establishing anarchic and labor papers. His efforts in this regard were so many that his name appears on the collection on this theme at Unicamp.

15. A Lanterna was an anticlerical paper. It called for secular education and individual freedom. In addition, it would refer to the labor movement of that time, something its editor Edgar Leuenroth was passionate about.

16. Snapshot of the strike that took place in 1917 in São Paulo, one that Leuenroth helped to organize. A similar photo was published on the front page of *A Plebe*.

P. 18/19
This mirror page is a tribute to journalist Astrojildo Pereira. It

was in the collection he created during his lifetime that we found rare publications to complete the illustrations to this story, like this *O Debate*, released in Rio de Janeiro in 1917, where Astrojildo wrote a historic article on the genesis of the Russian Revolution from 1917.

First an anarchist and then a communist, Astrojildo cultivated a love for reading everything to do with the labor movement, regardless of its creed or origin.

18. Journalism was another of Astrojildo's passions. He worked for *A Classe Operária*, *Diário de Notícias*, *Diretrizes* and also published *Interpretações* about literature, notably on Machado de Assis.

19. Crônica Subversiva, from 1918, shows Astrojildo's enormous ability: he himself wrote, using pen names he created, a weekly paper that lasted for months. His collection is kept at Ceden, UNESP's historical archive, in São Paulo.

20/21. Spártacus, published in Rio de Janeiro between 1919 and 1920. The newspaper brought together Astrojildo Pereira, Octavio Brandão and Bernardo Canellas for the first time. These played an important role in the break from anarchism and in the creation of a communist nucleus during the 1920's. Spártacus suffered from police repression during its entire lifespan, as can be seen in this photo where the newspaper is seized.

P. 20/21
Immigration from both Italy and Germany brought manpower and a new way of doing politics to Brazil. The newspaper *Spaghetti* is a good example of Italian willingness to participate in this big event. Edited in 1931, and written in Italian, a xylograph by Lívio Abramo on *Spaghetti*'s front page shows criticism of North American capitalism. Lívio Abramo belonged to a family that had many members working in newspaper offices in São Paulo - and strongly opposed Fascism, which was established in Italy in 1922.

23. Alba Rossa - Red Dawn - from 1919, also written in Italian, depicts the position held by anarchist unionists in São Paulo favoring the Russian Revolution.

Afterwards, they would be shocked by the Soviet government's repression of Russian anarchists.

24. *Mortelito e Foice*, from 1924, edited in Rio Grande do Sul, and with a version translated into Portuguese, is the German side of journalism as practiced at that time. And it is not hard to imagine their communist trend when you read the name of the paper - Hammer and Sickle - right?

p. 22/23

With a refined front page, full of symbols, *Trabalhador Gráfico*, from 1920, represented the professional class of all "newspaper makers", from graphic artists to journalists, and for that very reason it was a highly influential production. The paper survived until 1928 and it was one of the main voices of the laborers' struggles in the period. Like most unions then, they had the Russian Revolution as their beacon and mirror; the paper was strongly influenced by the PCB, Communist Party of Brazil, popularly referred to as Partidão [Big Party].

26. *O Cosmopolita*, from 1918, represented one of the largest professional categories of its time: employees of hotels, restaurants, coffee shops and pubs. As the laborer class at factories was embryonic then, the gathering of those employees made up the front line of the movement. Astroldo Pereira and Octávio Brandão, among others, were collaborators of the paper.

27. The unions, at that moment, were always called "organizations", or "groupings", since they were forbidden by law. They were extremely politicized groups, and their priority was the fight to put an end to capitalism. Those "groupings" housed both anarchist unionists and communists. The 1st of May, Labor Day, was always celebrated, and publications received special treatment, with more elaborate editions, and an increase in the number of issues and distribution on that day. Their most important demand was for an 8 hour daily shift. In reality this was a fight common to all unions.

28. *A Voz do Sopatiero*, from 1921, is an excellent picture of newspapers and professional categories in their transitions from anarchist unionism to revolutionist

unionism, as an advocate of the Russian Revolution.

p. 24/25

A Hora Social appeared between 1919 and 1920 in Recife. With a revolutionary union tendency, it proposed the formation of a single proletarian front. It was a high quality paper and it intended to disseminate the basic ideas of unionism, socialism and the Russian Revolution from the capital of Pernambuco to the Northeastern region, where the debate on social matters was at its initial stages due to a still embryonic working class.

30. Edited in Porto Alegre from 1909 through 1918, *A Luta* was the official publication of the International Working Union. In spite of the expected communication difficulties of the time, there was an amazing network to promote and distribute a newspaper of this nature, one that allowed the circulation of this regional media throughout the whole country.

31. Produced in the Amazon region, in 1919, more precisely in Belém do Pará, *O Semeador* was a clearly revolutionary, although eclectic, paper, as it mixed socialist and positivist attitudes and trends linked to progress.

p. 26/27

Jornal do Subiroff is an exquisite jewel in this collection due to its original ideas and the mystery it created. In 1920, Nereu Rangel Pestana, son of Nestor Pestana, editorial director for the mainstream paper *O Estado de S.*

Paulo, took advantage of the numerous rumors about the Russian Revolution from 1917, and concocted a character - Ivan Subiroff -, then created the paper and left the police and the bourgeoisie terrified by the presence of this Russian delegate on Brazilian territory. Pertaining to the bourgeoisie himself, Nereu managed the feat of writing a paper with serious articles and whose main character simply didn't exist.

33. "We have no generals or prophets. We are the free but well informed opinion". This is the start of the first editorial, in 1931, of *O Homem do Povo*. It would last just 18 days and eight issues, survived

two attempted over and it would last just 18 days and eight issues. It survived two attempted overthrows by students from the Law School, and was eventually shut down by the police.

34. Oswald de Andrade, its editor, was something of an enfant terrible of the time. Product of the bourgeoisie (like Subiroff), always ahead of his time, with an acute social consciousness, he used to be a strong attacker of North American imperialism and he would openly praise the Soviet Union.

35. Patricia Galvão, Pagu, co-founder of the paper, signed the feature *A Mulher do Povo*, the People's Woman. A political militant, she was arrested several times and always advocated a greater participation of women in the life of the country.

p. 28/29

The magazine had both a cover and, very unusually, a title - *Klaxon*; a newsroom full of intellectuals, and it represented the feeling of the 1922 Modern Art Week. With such attributes, the first modernist Brazilian magazine was born. Not a magazine, no. A monthly, as defined by its creators: "Klaxon ponders mainly on art. But it wants to represent the era from 1920 on. This is why it is polymorphous, ubiquitous, restless, funny, annoying, contradictory, envied, outraged, happy". Oh, yes, *klaxon* is a loud horn in French, too.

37. *Revista da Antropofagia*. Anthropophagism, because it suggested that foreign culture should be swallowed by the domestic culture in order to put an end to Brazilian dependence on things from abroad. Established by Oswald de Andrade in 1928.

38. *Verde* and *Maracajá* represent important echoes from the '22 Week outside of São Paulo. *Verde*, created in 1927, was from Minas; Poet Carlos Drummond de Andrade was a collaborator. It dealt with art and culture and survived until 1930.

39. *Maracajá* was from Recife, with offices at 179 Imperatriz Street, and it contemplated politics, reviews and literature.

p. 30/31

Does everyone know from where

journalist Aparício Torelli got the idea of becoming Baron of Itararé? He took it from a battle that was not, in the 1930 Revolution: the battle of Itararé, which is a town on the border of the states of São Paulo and Paraná. This kind of thing is typically his: irreverent, daring, persistent and, really very creative. For instance, once he worked for the paper *A Manhã* [The Morning] and, after leaving, he established his own paper, *A Manha*, which was shut down and reopened five times due to police persecution and also because there were times when there was no money to publish it. The last time it was closed was in 1952.

41. *A Manhã* was established in 1926. Constantly good-humored, in 1929 the paper also circulated as a booklet in *Ótario do Norte*, which doubled its circulation the first week and eventually sold 125 thousand copies.

42. This open smile on Baron of Itararé's face maybe summarizes what he did around here during the '76 years he lived: he had fun... either with his sophisticated mood or with his perennial lack of patience with tyranny.

43. The Baron of Itararé most surely wanted to taste everything. He was a journalist, congressman, and alderman representing the "Big Party" in 1947. He started writing *Jornal do Povo*, and this headline was probably his: "An integralist does not run: he flies."

44. In 1949, after *A Manhã* had been shut down four times, Baron of Itararé established *Almanaque*, a publication whose format was somewhere between that of a magazine and a book, and that kept the line of criticizing the upper classes and dictatorial governments.

p. 32/33

0 Binômio's headlines leave no space for any doubts: the stubborn custom of saying what no one else said made resistance history. It was a paper that came out in 1952 because of the determination of two young journalists from Minas Gerais: José Maria Rabélo and Euro Arantes. Opposing the system with a caustic political mood, the paper did not forgive Juscelino Kubitschek, then governor in Minas, who had a two-part Action Program: energy and transportation. The paper

immediately awarded its title with two-parts: peace and calm.

46. The first issue, from February 17, 1952 and the sentence, right below the slogan: An Almost Independent Organism. The caricature ridicules JK's binomial. This is how the newspaper debuted, making their intentions perfectly clear.

47. Ten years later, the "almost independence" is kept by uniting, on the front page, photos of Carlos Lacerda, João Goulart, Luís Carlos Prestes and Admiral Silveira Heck, openly called the most influential mind of the coup.

48. The facts revealed by the news, the best way for a combative paper to have its credibility guaranteed.

ALTERNATIVE PRESS

Vladimir Sacchetto

Known as *namicos* [midgets] in opposition to the mainstream press, the alternative periodicals that circulated between 1964 and 1979 had their origins in the beginning of the nineteenth century. Good humored, with their accusations and virulent attacks on the Court and the Emperor himself, the *posquins* [lampoons] gave rise to a new kind of journalism.

Contrary to the quiet times during the reign of Pedro II, the press would not get away during the dark ages that followed the coup d'état perpetrated by generals on April 1, 1964. But the *namicos* didn't hesitate to criticize the violence, the abuses and the conservativeness imposed by the dictatorial rule.

Sid by side with politics, irreverence became a weapon and *PifPaf*, released only two months after the coup, was their pioneer. Some suffered from the "number seven evil", others were stronger, like *Movimento e Opinião* and managed to survive for hundreds of editions.

0 Pasquim was the most long-lived, setting records. The post-64 alternative press, created by journalists who were often gathered in associations, had a reduced structure, was marginal to the industrial system, and dared and developed a creative informal way. The practice of opinonative journalism, one of its most distinguished aspects, would be the main source of problems with the military. Bravely resisting the

censorship siege, many times with casualties, it gave life to titles that went from humor to politics, academic culture and counterculture, customs and social movements, among other segments. This chapter is a sample of this diversity and its drive.

54. *A Carapuça*, was a tabloid edited in 1968 by Sérgio Porto, aka Stanislaw Ponte Preta. Porto named the military coup as "The Redeemer" and created the *Febepá* (Festival de Besteiras que Assola o País - Festival of the Nonsense that Ravages the Country).

55/56/57. Nineteenth century lampoons pestering the Empire: *A Mutica Picante*, *O Mequetrefe* and the pioneer *Malagueta*, published by the military man and journalist Luís Augusto May.

The word *pasquim* or *lampoon*, usually derogatory, represents poor quality journalism that is vilifying and slanderous. Jaguar says he consciously suggested the name for the paper, anticipating the criticism he expected to get: "they will have to come up with other names to insult us".

p. 36/37

PifPaf was the first of the alternative media to fight the military regime at the newsstands. Millor Fernandes began editing the magazine, in Rio de Janeiro, in May 1964, a few weeks after the coup.

48. The facts revealed by the news, the best way for a combative paper to have its credibility guaranteed.

54. *A Carapuça*, was a tabloid edited in 1968 by Sérgio Porto, aka Stanislaw Ponte Preta. Porto named the military coup as "The Redeemer" and created the *Febepá* (Festival de Besteiras que Assola o País - Festival of the Nonsense that Ravages the Country).

55/56/57. Nineteenth century lampoons pestering the Empire: *A Mutica Picante*, *O Mequetrefe* and the pioneer *Malagueta*, published by the military man and journalist Luís Augusto May.

The word *pasquim* or *lampoon*, usually derogatory, represents poor quality journalism that is vilifying and slanderous. Jaguar says he consciously suggested the name for the paper, anticipating the criticism he expected to get: "they will have to come up with other names to insult us".

p. 40/41

0 Pasquim. In November 1970, DOI-CODI agents broke into the newsroom and arrested the team while they were completing an edition. It came out anyway, with the aid of journalists, writers and artists. In the ensuing mess, a wrong date was printed. For eight weeks, the mobilization to maintain the paper circulating was a true act of resistance.

The paper was long-lived and stayed in circulation until 1991, surviving pre-censorship and administrative turmoil.

52. *PifPaf* was the original title of the section written by Millor for the magazine *O Cruzeiro*. In 1945, he pays tribute to Baron of Itararé and mocks Getúlio Vargas: "The dictator is becoming boring".

p. 38/39

0 Pasquim, created in 1969, gathered again the *PifPaf* team. Jaguar's idea was to write a paper for the Ipanema neighborhood. His effort was reinforced by a new generation of cartoonists, and by the addition of journalists such as Tarso de Castro, Paulo Francis and Luís Carlos Maciel. The paper was a hit throughout the country, with a wide circulation. "Every man from São Paulo is a *fan*" sold 100 thousand issues in São Paulo only alone.

61. Beside being one of *Pasquim*'s founders, *Claudius* was also one of its editors till 1971, when he left Brazil to work with Paulo Freire on educational projects in Africa. However, he continued to write for the paper.

62. *Ziraldo* constantly highlights a

feature that is common to the group that kept *Pasquim* going during the worst years of the military regime: the intrinsic courage of the cartoonist trade, whose very nature calls it to ridicule and corner the tyrants.

p. 42/43

In the wake of *Pasquim*, its cartoonists gain space at the newsstands. In the magazine *Fradim*, Henfil's characters come to life. Released in 1973 by Codecri, the publishing house created by Jaguar and his colleagues, the magazine eventually sells more than the paper.

0 Bicho, edited by Fortuna, comes out two years later. The team is made up of a new generation - Luis Fernando Verissimo, Laerte, Luís Gé, Paulo Caruso and Miguel Paiva, among others. Counter-culture and language innovation are their trademark.

64. The new output of magazines by Codecri honors their predecessors' tradition. One is *Urubu*, published by Zélio in 1966, in collaboration with Ziraldo and Jaguar.

65. The success of *O Grilo*, from 1971, published by Sérgio de Souza & team, already announced the cartoon boom. The humor in comic strips by cartoonists such as Crumb and Wolinski annoyed only the police, who censored the magazine.

66. The magazine *Baldo* was created in 1972 by students from the São Paulo University (USP). It rapidly became a hit among underground cartoonists. Laerte, Luís Gé, Angeli and the brothers Paulo and Chico Caruso made their debut here.

67. *Boca*, another cartoon classic by students, produced at FAAP [Armando Álvares Penteado College] by Dagomir Marques and cartoonists such as Marcatti, demonstrated that it was possible to take things happen in the fight between rich and poor.

p. 44/45

0 Sol supposedly inspired Caetano Veloso in his song "Alegria! Alegria!", although he neither confirms nor denies this. But there were many reasons for him to honor Reynaldo Jardim and the journalists who turned the supplement that accompanied *Jornal dos Sports*, in 1967, into one of the most celebrated publications of the alternative cycle.

The innovative graphics and defiant tone of the stories expressed the team's libertarian concerns: "half of the people wanted to be guerrilla warriors and the other half were hippies", says Ana Arruda Callado, the newspaper's editor-in-chief.

70. Reynaldo Jardim came up with a great idea: to divide *O Sol*'s pages into four sections, so the reader could read it comfortably on the bus. Innovations like this were a typical feature of this journalist and poet.

71. Poder Jovem reunited once more the team of *O Sol*. The paper had not been published as a supplement, inserted into *Jornal dos Sports* since the end of 1967 and its circulation had stopped after a brief period of autonomy. *Poder Jovem* lasted for only a month.

72. With Folhetim, the paper *Folha de S. Paulo* hires journalist Tarso de Castro to produce a supplement that could lend the paper the innovating appeal that alternative publications had.

p. 46/47

In 1971, the nationalist left-wing returned with *Política*. The paper, which was published in Rio de Janeiro by Sébastião Nery, took up again the ideas held by Getúlio Vargas, João Goulart and Leonel Brizola against the subordination of the Brazilian economy to the interests of the hegemonic centers of capitalism. *Política* hit the dictatorship hard, reaching editions of thirty-eight thousand issues and surviving for over two years, despite pre-censoring and strong economic pressure by the military.

73. After *Política*, another paper took its place: *Critica*, gathering Rio Janeiro oppositionists from various trends. A year later, edition number 56 was seized at the stands and the paper stopped circulating.

74. The nationalist opposition also voiced itself through *Jornal de Debates*, released again in 1973 by Líneira Tejo, who held the rights to the publication that, during the Fifties, fought in defense of the state oil monopoly.

p. 48/49

Opinião was created by businessman Fernando Gasparian, who decided to

publish a paper to fight the dictatorial regime. In 1971, he got in touch with a group of journalists from São Paulo, led by Raimundo Rodrigues Pereira. The weekly publication would appear the following year.

Even though it was strongly censored, *Opinião* gave voice to a wide opposition front. It suffered when Raimundo Pereira and his team left, in 1975. Its trajectory continued until 1977, when it stopped circulating, weakened by the ruthless censorship and financial embargo.

78. What distinguished *Opinião* was its network of collaborators both in Brazil and abroad. It had a section that published articles from Le Monde along with those of renowned intellectuals, leaders from MDB, the opposition party, and other sectors against the regime.

79. Fernando Gasparian was a nationalist entrepreneur. The dictatorial government ruined his textile industry. He was a militant at PSB, the Socialist Party, ran the publishing house Faz e Terra and created other publications besides *Opinião*. He was an assembly member in 1988.

p. 50/51

Movimento appeared in 1975. After leaving *Opinião*, the team led by Raimundo Pereira went to *Em Tempo*. It innovated by having a boss. It innovated by having a clear program advocating opposition to the dictatorship and a creation of a Constituent Assembly. It covered the mass movement, strikes and the rise of Lula as a leader. It survived political dissent and financial instability.

81. After the reorganization of the political parties in 1980, *Movimento* lost its political support. Attacks on newsstands aggravated its crisis. It was terminated in November 1981.

82/83. *Amanhã* and *Em Tempo* are the results of a schism that affected *Movimento* in 1977. Dissatisfied with the paper's political orientation, which they blamed on the influence exerted by PC do B, some

journalists, Trotskyists and socialist intellectuals decided to publish a new paper.

But they split; too one group created *Amanhã* which released only one edition. Another group released

Em Tempo, which had Bernardo Kucinski as its first editor-in-chief. In view of new disagreements and with the editor-in-chief leaving, the Trotskyist organization Democracia Socialista [Socialist Democracy] that eventually turned into a trend in PT, became hegemonic. *Em Tempo* continued as a DS representative for thirty years.

p. 52/53

The paper *Ex*, released in 1973, is a creation of the group formed by Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Paulo Patarra, Hamilton de Almeida Filho (HAF), Milton Severiano da Silva, Décio Nitirini and others. After meeting each other at the magazine *Realidade*, Sérgio and Narciso worked for Ação Popular [Popular Action], before giving in to the guru Roberto Freire, and creating a community.

nini-tabloid format, which is used up to today, was adopted.

126. In 1979, the Rio de Janeiro section of Comissão Pró-Índio [Pro-Indian Committee] releases *Nimundajú* (in *guarani* language, "the one who makes his home"), edited by journalist Marcelo Beraba.

127. *Borduna*, also by Comissão Pró-Índio/RJ, was collaborated on by journalist Ricardo Arnt and photographer Cláudia Andujar.

P. 73/73
On *Flor do Mal*, Luis Carlos Maciel, Tortuero Neto, Tite de Lemos and Rogério Duarte would write "whatever came to their minds": articles, short stories, poems and insights permeated by counterculture and existentialism. Its origin went back to *Underground*, published by Maciel in *Pasquín*. After being arrested in 1970, he decided to turn it into a newspaper. The five editions he managed to publish pay witness to the so-called *Era do Desbunde* [The Age of Awe] and the obstacles to the search for individual freedom under dictatorial rule.

129. *Verbo Encantado*, published between 1971 and 1972 by Álvaro Guimarães, is akin to *Flor do Mal*. There are 22 issues of underground culture at its best, all blessed by Caetano Veloso and Gilberto Gil.

130. *Meda*, published in 1977 by Regis Bonvicino and Antônio Risério, counted the poets Wally Salomão and Paulo Leminski among its collaborators. The latter defined it as "a magazine of invention". Only one edition was released.

131. Leminski also refers to the "constructivist strength of *Polen*", on which he collaborated, together with Wally Salomão, Hélio Oiticica, Caetano Veloso and the Campos brothers, among others. The only edition of the magazine dates from 1974.

132. *Scaps*, created in Curitiba by journalist Toninho Martins Vaz, in 1975. The irreverent touch also bears the hallmark of Paulo Leminski, who is author of the slogan: "a paper that respects the mainstream media as if it were its own mother".

P. 74/75
Inspired and led by the culture editor of *Opinião*, Julio Cesar Montenegro, *O Beijo* originates from the bond of journalists from Rio and São Paulo, such as Rodrigo Naves and Fernando Mesquita.

Autonomously managed, defined as a cultural paper by the criteria of that period, it uses subversive language and demolishes taboos held by traditional leftists. Fiesty texts and creative graphics anticipate, in its six editions, themes that will permeate the following decades.

134. The magazine *Rádice*, published between 1976 and 1981 by psychologist and journalist Carlos Ralph, shows the views of a new left-wing, one that sees in itself an important symbolic field in the fight against repression.

135. *Cine-Olho* (1975-1980), published by students from the Communications and Art School at the University of São Paulo, combined urban interventions with the debate on the aesthetics of cinema. The team included future filmmakers such as Fernando Meirelles.

P. 76/77
Jornalívo, from 1971, is one of the most innovative ideas of the alternative period. With each edition a complete book reached the newsstands. "For peanuts", remembers journalist Milton Severiano, who worked for the project along with Sérgio de Souza and Narciso Kalil. And what books were those! The authors included Graciliano Ramos, Machado de Assis, Roberto Freire, Dickens, Gorki and Dostoyevsky, among others. Edited as a tabloid, it was characterized by the refined treatment given by graphic artists such as Ary Normana.

137. *Escrita* follows the trail blazed by *Jornalívo*. Published by Wladyr Nader, between 1975 and 1988, the magazine mixed short stories and poems by new contemporary writers with works by renowned Brazilian authors.

138. Released in 1978, *Leia Livros* published essays, interviews and profiles, as well as book reviews by Editora Brasiliense. It was edited by Cláudio Abramo, Caio Túlio Costa and Caio Graco Prado, the publishing house director.

139. *José*, published by Gastão de Holanda in Rio de Janeiro, between 1976 and 1978, gave us poems, short stories, essays and literary reviews in the best tradition of modernist magazines.

P. 78/79

Revista Civilização Brasileira was one of the paradigms of the debate the left-wing embraced after the coup. Created in 1965 by editor Énio Silveira, its editorial board gathered together Marxist intellectuals, journalists and writers.

Based on PCB policies, the magazine had an extensive agenda favoring democratization. It published

authors such as Jean-Paul Sartre, Herbert Marcuse, and André Gorz. It also distinguished itself for its cultural reviews in a period of intense artistic production in the country. It circulated up to 1968.

141. *Revista Brasiliense*, created in the Fifties by editor and historian Caio Prado Júnior. Among its collaborators were intellectuals as important as Florestan Fernandes, Antônio Candido, Edgard Carone and José de Castro.

142/143. Fernando Gasparian returns

to the idea of publishing an essay magazine: *Argumento*, from 1973, edited by Elifas Andreato; and *Cadernos de Opinião* from 1975. Both were short lived.

P. 80/81

Brasil Mulher is the outcome of dual circumstances: In 1975, the UN declares 1975 as International Women's Year, but it is also the thirtieth anniversary of the New State amnesty. Aware of the coincidence, Therezinha Zerbini establishes the Female Committee for Amnesty and, together with journalist Joana Lopes, they create the paper.

The issue of feminism immediately sourts their relationship. Zerbini wants to focus on amnesty but she loses the debate and leaves the newspaper, which is sold at newsstands up to 1980.

146. *Nós Mulheres*, from 1976, adds a new thematic field to the left-wing traditional view on gender issues, by advocating the autonomy of the feminine struggle and debating subjects such as sexuality and emancipation.

147. *Mulherio* was the longest lived feminist newspaper. Released in 1981, in the last stages of the alternative cycle, it was published by Fundação Carlos Chagas for ten years and managed by journalist Adélia Borges.

P. 84/85

With publications like *Avesso*, by the University of São Paulo Free Students Directorate, the student media is back on the scene by the second half of the Seventies. The

protests against the assassination of Vladimir Herzog indicate the return of political activism and accelerate the reorganization of the movement, which had been dormant since the fall of UNE's Conference in 1968.

149. Bertha Lutz, one of the pioneers of the feminist struggle in Brazil. She initiated her trajectory at the end of the 1910s calling for women's right to vote and for employment protection for women.

P. 82/83

Amanhã, published in 1967-1968 by the Philosophy School fraternity at the São Paulo University, gathered together, for the first time, a group of journalists with Rainundo Pereira as its leader. On its pages it is possible to follow the radicalization process that caused most leftists to take up arms against the dictatorial rule.

While there was great disagreement among the political groupings represented at the paper, which was geared to workers, it was intense police repression which finally brought it to an end.

151/152/153. The magazine *Movimento*, created in 1962, was of one UNE's (National Students Union) first publications. By the beginning of the Sixties, it performed an important role in the debate from which the CPCs (Popular Centers of Culture) would originate. These joined together artists such as Paulo Pontes, Odvaldo Vianna Filho (Vianinha), Chico de Assis, Cacá Diegues and Carlos Lyra.

In search of more popular and combative language, they produced shows, movies and plays, like *Auto dos ggk*, dealing with the problem of education. Targeted by the repression after the coup, the CPCs were shut down before the IV Popular Culture Festival, scheduled to take place in April 1964, could happen.

154. *APAFRE*, published in 1968 by TUSP (Theatre of the University of São Paulo). In its two editions the magazine displays the strong polarization of the cultural debate on the resistance to the dictatorship.

P. 86/87
A historic edition of *Unidade*, from the Union of Journalists in São Paulo. A wide front, headed by Audálio Dantas and opposing

dictatorial rule, wins the union elections and is inaugurated in April 1975. In August, the newspaper is released, produced jointly by dozens of professionals who are coordinated by Fernanda Pacheco Jordão and José Hamilton Ribeiro. Three months later, *Unidade* defies the military by announcing that PCB journalists were being tortured and discrediting the official version of Vladimir Herzog's death.

162/163. *Fraça de Sé*, São Paulo, October 31, 1975: thousands of people participate in an ecumenical service in memory of Vladimir Herzog, conducted by Cardinal Dom Paulo Evaristo Arns, Rabi Henri Sobel and other priests. This

historical Friday is the beginning of the change that years later would culminate in the return of democracy to the country.

164. The fight to bring democracy back to the country is strongly reinforced in May 1978, when journalist Barbosa Lima Sobrinho becomes the new president of ABI (Brazilian Press Association).

P. 88/89

The newspaper *Tribuna Metalúrgica* was released in 1971 by the

Metallurgy Workers Union from São Bernardo and Diadema. With the resumption of combative unionism in the 1977 wage campaign, the paper, whose director was Luiz Inácio da Silva, or Lula, started to perform an important role in the mobilization of workers from the ABC region.

During the 1978 and 1979 strikes, it was printed every day. Throughout the periods of state intervention in the union, the paper was distributed on communarian issues. The second one was geared to workers and the union's fight.

173. *Batente*, from Osasco-SP, coordinated by Ricardo Maranhão and Antônio Roberto Espinoza, was part of a group that eventually gathered 250 people from the region.

P. 90/91

Ticão expresses the reorganization of afro-descendant communities and the resumption of struggles against prejudice. In 1978, when the paper was first released, representatives from various groups formed

throughout the Seventies, got together and created *Movimento Negro Unificado* [Unified Negro Movement], which would be a distinguished political player during the following decade.

The paper, managed by Vera Daisy Barcelos, gathered leftists and activists from Rio Grande do Sul tried to break the myth of racial

democracy, which was so dear to the dictatorial government.

175. *A Voz da Raça*, the paper of Frente Negra [Black Front], created in 1933. It meant the beginning of an intense period of awareness and struggles, when expressive leaders such as Abdias do Nascimento would shine.

176. *Jornegro*, from 1978, under water tanks and distributed in São Paulo by journalists such as Odacir de Matos, who, together with Narciso Kalil, signed a historical report on racial discrimination, published

by the magazine *Realidade* in 1967. **177.** *Sinba*, released in Rio de Janeiro, in 1977, by Yedo Ferreira, founder of Instituto de Pesquisas da

Cultura Negra [Negro Culture Research Institute], and one of the most active leaders of the Unified Negro Movement.

P. 94/95

Censorship leaves black holes in *Opinião*. In issue number 22, the censor mutilated a story on the

ceremony which gathered together thousands of people at São Paulo Cathedral in memory of Alexandre Vianucho Leme, a student killed in 1973. In issue number 32, an entire report about the presidential succession was censored. A survey conducted by Fernando Gasparian reveals that 96% of the paper's editions suffered some kind of censorship. Almost half of the pages written did not reach the readers during the almost five years that *Opinião* existed.

179/180. In 1975, pre-censorship at *Pasquín* comes to an end. Yes, sir. Edition number 300, the first not to be censored, was seized at the newsstands. In previous ones, caricatures like *Henfil*'s were the favorite targets of the unrelenting censors' scissors.

81. Try to picture 4.5 million words. Could you? Well, this was the number of banned words in three years of pre-censorship at *Movimento*. Even when the censorship ended in 1978, seizures at the newsstands continued, as happened with edition number 177, in November that same year.

P. 96/97

In July 1980, *Movimento* reveals: "right-wing declares war and terror". A dossier lists dozens of violent actions that intensified in 1976.

Various alternative newspapers are strongly hit by destructions and bomb attacks. The newsstands where

they are sold become targets, too. Circulation drops and financial strangling contributes to the end of the alternative cycle.

184/185. Dawn of November 15, 1976: the headquarters of the paper *Opinião* are destroyed by a bomb. The attack is credited to AAB (Brazilian Anti Communist Alliance), but official investigations come up with nothing.

186. March 30, 1980: two time bombs explode in the newsroom of *Hora do Povo*. The invaders also destroy typewriters using muriatic acid.

187. Civil society mobilizes to "put out the fire at newsstands". On August 11, 1980, several entities conduct a public demonstration at Tuca (Catholic University Theater), in São Paulo, protesting terrorist attacks.

p. 98/99

Maria Quitéria, from the Feminist Movement for Amnesty, run by Therezinha Zerbini, and the newsletter released by the Brazilian Committee for Amnesty, led by the lawyer Eny Raimundo Pereira, voice the campaign which the opposition was starting to undertake both in Brazil and abroad.

In Rio de Janeiro the student movement reacts to the imprisonment of MEP militants with public protests and the launch of the newsletter *Anistial*. At the height of the protests in 1979, renowned journalists from Rio de Janeiro got together to produce a newspaper on the issue. Its name, *Correio da Manha*, is a reference to the Barão de Itará's publication. The epigraph they adopted also belongs to him: "Amnesty is a device by which the government can forgive the crimes that the government itself has committed".

188. The amnesty campaign even reached the football stands. In March of 1979, in Fazanbu stadium, the team Corinthians put up a banner calling for amnesty.

189/191. Setember 1979. Amnesty declared, the Brazilians return home and are welcomed joyously. Some of the first to return are Miguel Arraes, creator of the newsletter FBI (Brazilian Information Front), and Gérômio Bezerra, the rural leader.

192. In a memorable moment captured by the photographer Ybarra Junior, a political prisoner reaches out his hand from his cell door to those who came to get him.

UNDERGROUND PRESS

José Mauricio de Oliveira
The newspapers you will get to know here were written by journalists who were not used to listening to the other side. Because if they did, they would most certainly have left

the interviews and gone directly to the military regime's torture centers.

Not that they wanted to listen either. More than narrating facts and compiling versions, the underground press under the dictatorial regime took on the quest of fighting against that regime. And so they did, using all kinds of subterfuge to elude the harsh circumstances they experienced - staff meetings in graveyards, papers printed in machines hidden under water tanks and distributed surreptitiously from one hand to another, thrown to the wind in high risk pamphleteering.

It is a tradition that, according to José Luiz Del Rio, a researcher and militant: "A true left-wing organization does not exist if it does not edit at least one newspaper". For centuries in this field, there has been no combat without debate, no action without speculation. And there are even fewer atrocities and less injustice that can escape from good reporting. The next pages record the testimony from men and women about the dark times they lived. To record it for posterity they did not hesitate to risk their own lives. Bringing their newspapers to light in the democratic country they helped to build is a way to honor them.

p. 102/103

On April 1, 1964, the headline of the daily newspaper *Novos Rumos* incited workers to resist the military coup that had broken out that night. The last edition of the newspaper created by the leaders of the PCB (Brazilian Communist Party) in 1959 it never reached the newsstands, but was distributed manually.

Despite the historic edition, it was only a year later that the party would return to organized press activity, a tradition that went back to the 1920s. Its publishing activities were maintained strictly underground throughout the dictatorship period.

197. *A Classe Operária* was the first newspaper published by Brazilian communists. It was born under a state of siege in 1925, survived to the New State and circulated, apart from a few periods when it wasn't produced, up to 1953.

198. The last edition of the first phase of *Voz Operária*, published by PCB between 1949 and 1959, when Novos Rumos replaced it. It was legally sold at the newsstands up until the coup.

199. In 1965, the party resumed publishing *Voz Operária* once more. For ten years, it went underground in Rio de Janeiro, under the management of journalist and communist leader Orlando Bonfim.

p. 104/105

In 1976, the production of *Voz Operária* goes abroad. The fall of PCB's printing house, a year before, had started a period of intense repression of the communists, with the arrest of activists and the murder of leaders such as Orlando Bonfim. Part of the leadership managed to escape into exile.

The first Italian printing house to print the paper did not have Portuguese orthographic symbols, a problem which was solved shortly afterwards. Sent to Brazil by mail, the paper circulated until 1979.

201. The PCB's printing house in Rio State was attacked by repression agents in January 1975. On the ceiling one can see the hole that acted as the door, under a water tank. To get inside, its content had to be emptied.

202. The last edition of *Voz Operária* printed in Brazil. Poorly produced, the paper tried to demonstrate that the PCB was still active in spite of the repression. However, it would only circulate again a year later.

203. Special edition of *Voz Operária* in Italian, distributed in 1975 at the annual party promoted by L'Unità, a daily paper edited by Italian communists.

p. 106/107

A Classe Operária, the party's first newspaper, was released again in 1962, after the communists had split. The dissidents restored the old name - Partido Comunista do Brasil - and the title of the newspaper as a way to reclaim the continuity of their historical line.

It was legally distributed until the military coup. Influenced by the Chinese Cultural Revolution, part of the organization converted to Marxism and got closer to PCB do B in the Seventies.

the latter was killed and the couple was arrested, in December 1972.

206. Edition of *A Classe Operária* from May 1, 1928, the year when the paper started appearing again after an intense period of repression that had stopped its circulation just a few months after it had been established, in 1925.

207. Issue number 427, in 1962, was the paper's first under the management of PC do B. Number 426 had been published in 1953.

208. Standing, João Amazonas, main leader of PC do B, speaks at the party's anniversary celebration, in 1962.

p.108/109

In 1973, *A Classe Operária* continued to be released underground by Aldo Arantes and Carlos Azevedo. Those were difficult times for PC do B, marked by arrests, murders and the abrupt end of the Araguaia guerrilla war. The camouflaged printing house, operated by Divo Guisoni and Raquel Guisoni, was never found by the repression.

In late 1976, after the "Lapa massacre", production of the paper was transferred abroad, where the surviving leaders were living.

210. The "Lapa massacre", December 16, 1976. DOI-CODI agents invade a meeting of the PC do B's Central Committee and shoot two leaders: Pedro Ponar and Ângelo Arroyo. A third leader, João Batista Drummond, was killed under torture.

211. After the downfall of the PC do B leadership in Brazil, the paper is made in Europe, and edited by João Amazonas and Arruda Camara, among others.

212. A book published by PC do B tells the story of the only armed rural rebellion to take place during the military dictatorship.

213. Maurício Grabois, a historic communist leader, murdered in the Xambó region on Christmas Day, 1973.

p.110/111

The newspaper *Libertação* was released by AP (Ação Popular - Popular Action) in 1968. Before the military coup, the organization joined with activists from the Catholic left-wing.

Influenced by the Chinese Cultural Revolution, part of the organization converted to Marxism and got closer to PCB do B in the 1970s.

Subsequently, the paper was run by Duarte Pereira, Haroldo Lima, Aldo Arantes and Renato Rabelo.

Journalist Carlos Azevedo acted as editor from the beginning to 1975, when the paper stopped circulating after 56 editions.

215. *Ação Popular*, a legally circulating newspaper that expressed AP's leadership positions until April 1964, was edited in Minas Gerais, a traditionally Catholic state, where the organization was strong.

216. *Brasil, Urgente*, a paper influenced by AP's theories, was released in 1962 by the Dominican Friar Carlos Joséfa. Advocating key changes in João Goulart's administration, the weekly paper was shut down by the military.

217. *O Livro Negro da Ditadura Militar*, released by AP in 1970, was written by Carlos Azevedo, Bernardo Joffily and Jo Moraes, and managed by Duarte Pereira. It was one of the first publications to expose torture, persecutions and political murders in Brazil.

p.114/115

Bandeira Vermelha, an MCI (Movimento Comunista Internacionalista - Internationalist Communist Movement) newspaper published between 1967 and 1969. It was known for its blunt criticism of PCB and its suggestions of armed confrontation with the dictatorship.

218. *Brasil, Urgente*, a paper influenced by AP's theories, was released in 1962 by the Dominican Friar Carlos Joséfa. Advocating key changes in João Goulart's administration, the weekly paper was shut down by the military.

219. *O Livro Negro da Ditadura Militar*, released by AP in 1970, was written by Carlos Azevedo, Bernardo Joffily and Jo Moraes, and managed by Duarte Pereira. It was one of the first publications to expose torture, persecutions and political murders in Brazil.

p.118/119

The newspaper *Revolução* is the result of the victory of the left-wing opposition in São Paulo, at the elections for the PC State Committee, in 1966. Criticism of pacifism and of the collaboration of

the classes, which is preached by the part of the communist leadership, prevails at various important regional centers. The underground minegraphs work non-stop, printing

not only newspapers and flyers, but also theoretical texts advocating the armed struggle.

225. Released in 1952, the paper *Frente Operária* expressed the political view of POR (Partido Operário Comunista - Communist Labor Party), participating in the debate on the armed struggle against the military.

It circulated again in the Seventies, after POLOP was restructured. On the front page, the report on the murder of the journalist Luiz Eduardo da Rocha Melino.

219. From its creation, *Política Operária* defied PCB on strategic issues: for instance, championing the socialist character of the Brazilian revolution and advocating that power be taken over by organized workers.

220. During the dictatorship, the paper was influenced by the Cuban revolution and the Vietnamese resistance to the U.S., and starts defending guerrilla cells as the promoters of revolutionary struggles.

p.116/117

Combate was one of the pioneers of the minegraph press and appeared with the reorganization of the left-wing after the military coup. It began being published in 1964 by the PCB State Committee in São Paulo. It was distributed among activists,

who, at the time, were involved in a fierce debate on the reasons for the defeat on April the 1st.

221. The commitment of Marxist intellectuals, such as Eric Sachs, Rui Mauro Marini and Theotonio dos Santos, turned POLOP into an influential center of theoretical production, voiced through magazines such as *Marxismo Militante*.

222. The newspaper *Combate*, published by POC in 1971, did not have a long life. Chased by the repression, the organization would be dismantled later on.

230. *A Voz do Campo*, also

underground, was a product of the communist efforts to reorganize the strong rural workers movement during the period prior to the dictatorship.

231. The magazine *Tema*, edited in São Paulo by journalist Marco Antônio Coelho, defended the attitudes of the group then considered somewhat to the right of

PCB, as they were against the armed fight against the dictatorship.

p.118/119

The newspaper *Revolução* is the result of the victory of the left-wing opposition in São Paulo, at the elections for the PC State Committee, in 1966. Criticism of pacifism and of the collaboration of

the classes, which is preached by the part of the communist leadership, prevails at various important regional centers. The underground minegraphs work non-stop, printing

not only newspapers and flyers, but also theoretical texts advocating the armed struggle.

232/234. "To create two, three, many Vietnams": the message by Ernesto Guevara to the Tricontinental, a conference that gathered

revolutionary organizations from Africa, Asia and Latin America in Cuba, in 1967.

235. Despite being strongly affected by repression, POR was able to keep their press activity underground. The paper *Frente*

Operária survived dictatorship and was circulated until the Nineties.

p.116/117

Combate was one of the pioneers of the minegraph press and appeared with the reorganization of the left-wing after the military coup. It began being published in 1964 by the PCB State Committee in São Paulo. It was distributed among activists,

who, at the time, were involved in a fierce debate on the reasons for the defeat on April the 1st.

236. Along with the Cuban revolution, the Vietnamese resistance to the U.S. invasion motivated a considerable portion of the Brazilian left-wing to adhere to the armed confrontation by the end of the Sixties.

244. Special edition of *Resistência*, a MR-8 newspaper, analyzing the situation experienced by peasants in Bahia, where the

newspaper; it is one of the documents that summarizes the spirit of those times. A few months before being published, Carlos Marighella returns from the OLAS Conference in Cuba determined to break up with PCB. However, he is not willing to waste time in building a new party.

He wants an organization completely geared to combat. The first newspaper edition was

published in 1968 by the Agrupamento

Comunista (Communist Group) in São Paulo. It soon became the official voice of ALN (Ação Libertadora Nacional - National Liberating Action).

238. Carlos Marighella, communist leader and founder of ALN, was executed by repression agents in November 1969.

239/240. *Venceremos* and *Ação* were the main agitation and propaganda papers produced by ALN. They published the organization's actions and viewpoints, during a period of strong media censorship.

241. With *Guerrilha Operária*, from 1971, ALN strived to constitute what was then called a mass working front to expand the organization's support base.

p.122/123

Palmares highlights another side of the armed organizations. Right after the coup and already inspired by the theory focused on guerrilla war, dissident parties from POLOP unite with soldiers who were against the regime, and try to start an armed campaign.

In this process, groups such as COLINA (Comando de Libertação Nacional - National Liberation Command) and VPR (Vanguarda Popular Revolucionária - Revolutionary Popular Front) arise, and they unite in 1969 to form VAR-Palmares, under Carlos Lamarca's leadership. The organization's paper would circulate only among its activists.

243. Carlos Lamarca, a former Army captain who joined VPR in 1969. He was killed in Bahia two years later, when he was a member of MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro - Revolutionary Movement October 8), a group that was created by PCB dissidents.

244. Special edition of *Resistência*, a MR-8 newspaper, analyzing the situation experienced by peasants in Bahia, where the

organization intended to created a guerrilla cell.

245. Already under heavy siege by the repression, leaders from ALN and MR-8 participate in the debate about the course of the armed struggle in Brazil. They propose changes, but they support the continuity of the current process.

p. 124/125

Unidade e Luta appears in 1972, at a delicate moment for ALN. Mass arrests and murders of important leaders, such as Carlos Marighella and Joaquim Camara Ferreira, turn on a red light for part of the activists who form the group TL-Tendência Leninista [Leninist Tendency] and they demand a debate on the organization's future. In the fifth edition of the magazine, TL advocates returning to the original ideas from 1967, ideas that did not conceive revolutionary violence disconnected from the popular movements, as eventually came to happen.

247. A Luta, a newspaper by PCR (Partido Comunista Revolucionário - Revolutionary Communist Party), which acted mainly in the Northeast.

It became closer to TL when criticized the guerrilla cell theory adopted by most of the armed organizations.

248. Imprensa Popular, published by MULPO (Movimento de Libertação Popular - Popular Liberation Movement), a dissident group from ALN which also defended returning to its worker and peasant bases, but did not turn away from militarism, and which was rapidly decimated by the repression forces.

249. In 1975, remaining activists from the organization support their return to PCB and reinitiate the political work with laborers. They start publishing O Companheiro.

p. 126/127

Newspapers such as O Batente, created in 1972, in São Paulo, tell a story parallel to the saga of the armed organizations. Arguementative union leaders and left-wing activists, who had not been seduced by the guerrilla focus, had a hard task in maintaining the political work in the factories. Simultaneously facing repression and the so-called pelados, union members who were supported by the

dictatorship, those papers performed an important role when the workers' struggle was taken up again by the end of the decade and in the process that eventually led to the creation of PT [Workers Party].

251. The laborer newspaper tradition goes back to the nineteenth century. In 1906, the first attempt to unify the union movement in the country occurs with the creation of COB (Confederação Operária Brasileira - Brazilian Worker Confederation), which publishes the newspaper A Voz do Trabalhador between 1908 and 1915.

252. After the 1964 coup, the reorganization of the workers' movement at the factories, with company committees, culminates in the strikes of 1967/1968. Underground papers such as Piquete would circulate from hand to hand.

253. Various company committees survived the ruthless brutal repression in 1969. Contact with workers was reinforced by the production of local newsletters, such as Folha Operária.

p. 128/129

Although having gone underground from 1964, UN (União Nacional dos Estudantes - National Students Union) is able to keep the newspaper Movimento circulating. With the student struggle beginning again in 1966, the entity is strengthened and resumes the tradition of organizing lively national meetings, with strong involvement by the bases. Two years later, UNE suffers a hard blow with the arrest of most of its leaders at a meeting in Ibiúna, São Paulo state. It would take a decade for UNE to come public again.

255. Jornal da UEE (União Estadual dos Estudantes - State Students Union), published right after the suppression of the UNE meeting in September 1968, is an attempt to demonstrate that the student movement had not suffered from the blow.

256. The reorganization process of the student movement started in 1969 and was slow. For a period, it was confined to the guilds that made mimeographed newspapers such as Nova Fase.

257. It was only in 1977, with repression still alive, that the student moment would be able to recreate the DCEs (Diretórios

Centrais dos Estudantes - Student Central Directories) at the universities. From there to the UEsEs and UNE, two more years would have to go by.

p. 130/131

In October 1979, still underground, PC do B starts to see daylight with the newspaper A Tribuna da Luta Operária which circulated openly.

The goals: to become closer to workers and to possess a legal apparatus in order to promote the reorganization of the militants. The first editorial reiterated the commitment to fight for socialism. The immediate focus was on the return of democracy and the rise of social movements. The paper circulated up to 1988, eventually printing 30 thousand issues every week. 1980 was PCB's turn to go return openly to the newsstands with A Voz da Unidade, produced in São Paulo. Its first editor-in-chief was journalist and political scientist Gilda Marçal Brando.

259. O Trabalho, from 1978, was the first paper of an underground organization to exist legally under the dictatorial government. It was produced by OSI (International Socialist Organization). It is still circulating today, edited by a PT faction.

260. Hora do Povo, released by MR-8 in 1979, can still be found at newsstands. At that time, the organization broke with the group that produced the paper Em Tempo and decided to enter MDB, the legal opposition front to the dictatorship.

PRESS IN EXILE

José Luiz Del Rio

The newcomer, very shy and only speaking a few French words, goes to a cheap restaurant in Paris and orders his dream meal: *jabô com gerimum*, a typical Brazilian dish.

When the astonished waiter says that he does not know the dish, he whispers: "man, this country has nothing." This is an exiled man in the Seventies. For him, and 10,000 other Brazilian exiles that lived scattered in dozens of countries, *coipirinha* and *Gonçalves Dias'* poems could help to soothe their homesick hearts: "The birds here won't sing as they sing there." Despite the

distance between them, at least three things would link them strongly: the wish to come back, repulsion for dictatorship and grief for their murdered friends.

With or without the dream meal, the ultimate hunger was for news, a rare product in a time when international calls were quite expensive and newspapers from home were infrequent. Nothing, however, not even nostalgia or the lack of news, would make them lose the willingness to discuss politics, to analyze the courses to take and to reveal crimes committed by the dictatorial rule. Thus, hundreds of exiles started writing and publishing, as best as they could, fliers, newspapers and magazines. The printing was often poor, almost illegible, badly disseminated. But everything was read as if it were a classic.

In this chapter you will get to know some samples of this collective effort, some of them extremely rare, some a single issue; material that was never displayed, which is of unique historical value and which represented one more trench in the struggle to build democracy in Brazil.

p. 134/135

The Bollettino Informativo della Resistenza Brasiliana started circulating in Italy in 1970, Edited by Flávio Medici de Carvalho, an ALN (National Liberator Action) activist, and with no predefined periodicity, the paper revealed the violation of human rights in Brazil. Despite the difficulties in granting asylum imposed by the Italian government, the Brazilians could count on the support of communists, socialists and some sectors of the Catholic Church to create a wide and influential local support network.

263. The outcome of this support network was the publishing of this other Bollettino by the Federation of Metallurgy Workers in Italy, devoting special attention to the relations of European countries with the Brazilian dictatorship.

264. Another example of the support network: a large number of postcards, like this one, were mailed by Italian citizens directly to the office of the Justice Minister in the Geisel administration.

p. 136/137

At the beginning of the Seventies, the newspaper Cartas Chilenas (in color) was released in Santiago, Chile by a journalist from Minas Gerais, José María Rabelo. He was inspired by a set of oppositionist manuscripts from the eighteenth century attributed to conspirators from Minas. Its secondary title was *Second Age*.

The Chilean coup, in 1973, forced Brazilian exiles to scatter and this eventually strengthened the actions of resistance centers in other Latin American countries, such as Argentina, Peru and Costa Rica.

274. A report released in 1972 at Unctad (United Nations Conference on Trade and Development), with reports about torture and assassination of political prisoners in Brazil.

275. In the Brazilian Information Bulletin, scholars from Berkeley University told of the workers' poor living conditions, during the zenith of the "Brazilian miracle".

276. At Boston University, North American intellectuals and activists would meet at ALA (Action Latin America), the organization responsible for publishing Brasil: Order & Progress.

p. 142/143

Periodicals like Brasil Boletín Informativo, produced in Mexico, performed an essential role for the communities of exiles: collecting news and information on what was going on in our country.

At that time, access to Brazilian newspapers abroad was extremely difficult, especially for those who were living far from capitals. To

get them, people depended on journalists, tourists, embassy officials and airline employees.

278. Information on the Araguaia Guerrilla, which was censored in Brazil, was disclosed abroad by PC

do B militants in Albania, France

and Portugal.

279/280. Publications by CADAL

(Latin America Action and Documentation Center), were maintained by groups linked to the Italian Catholic Church, which was one of the most active centers in

divulging information on the Brazilian situation.

281. Mês a Mês was one of the most stable news clippings of the period. It was produced in the Soviet Union by PCB militants and students from the Patrik Lumumba

University.

p. 144/145

Brasil Hoy

put the North American

communist leader Angela Davis on the front page to demonstrate that the fight against dictatorship was reaching the so called "heart of imperialism", namely, the United States.

During the Seventies, a wide network

of North American activists,

scholars and intellectuals

played an important

role in highlighting both repression

in Brazil and the U.S. government's

involvement in the violation of human

rights in Latin America.

274. A report released in 1972 at

Unctad (United Nations Conference on

Trade and Development), with reports

about torture and assassinat-

ion of political prisoners in

Brazil.

283/284/285. There were various

changes to the graphic layout of the

Front. One amazing change is the

adoption of the FBI acronym: whether

or not involuntary, it became a

funny mention to the real federal

bureau.

p. 146/147

The power of Front Brésilien

d'Information came from it being a

wide front uniting several

oppositionist organizations. But

over time, disagreements started to

undermine Miguel Arraes' project.

p. 150/151

The conclusions reached by the

Bertrand Russell Tribunal

reverberated widely in Europe.

Public acts of support, special

publications and a new series of

sessions in 1975 and 1976, increased

repudiation of the dictatorship in

Brazil and analyzed its influence on

the dissemination of military

regimes in the continent.

When the Tribunal's activities came

to an end, senator Lelio Basso

established the International League

for the Rights and Liberation of

Peoples, which was an active

participant in the debates that

culminated in mobilizations for

amnesty.

296. Algerian publication on the

creation of the International League

for the Rights and Liberation of

Peoples.

297. Poster promoting the 1976

sessions of the Bertrand Russell

Tribunal. The speakers were

important political leaders from

countries under dictatorial rule,

such as Brazil and Chile.

298. Book published by Feltrinelli,

one of the largest European

publishing houses. It was a

compilation of the accusations and

condemnation of Brazilian dictatorship from the Bertrand Russell Tribunal.

299. Debating magazine from the International League for the Rights and Liberation of Peoples. Featuring an article on the Brazil-Germany nuclear agreement, signed in the Seventies.

p. 152/153

Debate was the longest lived Brazilian publication abroad. It was created in 1970 by João Quartin de Moreas, a former leader of VPR (Revolutionary Popular Vanguard), who disagreed with the militarist course adopted by the organization. The magazine aimed at reuniting the revolutionary left-wing, which was deeply divided at the time. Their goal was not achieved, but the pages record their thoughts on the defeat of the armed left-wing and the political reorganization of the opposition in Brazil. It was published in France until 1982.

301/302. The initial poor planning of the magazine was overcome by the creation of a more solid structure that guaranteed its distribution not only in France, but in book stores in several European countries.

303/304. With the resumption of social movements in Brazil, by the mid Seventies, Debate opened up to new subjects, such as feminism, the amnesty struggle and the creation of new political parties at the end of the dictatorship.

p. 154/155

The magazine Palmares, published in Chile by VAR-Palmares leaders in late 1971, expresses a crucial moment for the revolutionary left-wing. With the death of the main guerrilla leaders and the siege on armed organizations, an intense discussion arises about what to do in order to break its isolation and avoid annihilation.

The remaining leaders find abroad the conditions for debating that they did not have in Brazil anymore, a fact that leads to the emergence of a new output of publications.

306. Initially published in Brazil by MR-8, the newspaper Resistência begins to be produced in France after Carlos Lamarca's death and the fall of most of its militants.

307. Temas e Debates, a magazine published in Chile until 1973 by

militants and leaders from various Brazilian revolutionary organizations.

308. Campanha, produced by the Bolshevik Faction in Chile and France, opposes Front Brésilien d'Information with a more incisive and defined political position.

309. Critical of the armed organizations, Trotskyists also found themselves grappling with ruptures and factions. Outubro, edited abroad, reflected the positions of the trend known as morenista.

p. 156/157

Brasil Socialista, a magazine published in Europe during the second part of the Seventies, came about as a result of the closeness of leaders from three groups: Política Operária, Ação Popular Marxista Leninista, and part of MR-8.

The defeat of the armed groups and the MDB victory in the 1974 elections led to a new debate for the left-wing: Support the opposition tolerated by the dictatorship or create a new revolutionary party? Fight for democratization or socialism? New questions, new publications...

311. Despite strong repression in 1975, PCB is strengthened by the MBD victory. This fact appeals to most armed militants living abroad, leading the proposal of an anti-fascist front.

312. Brasil Livre translates the viewpoints of former nationalist military members in exile, influenced by the Carnation Revolution, which brought an end to the Portuguese dictatorship in 1974.

313. From Algeria, Miguel Arraes puts forward the suggestion of building a new socialist party, committed to the anti-colonial view of national liberation movements in Africa and the Middle East.

314. MEP (Movement for Proletarian Emancipation) magazine, published abroad, advocating the regrouping of the revolutionary left-wing into a new Leninist party.

p. 158/159

Revolution Brésilienne was the magazine created by PCBR (Revolutionary Brazilian Communist Party) to disseminate the organization's ideas.

Made up of important communist dissidents, the party did not publish the magazine in Brazil. Hit by repression too early, it was only during exile that their leaders were able to get organized to do so. They had the support of Apolônio de Carvalho's acquaintances in France, where he was seen as a national hero for having fought in the resistance against Nazism.

316. Manifestation by Mário Alves, the PCBR leader arrested by DOI-CODI in 1970 and murdered by torturers at the Army Police Headquarters in Rio de Janeiro.

317/318. The agrarian issue was a theme highlighted in edition number 2 of Revolution Brésilienne, due to the importance given by PCBR to the struggle in the fields to resist the dictatorship.

p. 160/161

Realidade Brasileira represents a breach in the pattern of publications in exile. Released in 1975 by the base organization of PCB in Italy, the paper attempted to make up for the gap left by Front Brésilien d'Information, with reports and articles on the situation in Brazil in a lighter tone and with a more journalistic approach.

The small newsroom, based in Milan, was run by Maurício Martins de Melo and had the support of Italian journalists and illustrators of publications like L'Unità and Avanti.

321/322. Influenced by the alternative media in Brazil, both in graphic sophistication and editorial line, the paper sought to express the complexity of the Brazilian situation in the second part of the Seventies.

p. 162/163

The magazine Reflexo demonstrates that the exiled leftists did not devote themselves exclusively to long and endless debates on the course of the revolution. It was created in Sweden, in 1978, by Alberto Berquo, Jaime Cardoso, Luiz Carlos Guimarães and Reinaldo Alambert.

332. One of the first feminist publications in exile was released by the European Committee of Brazilian Women, soon after the completion of the UN conference on the topic, in 1975.

333. Boletim do Comitê Brasileiro de Mulheres Democráticas, created as a result of a conference held in Lund, Sweden, in late 1975.

334. The illustration on the poster

edition, the group split, leading to new publications.

324. Fragmento was an offspring of the magazine Reflexo. Published in 1979, it was also short-lived, having only 2 editions.

325. Études Brésiliennes, published in France, opened its pages to top thinkers, such as Nelson Werneck Sodré, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho and Luiz Hildebrandro Pereira da Silva.

326/327. Other Brazilian publications in Europe dedicated to the political, financial and cultural debate.

p. 164/165

European interest in Brazilian culture provided support to the communities of exiles. Records like this, compiled and printed in France and Italy, with regional music, censored sambas and songs, were distributed in large festivals organized during the Seventies by leftist newspapers like L'Humanté, L'Unità and Avanti. They were as successful as the Jamaican rum caipirinha and the feijoada served at the stands of the Brazilian resistance.

330. Culture weeks, like this one that took place in Milan, gave the exiles access to Brazilian movies, plays, concerts and dance shows, as well as debates on national issues.

p. 166/167

Agora é que são elas, a newspaper published in 1979 by the Brazilian Women Guild, is the outcome of a long mobilization process that was initiated in 1975, declared by the UN as International Women's Year.

Gender issues hit the communities in exile hard, in line with the intense debate that was already occurring in Brazil. The creation of a feminist agenda mobilizes several groups in Europe, led by activists like Maria Lygia Quartim de Moraes and Zuleika Alambert.

332. One of the first feminist publications in exile was released by the European Committee of Brazilian Women, soon after the completion of the UN conference on the topic, in 1975.

333. Boletim do Comitê Brasileiro de Mulheres Democráticas, created as a result of a conference held in Lund, Sweden, in late 1975.

334. The illustration on the poster

produced in Milan expresses the dual status of women: wife and worker.

335. The claim that summarizes the feminist agenda in the Seventies: equal rights.

p. 168/169

The last act in exile: the struggle for a broad and unrestricted amnesty. The poster produced by the Brazilian Committee for Amnesty, widely promoted in Brazil and abroad, shows the harmony in mobilizations taking place within and outside the country.

The culmination was a conference in Rome, in 1979, uniting in a large front, representatives of all groups in exile, Brazilian congressmen and political leaders.

And, finally, winning the right to come back home.

337/338. Flyer produced by Amnesty International in Germany. Since its inception, in the early Seventies, the organization devoted special attention to the situation in Brazil.

339. Postcards made in Italy, sent to Brazilian authorities en-masse, demanding amnesty to political prisoners and exiles.

COMINGS AND GOINGS OF A COLLECTION

Ricardo Carvalho

When I was first introduced to José Luiz Del Roio by Sérgio Gomes, at Fernando e Fátima Jordão's home, I liked him from the start. Speaking slowly and convincingly, Del Roio told us, with his typical

simplicity, that over years and years of activism and exile he had gathered a collection of publications and posters, many of which had been produced abroad, and that had never been shown.

Now, this was enough for all of us in the room, mostly journalists and sociologists, to become excited about the possibility of making a documentary of Del Roio's account.

During the ensuing talks, the initial idea eventually grew into a vigorous project to remember the alternative, underground and exiled press from 1964 to 1979, from the coup to amnesty; a task which was taken over by Instituto Vladimir Herzog.

Below you will find Del Roio's account of this amazing collection's comings and goings around the world

until it was lovingly placed at Ceden, UNESP's Historical Archive. "In 1972, at the height of the repressive military dictatorship, Marli Viana, leader of the PCB, was given the task of protecting the party's archives. The idea was

Orlando Bonfim's. The archive was substantially made up of documents collected by journalist Astrojildo Pereira since 1910. Astrojildo was one of the founders of the party in 1922. Marli accomplished the first stage of the task and transferred the archive from Rio de Janeiro to a house in São Paulo.

By the end of 1974, a wave of arrests of PCB militants led the police to the house. History got lucky, for the police were not interested in the files. For this luck not to become a tragedy during a possible second visit, Marli Viana, aided by Matteo Malina, son of the leader Salomão Malina, took the archive from the house in various cars, taking it to several different places: part of it stayed in São Paulo and the rest went back to Rio.

In 1975, Marli Viana was forced to leave the country and Zuleide Faria de Melo was left in charge of the material.

Already in Moscow, and concerned with the safety of the archive, while the party's archive continued on its forced trip around Asia, Lindolfo Silva, founder of Contag and exiled in Prague, took Morena's collection personally to Milan, to the Feltrinelli Foundation. Morena died. Roberto Morena's archive was well organized, made up of thousands of letters and important unionist documentation and covering a time span from 1920 to 1964.

While the party's archive continued on its forced trip around Asia, Lindolfo Silva, founder of Contag and exiled in Prague, took Morena's collection personally to Milan, to the Feltrinelli Foundation. And thus appeared the Historical Archive of the Brazilian Labor Movement (AHSMB), legalized, registered and administered by the Foundation.

Teresa Isenborg, a Feltrinelli family friend who had acquaintances in political and intellectual circles in Italy and Switzerland, was appointed president of the association. Other founders were Giuseppe Del Bo, the president of Feltrinelli Foundation, Italian journalist Virgilio Bacalini, Mauricio Martins de Melo and myself. The first librarian was Angela Maria Ribeiro Galvão.

And, finally, eight months after being shipped from Brazil, Astrojildo Pereira's archive arrived from Asia, and fortunately it was intact.

Very soon our collection at the Foundation became known in Europe

and other collections started to be added to it. Following a suggestion given by Mauricio, we then started to ask Brazilian exiles to send us whatever documents they might have in their hands. And they had: from newspapers of the organizations to which they belonged, to foreign publications attacking the Brazilian dictatorship. The archive became richer and more diversified.

But the crucial support given by the Foundation and the voluntary work performed by a lot of people were not enough to pay for the maintenance of the collection. Help came from Oscar Niemeyer and Jorge Amado; and both also sent along a few important documents. When amnesty came, obviously everyone was quite anxious to come back home as soon as possible.

Meanwhile the Feltrinelli Foundation was not able to keep the archive anymore, mainly because it was occupying a lot of room. Since I stayed longer in Italy, I took the material, everything, to my family's house at Lake Maggiore, where it remained for several years. In 1982, I was able to have all the documentation microfilmed and it was only in 1990 that I brought the archive back to Brazil. Experienced as I was, I left a microfilmed copy in Europe.

In Brazil, the association we had established in Italy made a deal with UNESP, São Paulo State University, and they granted us some room at the Center for Remembrance (Ceden), with the assurance that they would restore, maintain and facilitate its promotion. Formally, the archive currently belongs to

IAP, Instituto Astrojildo Pereira, an institution created to be legally responsible by the collection.

Comme il faut, I would like to thank each and everyone who has helped us from Professor José Enio Casalechi, then the director for the São Paulo State Archive, to Professor Ana Maria Martínez Corrêa, from UNESP.

Bibliografia

- ABREU, A. A. de; ROCHA, D. (Orgs.). *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*. Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ARAÚJO, M. P. N. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- AUGUSTO, S.; Jaguar (Orgs.). *O melhor do Pasquim*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.
- AZEVÉDO, C. *Jornal Movimento: uma reportagem*. Belo Horizonte: Manifesto, 2011.
- BANDEIRA, M. L. G. *Será que ele é? Sobre quando Limpido da Esquina colocou as cartas na mesa*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, P. M. de. *A imprensa alternativa brasileira nos anos de chumbo. Akropolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, v. 11, n. 2, p. 63-66. abr./jun. 2003.
- CAMARGO, S. (Coord.). *A Revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- CAPARELLI, S. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Cortez, 1980.
- CARNEIRO, M. L. T.; KOSSOY, B. (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003.
- COELHO, M. N. G. *O movimento sindical metalúrgico na zona sul de São Paulo: 1974 a 2000*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CRUZ, F. L. da. *Frente Brasileña de Informaciones e Campanha: os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- QUEIROZ, A. C. de B. *PifPaf políticos a partir de 1964/Comissão responsável Maria do Amparo Almeida Araújo et al. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.*
- FERREIRA, V. C. *Entre emancipadas e quimeras - imagens do feminismo no Brasil*. Cadernos AEL, v. 2/3, n. 3/4, p. 153-200. 1995/1996.
- FREITAS, J. R. *Imprensa negra: a trajetória visível*. Rio de Janeiro: Centro de Articulação de Populações Marginalizadas-CEAP, 2009.
- GONÇALVES, R.; BRANCO, C. *O que fazíamos em maio de 1968 no Brasil*, entrevista com Maria Lygia Quartim de Moraes. Revista Medoções, v. 13, n. 1/2, p. 109-120. 2008.
- GORENDER, J. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1999.
- BARROS, P. M. de. *A imprensa alternativa brasileira nos anos de chumbo. Akropolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, v. 11, n. 2, p. 63-66. abr./jun. 2003.
- CAMARGO, S. (Coord.). *A Revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- CAPARELLI, S. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Cortez, 1980.
- CARNEIRO, M. L. T.; KOSSOY, B. (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003.
- COELHO, M. N. G. *O movimento sindical metalúrgico na zona sul de São Paulo: 1974 a 2000*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CRUZ, F. L. da. *Frente Brasileña de Informaciones e Campanha: os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- QUEIROZ, A. C. de B. *PifPaf e Millor: a densidade em tempos de efemeridade*. In: XIII Encontro de História, ANPUH, Rio de Janeiro. 2008.
- RABÉLO, J. M. *Binômio: edição histórica*. 2. ed. Belo Horizonte: Agência Estado, 2011.
- ARMAZÉN DE IDEIAS; Barlavento Grupo Editorial, 2004.
- RIDENTI, M. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RÖLLEMBERG, D. *Debate no exílio: em busca da renovação*. In: QUARTIM DE MORAES, J. (Org.) *História do narizismo no Brasil - partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RÖLLEMBERG, D. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SANTOS, A. D.; JACÓ-VILELA, A. M. *Rádica: passado e futuro*. Revista CEDEM/Centro de Documentação e Memória da UNESP, 13-15, 17-20, 22-33, 36, 39, 41, 42, 54, 58, 72, 75-78, 80, 82, 83, 85, 91-93, 96, 97, 105, 106, 118, 120, 121, 125, 136, 138, 140, 142-148, 150-155, 157-159, 161, 164-178, 184, 193-195, 214-216, 218-237, 239-242, 244-268, 270-315, 317-340
- TORELLY, A., *Almanaque para 1955, segundo semestre, ou Almanaque d'A Manha*. Edição fac-similar. São Paulo: Studioma; Secretaria do Estado da Cultura, 1995.
- KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- KUHNIR, B. *Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- LEMINSKI, P. et al. *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MANINI, D. *A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80*. Cadernos AEL, v. 2/3, n. 3/4, p. 45-67. 1995/1996.
- MARINONI, G. Angelo Agostini: a impresa ilustrada da Corte à Capital Federal: 1864-1910. São Paulo: Devir Livraria, 2011.
- MUZART, Z. L. *Uma espíada na imprensa das mulheres no século XIX*. Revista Estudos Feministas, v. 11, n. 1, p. 225-233. jan./jun. 2003.

Créditos das imagens

- Acervo Iconographia: 14, 16, 21, 34, 35, 43-45, 50-53, 59-64, 66, 67, 69, 73, 74, 99, 102, 108, 111, 139, 141, 149, 151-153, 163, 179, 182, 183, 187, 208, 210, 238, 243, 316
- Agência Estado: 162, 201
- Agência JB: 185/A. Teixeira, 186/Calazans, 192/Ybarra Jr.
- Arquivo Elson Martins: 112-116
- Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: 109, 110, 117, 119, 122, 123, 126-130, 132-134, 156
- Arquivo José Maria Rabelo: 46-49
- Arquivo Instituto Vladimir Herzog: 86-89
- Arquivo Movimento: 81, 84, 181, 188
- Arquivo O São Paulo: 103, 104, 107
- Arquivo O Pasquim: 180
- Biblioteca Guita e José Mindlin: 8-12, 37, 38, 40, 131, 269/Reprodução Lucia Mindlin Loeb
- CEDEM/Centro de Documentação e Memória da UNESP: 13-15, 17-20, 22-33, 36, 39, 41, 42, 54, 58, 72, 75-78, 80, 82, 83, 85, 91-93, 96, 97, 105, 106, 118, 120, 121, 125, 136, 138, 140, 142-148, 150-155, 157-159, 161, 164-178, 184, 193-195, 214-216, 218-237, 239-242, 244-268, 270-315, 317-340
- Coleção Carlos Azevedo: 217
- Coleção José Mauricio de Oliveira: 135, 137, 160
- Coleção Luis Nassif: 124
- Coleção Luiz Alberto Zimbarg: 65, 68
- Coleção Martha Alencar: 71
- Coleção Tête Moraes: 70
- Folhapress/cortesia: 189-191
- Fundação Biblioteca Nacional: 1-7, 55-57
- Fundação Mauricio Grabois: 213
- Secretaria de Direitos Humanos/Exposição A ditadura no Brasil 1964-1985/Reprodução: 196

"Resistir é Preciso..."

coordenação geral

Clarice Herzog

contexualização

Ivo Herzog

conteúdo

Ricardo Carvalho

contexto

José Luiz Del Roio

pesquisa

Vladimir Sacchetta

colaborador

Luis Alberto Zimbarg

editor de texto

José Mauricio de Oliveira

consultor

Carlos Azevedo

projeto gráfico

Kiko Farkas e Mateus Valadares/

Máquina Estúdio

designer assistente

Adriano Guarneri

fotos

Nivaldo Silva

revisão

Dida Bessana

tradução

Marina Mariz

Kate Murphy

transcrição

Walter Tabax

apoio

Filo Silva

Mariana Lombardi

Michele Alves

CTP, impressão e acabamento

Ipsis Gráfica e Editora

ISBN 978-85-65059-00-8

As capas desta história

editor

Ricardo Carvalho

contextualização

Clarice Herzog

conteúdo

José Luiz Del Roio

pesquisa

Vladimir Sacchetta

colaborador

Luis Alberto Zimbarg

editor de texto

José Mauricio de Oliveira

consultor

Carlos Azevedo

projeto gráfico

Kiko Farkas e Mateus Valadares/

Máquina Estúdio

designer assistente

Adriano Guarneri

fotos

Nivaldo Silva

revisão

Dida Bessana

tradução

Marina Mariz

Kate Murphy

transcrição

Walter Tabax

apoio

Filo Silva

Mariana Lombardi

Michele Alves

CTP, impressão e acabamento

Ipsis Gráfica e Editora

ISBN 978-85-65059-00-8

M

a

P

K

A

tiragem: 1.500 exemplares
capa: Supremo alta alvura 300 g/m²
niolo: Eurobulk 150 g/m²
fonte: Nexus Typewriter

A IMPRENSA ALTERNATIVA, CLANDESTINA E NO EXÍLIO, NO PERÍODO 1964-1979 (DO GOLPE À ANISTIA)

as capas desta história



M

G

U

D

c

e

U

J

G

as capas
desta
história

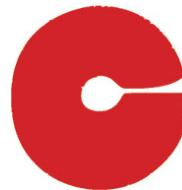
organização

RICARDO CARVALHO
coordenador

JOSÉ LUIZ DEL ROIO

VLADIMIR SACCHETTA

JOSÉ MAURÍCIO DE OLIVEIRA



patrocínio



realização

